CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

...CO
...20

IV — Doze C...
V — O Esqu...
VI — O Bem ...
VII — O Senh...

NOVA C... A

A 50 RE...

V...

N.º 1 — Port-Ta... tarin) 1 vol, de 176 pagi...
N.º 2 — D. Carl...
N.º 3 — Madame ... e 200 paginas.
N.º 4 — Sapho, ...
N.º 5 — Negro e ... pag.
N.º 6 — O senador Ignacio, de Th. Cahu *(Théo-Crit)*, 1 vol. de 210 paginas.
N.º 7 — Jettatura, de Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.
N.º 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens, 1 vol. de 160 paginas.
N.º 9 — O canteiro de Saint-Point, de Mamartine, 1 vol. de 180 paginas.
N.º 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.
N.º 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.
N.º 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.
N.º 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.
N.º 14 — O tanoeiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.
N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert, 1 vol. de 170 paginas.
N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet, 1 vol. de 200 paginas.
N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

*N.º 1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon**, seguidas de *Tartarin nos Alpes*; por A. Daudet.
* N.º 2 — **Pedro e João**, por Guy de Maupassant.
* N.º 3 — **Sergio Panine**, por Jorge Ohnet.
N.º 4 — **O Sonho**, por Emilio Zola.
N.º 5 — **Soror Philomena**, por Edmond e Jules Goncourt.
N.º 6 — **O medico assassino**, por Octavio Féré.
N.º 7 — **Os milhões vergonhosos**, por Heitor Malot.
* N.º 8 — **O amigo Fritz**, por Erckmman Chatrian.
N.º 9 — **Vogando**, por Guy de Maupassant.
* N.º 10 — **Um romance de mulher**, por Pierre Mael.
* N.º 11 — **Vontade**, por Jorge Ohnet.
* N.º 12 — **O Nababo**, por A. Daudet.
* N.º 13 — **Um coração de mulher**, por Paul Bourget.
* N.º 14 — **Beatriz**, por Rider Haggard.
* N.º 15 — **O crime**, por Gabriel d'Annunzio.
* N.º 16 — **Lise Fleuron**, por Ohnet.
N.º 17 — **Os dois rivaes**, por Armand Lapointe.
N.º 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.º 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.º 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!...** romance, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!...** rom., por Iveling Ramband.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins.
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

IX

A MULHER FATAL

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A MULHER FATAL

ROMANCE

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1902

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

NÃO sobrevieram acontecimentos, no espaço de tempo decorrido entre a primeira e segunda edição d'este livro, que merecessem escriptura e immortalidade. Póde ser que a personagem glorificada no ultimo capitulo se haja feito heroina d'outra novella; mas o author, sequestrado da sociedade onde ainda viçam e medram heroinas, vive emboscado n'umas brenhas de serra onde não chegam os lampejos das tempestades sociaes, umas funestas, outras ridiculas. O pudor proprio dos seus annos muito adeantados não lhe deixa especular em vidas alheias, mormente umas que não levam a prôa posta ao porto do arrependimento. O que elle souber, sem o perguntar, lá ao adeante na decima edição d'este romance se contará com o costumado melindre e resguardo dos bons costumes.

Assim o promette o author.

INTRODUCÇÃO

NÃO conto comigo para destramente me desempenhar de empresa litteraria, em que se faz mister mais mocidade de coração que lettras bem ajuizadas.

E' materia — se pode com tal nome envilecer-se o que ahi ha mais subtil e espiritual — é materia, isto d'amores, para mui serias considerações em homem dos meus annos.

E, se os amores vem d'azas quebradas e envoltas nas escomilhas do luto; se, em vez de grinaldas de rosas, cingem cypreste; se lhes alvejam a tiracolo caveiras em vez de aljavas, e lá dentro estiletes ervados em vez de flechas de oiro, — emfim, amores negros, amores abominaveis, — maior dever me corre de ser sisudo, elegiaco e espantador de paixões.

Conheço-me. Dei o primeiro passo na senda da sabedoria, segundo Cicero: *se ipsum nosce*. Cavei

com utilidade no preceito: *Nosce te ipsum*. Sabia felizmente um pouco latim para me entender mais depressa.

A minha raiva ao planeta em que estou é acerba; mas fica muito áquem da misanthrophia. Em rapaz fiz de Heraclito, quando não conhecia melhor do que hoje este grego que aforou as lagrimas com honras de escola de philosophia. De tal philosopho, coisa que sirva só temos o boato de que declamava e chorava em publico. Hoje em dia, um homem com esta sensibilidade era levado ao commissario de policia.

Por mim e pelos meus visinhos tambem eu chorei.

Eis que desce a geada de muitos invernos a nevar-me, o frio a filtrar, a temperatura dos liquidos a descer, o sangue a coagular-se, e logo o cristalisar das lagrimas no coração como as concreções vitreas d'uma caverna.

Principiei a rir, á vezes.

Rir é contrairem-se o diaphragma e os musculos faciaes. Operação materialissima, muscular, carnal, e que nenhum outro animal exercita.

Claro é que o rir é attributo do ser racional.

A par e passo que a rasão se allumia e fecunda, as contracções musculares amiudam-se. Raciocinar é rir. O acume da sabedoria humana é vêr os reversos das tragedias sociaes; lá está por força a comedia. A ignorancia que esterilisa, e mirra, e encalvece é a que só deixa vêr uma face da medalha.

Eu não cheguei ainda aos pinaculos da sabedoria.

Vou subindo.

Subir é ir um homem desdando os nós que atam a dôr estranha á sua: é ir tirando ás coisas tristes

a sua essencia lacrimavel, por feição que o *sunt lacrimæ rerum* de Virgilio não se perceba.

O rir, porém, do animal philosopho não é a casquinada saloia do bipede implume de Platão que vaga á tôa e á tuna, sem casta de philosophia nenhuma.

Ha ahi um gargalhar que a sciencia denomina «spasmo cinico» ou «de cão», um exhibir das arcadas dentarias até aos condilos. E' o caretear bestial da canalha. E' o que os inglezes chamam «rir de cavallo» *horse laugh.* Ha tambem o rir chamado «sardonico» — o rir d'uns que comeram o fabuloso rainunculo da Sardenha. Ora entre nós os que d'esta arte destampam gargalhadas não comeram rainunculos: é gente embuchada de feijão branco e orelha de cevado. Essa hedionda deformidade caracterisa estupidez quasi sempre malevola; corresponde ao espojar-se, se o rir é meramente bruto, e ao escoucear, quando é bruto e mau.

Não riram assim Democrito, Aristophanes, Esopo, Marcial, Petronio, Aretino, Gil Vicente, Erasmo, Sterne, Rabelais, Charron, Molière, Voltaire, Tolentino, Byron, Heine.

D'estes, alguns, senão todos riram dos homens e dos deuses.

E o ultimo nome, que cerra a phalange, consubstancia todas as calamidades comprehensiveis desde o jazer do paralytico cego até á theophobia—o horror de Deus. E, assim mesmo, como elle adivinhou o sorrir de Satan a despenhar-se das regiões da luz onde o Summo-Bem permittiu que se gerassem anjos soberbos! Vejam a superrima vingança d'aquelle Prometheu que recurva os dedos nos fuzis da gargalheira que o amarra, oito annos, a um leito,

e do estridor dos ferros sacudidos modula o sinistro arpejo das suas gargalhadas sarcasticas! Como Lucifer invejaria o gentilissimo demonio que retransido das agonias da nevrose, todo trevas dentro e fóra, creava a paradoxal harmonia do gemido com a risada!

E' preciso ter chorado para immortalisar o riso no livro, na strophe, na sentença, na palavra:

O riso que escava. mina e alue theogonias;

O riso que desfaz religiões, cujo berço boiou embalado sobre ondas de sangue;

O riso que abate a abobada do templo sobre as ossadas dos martyres;

O riso que revolutea as tormentas dos imperios, e abysma thronos, e espuma espadanas de lama — lama com que as gerações erigem os seus marcos milenarios, as suas chronologias gloriosas.

*

*   *

Oh! Mas que susto não faria aos próceres, que regem a republica, e aos sacerdotes que regem almas, o rir do demagogo e do atheu, se, a cada chasco d'uns taes, ruissem thronos e altares?

Nada de medo em Portugal.

Aqui o dardo do sarcasmo alcança apenas o scôpo onde a calumnia mira. As gargalhadas, como aqui as vascolejam estas maxillas alvares dos goliardos professos, vingam marear a honra d'um homem, desluzindo-lhe o passado, ennoitando-lhe o futuro, infernando-lhe o santuario da familia. Isto é o mais. Receal-as, todavia, como attentorias das instituições civis ou religiosas, seria dar-lhes a honra de ridicularisarem quem as teme.

Aqui não ha esgrima de facecia que entre dois contendores decida um pleito util. Dois homens que se medem e floreteam a remoques são dois fundibularios que se apedrejam.

Ninguem se lembrou de inscrever algum dos nossos satiricos na pleiade dos que, rindo, castigaram. O espirito portuguez nunca espantou ninguem. A bruteza carniceira, sim. Assevera-o o douto e pio bispo Amador Arrais «Espanta-se o mundo e tem inveja á nossa ferocidade.» Isto escreveu-se, de boa fé no seculo XVII entre a inquisição e a pirataria portugueza no Oriente.

Quando Rabelais e Montaigne forjavam alavancas para Voltaire — o vidente que transfigurou a Europa — nós queimavamos homens em cujas frontes lampejavam reflexos de João de Leyde ou de Petrus Ramus. Quando, em França, rumorejavam os sorrisos prenuncios do terremoto social, aqui ouvia-se o mugir subterreo das masmorras d'um cruelissimo verdugo que disputava á inquisição trevas e supplicios para centralisar a ferocia do poder em si, e esteiar o throno nos caibros da forca. Para o riso, que assombrava o dogma, accendia-se a fogueira: para o que assombrava a realeza, arvoravam-se os patibulos de Belem.

D'ahi procedeu que portuguezes ainda têm n'alma crepusculos d'aquella grande noite. Não sabemos rir com «espirito»; apenas gargalhamos com os queixos.

Sem embargo, implantou-se entre nós uma coisa creada pontualmente para nós. Chama-se a «chalaça», que já deu uma filha estupida como sua mãe, chamada a «laracha».

Mãe e filha vivem abarregadas com uns chanceadores lettrados da indole dos «eternos tolos» de Tertulliano.

*
* *

Aos quaes peço indulgencia, se a merecem as tortuosidades por onde me transviei, degenerando d'aquella derreada prosa com que abri esta coisa alabyrintada.

Era meu proposito dizer espalmadamente que, ha vinte annos, comecei a ver as duas faces dos lances tristes: uma que intende com as glandulas lacrimaes, outra com o diaphragma. Primeiramente, se não chóro, condôo-me; depois, esgaravatando na raiz das dôres humanas, encontro ahi ou sedimento de perversidade ou ridicularias miserabilissimas. Então é o rir. E, afim de que os padecentes me desculpem, rio primeiro de mim.

D'ahi se causou que os meus livros, entre muitos defeitos, realçam em um que tem ferido a benevolencia da critica: e é que não conservo, sem intercadencias desvanecidamente faceciosas, uma situação plangente, e amarguro com o acerbo da ironia a dulcidão das lagrimas.

E' justo o reparo.

E n'este livro me quer parecer que tal defeito subirá de ponto; por que vou intender em tragedias amorosas, n'esta edade de quarenta e trez annos feitos, velhice em que nenhum escriptor sincero, obediente a Horacio, deu aos seus leitores o exemplo das lagrimas. *Si vis me flere*, etc.

D. Francisco Manuel de Mello, em annos sédi-

ços, escreveu uma *Epanaphora amorosa*. Succede, por isso, ao estremado estylista que faz rir a gente quando os seus personagens choram. E' o providencial castigo de quem anda, fóra da rasão, á cata de flores, ou intenta com mirradas perpetuas dar fragrancia de tomilhos ao livro que resumbra o acre enjoativo do bolor.

E d'isto me pêsa; que este livro abrangerá um tristissimo caso que me fez envelhecer annos na hora em que o vi. Que profanação, se o riso me ante-pozer os phantasmas irritados das almas insepultas!

*

* *

Creio que, ao fechar d'algumas sepulturas, se abrem livros de proveitoso doutrinamento ao de cima d'ellas.

Mas quem procura ahi fontes de vida?

Quem se demora a ver a ladeira por onde resvalou á leiva humida um mancebo com o coração ainda a queimar-lhe a mortalha?

Por isso as historias dos mortos se escrevem, e este livro se faz.

E', todavia, inutil.

A mocidade não lê d'isto para aprender. Atira-se á voragem e morre — á voragem, onde o menos que se perde é o corpo.

O coração não se afoga debaixo da pedra onde as cinzas d'outros se desfazem. Cada qual quer sentir, em pessoa, o desfibrar-se-lhe o coração fio a fio, o esvasiar-se-lhe de piedade, lagrima a lagrima.

Depois, ao fogo das volupias infernaes, d'essa massa informe faz-se o pragal, a brutesa d'uma coisa que dá um som asperrimo de lôdo petrificado.

Seja assim. Eu assim fui. Todos os que eu vi morrer assim foram.

I

Orfandade

Conheci Carlos Pereira (*) em 1849.

Apresentara-m'o José Barbosa e Silva, no hotel francez da rua da Fabrica.

Foi ha vinte annos. Barbosa e Silva e elle eram alumnos do collegio da Formiga, nos arrabaldes do Porto. Barbosa estudava allemão. O outro, nada.

Lembram-me pormenores d'aquella noite de apresentação.

Estava tambem Evaristo Basto, o principe dos folhetinistas d'aquelle tempo.

Estava José Maria Gonçalves, a satyra caustica, mas gentil e perfumada dos salões.

Estava mademoiselle Pauline, filha do dono do hotel, dama de trinta annos, espirito francez e ma-

(*) Pseudonymo.

teria não desattendivel sem os realces do espirito.

Estava, emfim, mademoiselle Marie Elesmine, mulher de quarenta e dois annos, que vigiava os trinta de Paulina, sua irmã.

O ar do meu quarto incommodava os hospedes. Eu tinha dez jarras de flores sobre uma estantinha de livros, sobre a banca de escripta, e á cabeceira do meu leito. Removi-as com amoroso respeito e escrupulo.

Era um lindo quarto o meu, lindo e rico de tantas porcelanas, e flores que vinham cada manhã d'uns hortos d'Armida onde as cultivava uma alma que as entendia, e com ellas fallava.

Vinte annos depois os olhos da minha saudade vão á rua da Fabrica, e procuram o hotel francez.

Era um palacio que ardeu ha quinze annos. No sitio d'elle está uma casa de azulejo, onde mora um tabellião, uma philarmonica, uma taverna, um carpinteiro e um bazar.

O dono do hotel morreu.

Mademoiselle Marie afogou-se voluntariamente.

Mademoiselle Pauline mendiga nas ruas do Porto.

José Barbosa e Silva morreu ha trez annos.

Evaristo Basto morreu ha quatro.

José Maria Gonçalves morreu doido, ha dez.

A doce alma que colhia as flores já não vê reflorir primaveras os bolbos que ella semeou. Ha sete annos que, ao cair da folhagem das suas acacias, por uma tarde fria de novembro, foi aquecer-se ao calor do céo, e não voltou.

Carlos Pereira morto é tambem.

Que admira! Foi ha vinte annos! Que longo espaço! Em vinte annos enfolha, enflora, fructêa e fenece uma geração.

Mas é pena! que todos contavam com tanta vida!

E alguns tinham pavor da velhice dos quarenta annos!

*

* *

Carlos nascera no Brazil. Pae e mãe lhe tinham morrido no Porto, e no mesmo anno. Os administradores do seu patrimonio mandaram-n'o educar no collegio da Formiga.

Que tristeza! aos nove annos, de subito atirado para alli, orfão, e, ainda a chorar, mettido n'aquellas estranhesas d'um collegio, por ordem d'um conselho de familia que o não viu, e d'um tutor que nem sequer lhe conhecêra os paes...

O menino entrou com o spasmo da angustia nos olhos. Ninguem deu tento da pallidez, nem do luto. Foi mandado sentar se numericamente no banco escolar e no refeitorio. A' noite mandaram-n'o apagar a luz e dormir. Ao outro dia mandaram-n'o erguer e estudar. O orfão ainda não tinha adormecido. O travesseiro estava humido, e os olhos cavados n'um circulo côr de chumbo, e as faces purpurejadas de febre.

Quinze dias antes tinha mãe, que expirara ética estendendo-lhe os braços escarnados, e soluçando: «Ficas sem o amor de ninguem! Sósinho, o meu querido Carlos! Que será de ti!...»

E tão sósinho! Que infernal seria o céo á pobre mãe, se ella visse de lá o filho! Com que ternura diria a Deus: «Eu quizera antes voltar ás duras provações da vida! Dae, Senhor, que eu desça á terra por que o meu filho está só, e os vossos anjos não

são mais formosos que elle, nem me chamam mãe!
E se esta separação, meu Deus, me é necessaria á salvação, dae o meu logar a quem não deixou na terra o melhor de si, e deixae-me amparar a creancinha embora me perca; por que vós, Senhor, só concedestes a cada innocente um coração de mãe, e não fazeis o milagre de aquecer os frios do orfão no regaço carinhoso d'outra mulher!»

Não póde ser assim, meu Deus! Lá em cima não podem entrar memorias d'esta vida. Os orfãosinhos cá em baixo empallidecem de fome e frio? Não importa: esquecem pae e mãe, providencialmente. O esquecer da vida que fica não nos persuade da inconsciencia da vida que se transformou? Dôr suprema e eterna seria para os paes, se a alma evolasse com a consciencia do que foi.

Não póde ser assim.

O coração que palpitava, o nervo que estremecia, os braços que estreitavam ao seio, os labios que aqueciam a beijos, os olhos que viam os seus encantos ao travez de grossas lagrimas, tudo isso é podridão que ahi fica. Ai! e que não fosse assim! A alma immortal, com as reminiscencias d'esta vida, com a visão dos filhinhos alanciados por saudade, pobresa, e desvalimento, seria... não lhe sabemos o nome.

*

*   *

Carlos esqueceu-se.

Ao cabo de seis mezes já não chorava. As horas de folga sorriam-lhe nas do estudo; as do estudo entristeciam-n'o nos brinquedos.

Nas férias grandes, ficou no collegio com mais

trez orfãos. Eram quatro que se entre-olhavam melancholicos, quando os outros partiam doidos de alegria. Não diziam nada com os labios; mas no coração de cada um espelhava-se a imagem de pae e mãe, rostos ainda retintos das côres da vida, um anno, dois annos antes: «Se elles vivessem, tambem eu iria!» A sua saudade não diria mais, e as lagrimas, pouco depois, lh'as enxugaria a bondade de Deus, divertindo-lhe o espirito para qualquer puerilidade que nós não entenderiamos.

Quantas vezes, pensaes d'um menino que brinca, ainda vestindo lutos de orfandade: «Coitadinho! não tem pae nem mãe!»

E elle sorri sem perceber o vosso olhar compassivo.

E vós perguntaes á creança:

— Lembra-se de seu pae? e de sua mãe?

Elle recolhe-se, e diz com tristeza:

— Lembro!

Oh! não lh'o pergunteis. Deixae-o brincar; deixae-o esquecer; que é compaixão inutil a vossa, e crueldade grande chamar-lhe aos olhos lagrimas. A Providencia quer que floreçam n'essa alma algumas primaveras; por isso lhe deu o esquecer-se. Se elle se sentisse já infeliz, então que álgidas negridões de inverno, que desamor de Deus por essa creatura sem peccado! E' preciso que elle, lá no dobrar dos trinta annos, se recorde d'estes dias tão escuros com saudade.

E Carlos Pereira, quando eu o conheci com vinte annos, já se recordava d'elles como dos melhores da sua vida! Saudade aos vinte annos! que rugas d'alma tão precoces!

II

Primeiro amor

TENTO escrever este capitulo em dia de frigidissima inverneira. Pegões de nordeste vem sacudir suas azas fuscas contra a janella do meu quarto, embaciada da chuva que crepita e escorre nos vidros. Os cabeços das serras, que cingem os matagaes onde me abrenhei, negrejam atravez das nuvens cinzentas. Por entre as quebradas, e das carcavadas gargantas dos despenhadeiros, levantam-se rôlos de nevoeiro alvacento que os bulcões de ventanias cruzadas rasgam e dispersam em espadanas de agua gelada. Amenissimo dia para escrever d'um primeiro amor! Tarde fragrante e tépida como as de Florença, do Lido, de Cintra! Donosa e inspirativa natureza!

Branquejou agora uma clareira do céo desanuviado! Que côr tão livida! Que frio lá irá no alto, nas visinhanças do sol pallido que entreluziu apenas,

em quanto uma nuvem se abria redemoinhada pelo furacão!

Relampago de sol em dia tempestuoso, quando não és tu que me dás a imagem dos prazeres d'esta vida, procuro-a na terra, e encontro-a nos pyrilampos que avoejam na escuridão das sepulturas e subito se apagam. Dos meus prazeres, digo; que eu sei que ha ahi harta embriaguez das tuas delicias, ó terra! ó alma mater de tanto mollusco lerdo para quem o sol e a claridade são inuteis n'uma d'estas tardes de fogão flammejante e flácida poltrona!

E esses não escrevem capitulos de primeiros amores.

Amam e são amados, nos primeiros como nos ultimos, com a mesma despesa de sensibilidade, sempre em pleno maio — o perpetuo mez d'elles—espojando a imaginação nos ervaçaes, onde lhes verdeja a leituga, o trêvo e a ferran. Não se molestam á cata de boninas alpestres por alcantis e desfiladeiros para engrinaldarem seus primeiros amores. Antes querem adormecer, bem sevados, sobre o seio da realidade que despertar palpitantes do sonho em que o anjo da annunciação murmúra o nome da primeira mulher. Conciliam hygienicamente a chilificação do bolo alimenticio com as serenas meditações dos prós e contras da ternura. Como os seus primeiros assomos cupidineos são influencias animaes, a alma não tem que intender com esses impulsos muito mais galhardos no garboso animal que relincha farejando as brisas, e mais lyricos no rouxinol que festeja a namorada com uns trilos maviosos que já um poeta francez traduziu com nominativo, verbo e caso.

*

* *

E' o primeiro amor uma estranha commoção vagamente deliciosa, uma prelibação de delicias celestiaes, um sentir muito á flor d'alma a essencia do amor divino.

N'estas definições ha, talvez, demasiada theologia. Quem ama, pela primeira vez, não sente similhantes allianças de divino e humano. Faz-se mister amar vinte vezes, e ter envelhecido á decima oitava, para destrinçar da confusão cahotica das multiplicadas imagens, que se refundiram umas n'outras, a luz um tanto divina da primeira.

N'este, por assim dizer, periodo mythologico do coração, encontrei Carlos Pereira em 1849.

Era portuense a menina, de familia distincta, bem aparentada, bem servida das graças, e mal da fortuna que as sobre-doura.

Os vinculos eram do irmão; a ella bastava-lhe a honra de descender d'uma prosapia de varões que fundaram vinculos no seculo XV.

E como no seculo XV até ao XIX os filhos segundos de cada geração ficassem reduzidos aos alimentos, e estes não tivessem alimentos que legar aos seus filhos, era de presumir que taes fidalgos de 1849 tivessem muito parente artifice, obreiro e peior.

Mas a familia dos Carvalhaes (*), a este respeito, não achava sufficientes esclarecimentos nos seus tombos genealogicos. Em heraldica, do quarto gráo para além não ha parentes: salvo se o proletario, em

(*) Pseudonymo.

sexto gráo de parentesco, mandou filhos chatinar na America, e estes voltaram com o sangue azulado, beneficio devido á transfusão do sangue de negros.

A nossa fidalguia de raça, aqui ha oitenta annos, pejava se e escondia-se de proceder, em grande parte, dos commerciantes Lafetas, inquinados de hebraismo.

Hoje em dia, o representante directo de Juda de Kerioth casaria em Portugal com a representante de D. Pedro de Castilho, ou d'outro inquisidor geral mais rancoroso de judeus, com tanto que os vinte dinheiros da traição, no dobar de dezenove seculos, cumulassem nos cofres de seu neto o juro a vencer desde a prisão do divino Mestre.

*

* *

O pae de Laura de Carvalhaes, casquilho de 1820, e elegante em 1849, era um amavel velho, chasqueado dos seus coevos, e querido da mocidade. Instruira-se com o congregado Theodoro d'Almeida, em Lisboa, na casa do Espirito Santo; e sahiu d'alli com mui differente espirito d'aquelle que patrocinava a casa dos seus estudos sagrados e profanos. Toda a physica aprendida com o sabio oratoriano abastardou-a o discipulo em physica experimental, da laia de Pangloss.

Casára com sua prima D. Epiphania, herdeira rica e tanto ou quê endiabrada de condição. Paulo de Carvalhaes seria infeliz, se attentasse na sua vida seriamente, ou pretendesse dar exemplo de marido honesto. O seu demonio aconselhou-o como amigo. Encouraçando-o do fino aço do despreso contra os

dardos da esposa, convenceu-o de que Socrates era ainda hoje reputado um parvoeirão por deixar-se agadanhar em corpo e alma por certa Xantippa.

Dotado de philosophia menos socratica e mais ao lume do seculo, o discipulo do congregado abriu o coração a todos os ventos tempestuosos, guardando apenas os ouvidos para as borrascas domesticas. O trem de vida que elle viveu, por espaço de trinta annos, tresandou escandalos de que ainda se lembram varios maridos. Depois, como D. Epiphania morresse abafada de ciumes, ou d'um fleimão, segundo a sciencia, o viuvo deu se mais aos cuidados caseiros e á educação um tanto serodia do morgado, e de duas filhas.

Uma das quaes, requestada por certo argentario de infimo nascimento, deixou-se levar da ambição, e authorisou o negreiro a pedil-a ao pae. O affavel fidalgo fallou d'este teôr ao ricasso:

— Não me opponho; mas aconselho. Minha filha hade arrepender-se. Escuso dizer que vossa senhoria se arrependerá. A sua figura dá ares d'uns quarenta annos bons... se não me engano.

— Tenho quarenta e dois.

— E ella dezoito. Queira pensar n'isto. Quando minha filha tiver vinte e oito, quantos tem vossa senhoria? Eu em contas sou pouco prompto...

— Heide ter cincoenta e dois.

— Cincoenta e dois! ora veja lá! E quando ella tiver trinta e seis... tem vossa senhoria?...

— Sessenta.

— A velhice, cercada das furias que se chamam dispepsia, paralysia, gôta, etc. Uma enfermeira de trinta e seis annos, n'essa edade, convem-nos, com tanto que não seja nossa mulher. Queira pensar

n'isto... Fui marido como quasi todos, fui homem como poucos em estudar os costumes do meu tempo — que vão peorando —; mas sou bom pae. Não casei por minha vontade; e valeu-me, para affrontar e vencer a desgraça, dispensar-me da auréola de martyr, e peccar bastante. Diz lá um hymno da egreja: *feliz culpa.* Fui vivendo soffrivelmente, e tive o desgosto de enviuvar, quando minha mulher e eu envelheciamos e já tomavamos o chá sem esmurraçar a bandeja. Amestrado pela experiencia, volto a dizer-lhe que sou bom pae. As minhas filhas hão de casar á vontade d'ellas; mas, ainda assim, heide aconselhal-as como amigo. Porém, umas coisas que não devo dizer a minhas filhas, digo-as aos que as pretendem, se elles estão na edade em que a natural prudencia os desampara e deixa de olhos empoeirados como aos vinte annos. Vossa senhoria está no caso. Conjecturemos, entretanto, que não demovo vossa senhoria nem minha filha do indiscreto intento de se casarem. Desvio-me e deixo-os passar. Não querendo eu ter parte na responsabilidade da cruz em que vossa senhoria e ella vão crucificar-se, lavo as mãos como Pilatos.

O ricasso saiu penhorado das attenções do dono da casa; e, quando poz o pé no estribo da sua caleche, tirada por hanoverianas que escarvavam irrequietas, olhou para as janellas, e viu a loira Julia com a face apoiada na mão e os olhos envidraçados de lagrimas.

A dolorida tinha escutado o pae, e agourára mal do silencio do noivo, que se lhe figurou parvo. Elle, porém, arregaçára os beiços por modo que deixou entrever um coração resolvido.

Depois, o velho, agradavelmente assombrado,

conversou com a filha, ácerca do seu casamento, insistindo menos no delicado assumpto das edades, e bastante na falha de educação de um homem, que saíra em rapaz para Africa, e lá vivêra em navios, e sertões, e portos de mar, veniagando as suas mercadorias de carne viva com alma e feitio á semelhança do Creador.

Julia respondeu:

— Eu heide dominal-o e polil-o.

O pae riu-se do grutesco da resposta, e tregeitou como quem lava as mãos.

Casaram.

*

* *

Corridos trez annos, o negreiro, perdida a mão de verniz que lhe déra o milagroso amor, desnudou-se qual saíra das brutas entranhas da natureza. O polimento de Julia não pegava na aridež d'aquella epiderme curtida ao sol de Mossamedes. A esposa definhava-se no desalento, face a face do selvagem que se enfuriava quando via os formosos vinte e um annos da mulher contemplada com petulante admiração no theatro.

Inventou rheumatismo para não ir ao theatro.

Fez-se atheu para não ir á missa.

Vendeu as eguas para difficultar as saidas de casa.

Deixou amontanhar os callos para não poder calçar botas d'um cyclope, e ficar ao fogão a beliscar na paciencia da esposa.

Cançada de resignação, Julia queixou-se ao pae.

Ora um pae não lava as mãos, onde uma filha chorou, por mais Pilatos que se finja.

Escutou-a, magoou-se e disse-lhe:

— E' preciso lutar. Nada de polimento, agora quer-se plaina na madeira, e ir desbastando n'ella até por fim topar camada lisa onde pegue o verniz. Ergue-te iracunda, bate-lhe o pé, e diz: «quero». Se elle te injuriar com palavras, injuria-o com a gargalhada; se te pozer a mão, dize-lhe que nas cavallariças de teu pae ha lacaios e tagantes.

Fidalgos espiritos! A humilde Julia destampou na mais altaneira vingadora de pretas que ainda viu negreiro! O homem, em menos d'um mez de cabeções, curou-se do rheumatismo, adelgaçou as protuberancias pedestres, voltou ao christianismo, e recomprou as eguas, para poder fugir de casa. E, em menos d'um anno, Julia, com o anteparo dos lacaios de seu pae, e a cortez indifferença da sociedade, entendia e fazia entender ao marido que a velhice não gosa impunemente a faculdade de ser nescia.

E Paulo de Carvalhaes, quando algumas velhas primas lhe diziam:

— Primo, rosna-se da nossa Julia...

— Rosna-se?! — acudiu elle...

— Sim... O marido não desconfia; mas...

— Mas as primas desconfiam?

— Pelo que ouvimos...

— Eu não sou mais esperto que o marido; e vossas excellencias devem fingir que são mais tolas do que elle e eu.

Amavel velho!

E a sociedade não gostava d'elle, porque formulára á filha a mesma receita que o tinha salvado da cachexia d'alma!

Mas a razão efficaz do odio ao libertino antigo

era porque elle conhecia as mães das libertinas modernas.

*

* *

Laura, a outra filha, escutava as tias com ares de mui pesarosa e envergonhada. E dizia, com gestos de Sophonisba, que o padecer e morrer louvada e admirada, era heroismo; em quanto que a alegria criminosa de sua irmã, o pompear nos trens e sêdas, o levantar-se da lama sómente á altura do eixo da carruagem, causava-lhe grande amargura e vexame. Sentimentos dignos de suas quartas avós!

E o pae, a fim de consolal-a, dizia-lhe:

— As modas, ou feias ou ridiculas, é mister acceital-as. Não te queiras fazer pomba de expiação com a tua melancholia. A sociedade é que fez isto, pondo o negreiro á altura de tua irmã, ou abatendo-a á baixeza d'elle. Instituiu-se o feudalismo do dinheiro. Envileceram a gerarchia de raça para nobilitarem as industrias. O dinheiro enfeirou corpos de mulheres, sem condicionar a existencia d'almas bem formadas n'esses corpos, nem o exemplo de virtudes como herança. Obteve o que comprou. Lá o tem. Se a sociedade alluiu os deveres proprios da educação, exaltando e condecorando a ralé que não tinha rudimentos de moral, soffra-lhe, se é que soffre, os resultados. O millionario que se doe do ultrage, compre diplomas de estima publica; isso é facil: dê banquetes, embriague os convivas para a vertigem do baile: lá irá tudo, desde a honra que se vendeu até á honra que se almoeda.

Pendo a crer que a donzella entendesse o immoral fundamento d'estas razões; mas a leitora, cujo

coração se confrangeu ao áspero som d'aquellas ruins palavras como a incauta avesinha estremece ao longinquo rolar da trovoada, é que de certo não entende.

Laura parecia ir ganhando odio a homens, e nomeadamente a brazileiros, a africanos, á colonia de capitalistas que infestava então a cidade da Virgem, como empenhados em provar, honesta e deshonestamente, que a cidade, sendo da Virgem, só hyperbolicamente poderia chamar-se *das virgens*.

*

* *

N'este entretanto, Carlos Pereira, em férias no Porto, foi apresentado por seu condiscipulo Luiz dos Carvalhaes ao pae e á mana Laura.

Carlos era um gentil moço. Não me demoro a descrever-lhe as graças por miudo. E' uma usurpação, e, peior ainda, um máo gosto, quasi a fazer tedio, isto de pintar homens com as mesmas tintas e contornos de que usam poetas e romancistas nos retratos das damas. Nem a Musset, nem a Hugo, nem a Garrett, nem a Sand, se ha de revelar tamanha semsaboria. Se é escriptora a que pinta, deshonesta-se; se é homem, ridiculisa-se.

Ahi appareceu uma vez um archi-tolo (*) com grandes fóros para maior graduação, descrevendo os contornos da perna e espadua de certos coridons, á grega, com uns toques de tal asco lubricos que seria isso um desbragado hymno de bordel mixto,

(*) O senhor doutor Joaquim Theophilo Braga na *Visão dos tempos*, 1.ª série.

se as linhas fossem versos, e a gandaice da idéa não envergonhasse depois o auditorio. Quem então sentiu engulhos e pejo d'aquelles sujos quadros, aos quaes ahi uns chamaram «estro bisantino» (ó Chénier, perdoa-lhes!) não poude mais sequer arriscar-se a descrever um nariz de homem.

Pois era essa a feição mais caracteristica e irregular de Carlos Pereira, bem que não armasse aos espantos que torturaram nasalmente a existencia de Cirano de Bergerac. Era nariz plusquam grego, mais relevante pela magreza das faces, e pequenez do buço que principiava então a pungir. Comtudo, a gentileza de homem era esculptural no moço brazileiro, sem impedimento da estatura meã e do sobejo aprumo das suas posturas, não sei se naturaes se por arte.

No tocante ao espirito — que se hade aqui estremar do coração — minguavam-lhe notavelmente os favores do acaso. Em doze annos de collegio, seria pasmosa a sua indigencia de conhecimentos, se uma inflexivel causa lhe não empécesse. E' que não estudára, nem castigado, nem espicaçado pela emulação. Forcejava e não podia. Fugia-lhe a rasão, se teimava. Desmaiava, quando media o periodo imposto á sua rebelde memoria.

A' custa de annos, vingára examinar-se em francez, depois de ter conseguido um vulgar conhecimento da sua lingua como ella se aprende em traducções de novellas.

Doze annos, portanto, de cruel constrangimento a um moço, cuja vocação foi por maneira abafada que nunca mais se dilucidou do cháos em que a violencia lhe escureceu o espirito.

Coração era dos melhores que Deus bafejou—doce

como a piedade, mavioso como a tristeza das almas virgens. Assim que via creanças maltrapidas e amarellas de fome, dava-lhes pão e lagrimas. O veterano amputado, o artifice sem trabalho, o pobre que havia dissipado a sua abundancia, a mulher que só tinha o esteio da ignominia, estas ulceras sociaes que apenas inquietam a policia e raro commiseram a sêcca philanthropia, esvasiavam-lhe as algibeiras, reduzindo-o a condições muito de louvar, e nada de invejar quanto a recursos.

O patrimonio de Carlos era uns vinte contos, do juro dos quaes o tutor apenas lhe dava em ferias seis moedas mensaes, encarecendo a prodigalidade do tutelado. Regularmente, desde o dia dez, o estudante ou vivia de emprestimos, ou de fiança no hotel, no alfaiate, no botequim e no estanco. Mas estes apertos deram a subitas em larguezas liberalissimas. O mysterio descortinou-se, quando Carlos Pereira comprou uma lettra de cambio, e entrou em casa d'um usurario.

Terminou o praso das férias. O orfão declarou ao seu tutor que não voltava ao collegio. O tutor declarou-o sem mesada, e o tutelado redarguiu:

— E sem patrimonio d'aqui a pouco.

*

* *

N'este tempo, viu Laura, fallou-lhe, ouviu-a, e espantou-se de ter ousado fallar-lhe.

*

* *

Ao outro dia, os alvores da aurora, chilreados de rouxinoes e calhandras, carminavam-lhe o horisonte. Por entre festões das baunilhas soava o rumorejo das lufadas fragrantes da viração. As trépidas fontinhas, espelhando na limpidez dos seus meandros a inquieta alvéola que as roçava com as azas, iam levar ao pedicel da bonina o beijo reanimador. Dos fundos casalejos da serra trepavam ás encostas verdejantes os rebanhos, e depós elles os pegureiros modulando nas frautas as cantilenas com que seus paes já deram rebate amoroso ás pastoras da visinha aldeia. O sol apontou formoso e purpurino como se coasse os resplendores da esphera em que os anjos psalmeam os hymnos de cada alvorada.

E o amado de Laura, em meio d'este abrir-se a primeira manhã de sua felicidade, cuidava que toda a natureza, desde o gigante de fogo, erecto sobre o horisonte rubro, até á borboleta que sacudia e seccava as azas humidas sobre uma flôr de madre-silva, lhe festejava os seus primeiros amores.

Mas a manhã era de outubro e carrancuda como esta de hoje.

Não havia sol, nem baunilhas, nem alvéolas, nem rouxinoes, nem pastores, nem borboletas, nem madre-silvas.

As torrentes de chuva despejadas dos caleiros estrepitavam na rua. As rajadas assobiavam nas vigas do hotel francez. A escuridão ás dez da manhã condensava-se nas nossas alcovas. Eu escrevia o folhetim d'uma gazeta á luz do candieiro; e Carlos Pe-

reira via todas aquellas e outras delicias d'uma manhã de julho.

Via, por que um primeiro amor é capaz de corrigir as imperfeições da creação, menoscabadas por poetas; um primeiro amor, se entrasse no coração omnipotente de Deus, sairia com mais formosos mundos; um primeiro amor faz julho em outubro quando se sente, e não nos dá um capitulo toleravel quando se recorda.

III

Primeiro golpe

O amanhecer de Laura foi pontualmente o indicado no Reportorio: *tempo borrascoso, chuva e frio.*

Almoçou a menina café com leite, penteou-se, e foi sentar-se ao piano.

O pae reclinou-se n'uma ottomana, a cachimbar com uma perna á cavalleira da outra, e, com uma das mãos a dedilhar e a compassar n'um joelho a musica d'*I duo Foscari.*

Suspendeu-se Laura e disse maviosamente com uma entonação que continha as quatro notas mais melodiosas do rouxinol:

— O' papá!

— Que é, menina?

— Aquelle condiscipulo do mano Luiz quem é?

— E'... o condiscipulo do mano Luiz.

Laura sorriu-se e murmurou:

— Ora!...

— Que querias tu saber então? — perguntou o pae jocosamente. — Se é rico?... Desculpo-te a pergunta, que é obrigatoria das meninas d'esta terra, quando um forasteiro entra no bazar das salas...

— A mim que me importa? — acudiu Laura por sua dignidade.

— Não te importa; mas queres saber...

— Eu não, papá...

— Então que perguntavas? Já sabes que é condiscipulo do Luiz. Que mais desejas saber? Se pelo appellido de *Pereira* entronca na real casa de Bragança? Não sei. Ainda lhe não vi as armas. O que consta é que é brasileiro, e bom mocinho, que não hade corromper nem reformar os costumes com o talento.

— Tão acanhado!... — volveu ella desdenhosamente.

— Tambem notei. Pareceu-me contemplativo bastante.

— E tristonho.

— Isso.

— Passou duas horas n'um canto da sala...

— A meditar...

— E roía as unhas... não reparou, papá? — notou a menina casquinando e ferindo algumas teclas machinalmente.

— Ah! elle roía as unhas? E' preciso que tenha boa cascaria para estar sempre abastecido de tal vitualha. Os sujeitos que se roem têm em si mesmos um armazem de viveres. São uns pelicanos do proprio sabugo.

Laura sorriu-se e observou:

— E' um feio costume!... A cara não é desengraçada, apezar do nariz...

— Dizes bem: *apesar do nariz*; e, *a pesar o nariz*, achariamos os rudimentos d'uma tromba elephantina na balança. Deve ter olfato á proporção, e faro grande. Um nariz humano, d'aquelle feitio, carresponde aos dois do perdigueiro de teu irmão...

— O papá hoje está... — interrompeu dengosamente Laura, tirando do céo da bocca um estalinho com a lingua.

— Estou naturalista, não estou?—disse elle, carregando novamente o cachimbo de kentuky.

— Tem ahi zombado do pobre rapaz!...

— E de ti.

— De mim!? — acudiu ella com espanto.

— De ti mais do que d'elle, porque o *pobre rapaz* receia talvez que eu o tenha adivinhado, e tu procuras em teu pae astuciosamente uma pessoa com quem falles do *pobre rapaz*. Fallemos, pois.

Laura córára até aos lobulos das orelhas.

As faces diziam que lá dentro lavrava lume de amor. Não lavrava nada. O córar é uma clausula dos temperamentos. Tem a mesma origem que a brotoeja e a herpes e a impigem. O sangue que acereja a epiderme das faces revela, quando muito, a compleição sanguinea da pessoa.

E a filha de Paulo de Carvalhaes, quanto a temperamento, estremava-se das nervosas e arganazes meninas da casta heraldica. As arterias pulsavam-lhe tumidas. Alli havia regeneração do pujante sangue dos avós gódos, ao mesmo passo que seu pae e irmãos provavam com a pelle adherente aos ossos o fino e remontado de sua linhagem.

E não arguamos de ineptos aos que blasonam de

nobilissimos offerecendo em testemunho de verdade a pequenez do pé, como quem apresenta dez certidões de filhamento, e o brasão da casa na sala de Cintra. Nós é que estamos sempre a passar alvarás de patriciato ás mãos delgadas com unhas côr de rosa afiladas e longas, ao mesmo tempo que inferimos da grandeza d'uns joanêtes o plebeismo de seu dono.

Na verdade, o pé que abusa do maximo da craveira, é o trambolho denunciante d'uma descendencia da gleba, do bésteiro, do peão, da ralé que saltou a quatro pés ao meio das classes, e vingou desordenal-as, embaralhal-as, vasculejal-as por feitio que a delicadesa nervosa do pé feminil deixou de ser dote, e veio a succeder apoiar-se complacente sobre as protuberancias ossificadas dos alicerces em que se firma o representante d'uma «fortuna».

Assim é; mas que frivolas rásões justificam a nossa admiração pela magresa e pallidez significativas de raça primorosa? As da plastica, certo que não.

Pois que representa esse enfezamento?

Serosidade de sangue; pulmões mal arejados; succo gastrico dessórado; digestões morosas, infiltrações, diatheses, emfim, que depuram a raça até vaporisal a. D'ahi o anguloso da figura, a côr esfumada, o arcaboiço das mãos, o escarnado das espaduas, e o escadeado do peito, suspenso das cordo veias do pescoço. Quando topamos d'isto, exclamamos nos nossos folhetins: «Dona fulana é silphide. O mais puro sangue de fidalga raça apenas lhe retinge de leve as aérias formas. A suave pallidez que lhe veste o rosto de poetico languor... etc.»

De Laura é que não poderia escrever-se tal sem

mentir á natureza, á arte, e aos assignantes da gazeta.

Era mulher ás direitas, da raça, ao menos apparentemente, de umas portuguezas espadaúdas que armavam os filhos para a guerra; que defendiam castellos e praças; que tersavam nos prelios, sem soffrerem as contingencias desairosas da donzella de Orleans, se Voltaire não mente; emfim, da laia de umas matronas celebradas em divina prosa por Antonio Pereira da Cunha, e em corcovada rhetorica por Damiam Froes Perim.

Não era Laura, todavia, um virago. Pelo contrario, os mais brandos toques e flexuras de feminilidade lhe amimavam o fallar, o olhar, o mover-se langorosamente d'um sofá para outro. E, depois, não era sobeja prova de denosissima e mulheril fraqueza o córar?

*

* *

—Mana Laura, tenho uma coisa importante que lhe dizer...

—Sim, mano Luiz?

—Sim; mas não sei como hei de principiar.

—Pelo contrario.

—Olhe que é assumpto maito serio, mana Laura...

—Então aqui me tem muito seria. Diga lá.

—Sabe que eu sou muito amigo de Carlos?

—Sei.

—Então não se admirará que eu seja o confidente do meu amigo de dez annos...

—Não... E' natural...

—Sei todos os segredos de Carlos, desde que o

vi chorar de saudades de sua mãe, até que o vi chorar atormentado pelo seu primeiro amor. Perguntei-lhe por que soffria, e elle nem podia mentir nem dissimular. Contou-me momento por momento todas as suas sensações desde que viu a mana Laura, ha quinze dias. Pediu-me perdão para me dizer que amava minha irmã, e que desejava morrer antes de sentir a necessidade de esquecêl-a. A mana Laura desconfiou que era amada?

—Desconfiei que o seu amigo me queria dizer o mesmo que disse ao mano; mas fugi á occasião de o ouvir por que não sou das que amam ou fingem amar por passatempo.

—Por passatempo? Escuso dizer-lhe que a mais santa e ardente esperança de Carlos é casar com a mana.

—Eu não penso em casar-me, mano Luiz. Já lh'o disse a respeito d'outras propostas que eram de vantagem quanto á riqueza, e me não faziam descer da plana do meu nascimento. A nossa Julia é uma lição e um exemplo.

—Mas que differença de homens, de edade, de figura e educação!...—contrariou Luiz.

—Bem sei, mano; ha uma differença muito sensivel; mas eu... não vejo nos homens senão os homens. Pensar em casamento é o amor que pensa, mano Luiz. Eu não amo; e, sacrificando-me, não faria a felicidade de ninguem. Diga isto assim francamente ao seu amigo; que elle, ainda depois de esquecer-me—o que será facil—terá obrigação de estimar-me pela sinceridade com que o avisei.

Qualquer redarguição de Luiz, seria uma impertinencia.

O irmão de Laura protrahiu com engenhosos sub-

terfugios o desengano a Carlos. Doía-lhe vel-o e ouvil-o, macilento e lagrimoso. Eu é que sabia como andava tresnoitado e abstinente de alimentos o meu pobre companheiro de hotel. Nunca me recolhi ás seis da manhã que o encontrasse na cama. Passeava sempre no recinto do seu quarto, fumando, refrigerando com cognac os beiços queimados e a garganta reseccada da nicotina.

O presentimento da terrivel verdade que, afinal, Luiz de Carvalhaes lhe disse, já lhe tinha antecipado parte da dôr. Abraçou o amigo com o estremecer apaixonado do dorido, que, ao pé do leito d'um morto adorado, vê pessoa que muito amada havia sido d'aquella alma ida para sempre. Luiz desafogou-se em consolações e esperanças que o reconcentrado moço parecia não attender.

Eu, com magua minha, assisti a este espectaculo, e nunca pude esquecer o aspeito de suffocante amargura com que Carlos voltado para mim balbuciou:

— Agora o suicidio!...

E eu, no proposito vulgar de o defender de tamanha allucinação, discorri tanta coisa futil, tanta frioleira classica sobre o suicidio, que tenho bastante vaidade para não reproduzir aquella esponja de vinagre que espremi na chaga do meu paciente amigo. A minha unica e boa acção n'este trance foi passar com elle algumas noites, lendo-lhe poesias de Alfred de Musset, mais ou menos afinadas pela dôr do amante infeliz.

*

* *

Passado um mez, Carlos pareceu-me entrar em convalescença, bem que triste e descarnado.

Saía de noite e vinha ao repontar da manhã, dizendo-me que vinha das «Virtudes» ou das «Fontainhas», paragens melancolicas, onde os suicidas preferem acabar, sendo certo que alguns, morando em quintos andares, d'onde a queda lhes seria sufficiente ao proposito, vestem-se, e saem a precipitar-se d'um paredão infamado de centenares de mortes. Signal é de que ha ahi influxo fatal, attracção de abysmo.

Apesar d'isso, medos de catastrophe desvaneceram-se desde que vi o meu amigo apontar-se no trajar, e cuidar de certas louçanias incongruentes com um corpo que intenta destruir-se.

Verdade é que eu, n'aquelle mesmo anno, tinha conhecido um poeta de caracter sombrio, fino amador d'uma esbelta senhora, que lhe queria com a devoção dos vinte annos immaculados. Estorvos da má fortuna impediram que Jorge Arthur (*) offerecesse deante de Deus o perfume do seu coração e intelligencia áquella senhora. Ora, elle não era já mancebo que buscasse vida e felicidade fóra da vereda da honra. Tinha trinta e oito annos. As paixões n'esta edade, quando são contrariadas, pesam sobre a alma, immobilisam-n'a, açamam-lhe os impetos, e privam-n'a de prevaricar na satisfação dos ruins desejos. Em annos mais floridos, um obstaculo remove-se; lagrimas, infamia e a publica abominação escassamente assustam. O homem salta por sobre abysmos, e ás vezes acontece deixar caír lá as perdidas almas que lhes teriam sido anjos do lar se as colhessem abençoadas pelo padre e depois pela sociedade. Jorge Arthur de Oliveira Pimentel só co-

(*) Irmão do visconde de Villa Maior.

nhecia dois caminhos: o da egreja e o do suicidio. O da egreja atravancaram-lh'o porque era pobre. Encaminhou-se pelo outro. Mas, na vespera d'essa ida em busca do abscondito, ou do *nada*, — cuidaria elle e o leitor por infortunio d'ambos — encontrei-o n'uma assembleia onde se jogava. Vi-o apontar tranquillamente, sorrir ao revez da sorte, esvasiar as algibeiras e sair. Parece que nem o óbolo levava para o barqueiro do Lethes!

Ao outro dia, por noite, ouviu cantar a doce voz da sua pallida amiga, que era chamada a divertir as visitas de seu pae. Ouviu, desceu á margem do Douro que rugia entre as escarpas que o estreitam, deu a ultima moeda de cobre ao recebedor da portagem, e, em meio da ponte, sentou-se na guarda de ferro, cravou os olhos no golfão onde não se espelhava estrella, e... morreu.

E, por tanto, mezes depois d'este suicidio, quando me disseram que Carlos Pereira ia, muitas noites, defrontar-se com a casa de Laura, no escuro d'uma travessa, e ouvil-a cantár até uma hora, receei contagio e imitação.

Tentei divertil-o d'esse inutil e perigoso extasis que, ao parecer de bons praxistas em amor, era ridiculo. Convenceu-me de que ouvir cantar Laura lhe lisonjeava os ouvidos, quando lhe não mitigasse saudades. Um dia me disse elle com certa alegria:

— Contaram-me que Laura pediu licença ao pae para entrar n'um convento.

— Vocação ascetica?

— Não sei... — murmurou elle com o desvanecimento de lhe ser Laura disputada por um rival divino — Sabes que eu?... — proseguiu elle.

— Sei o que vaes dizer-me... Se houvesse conventos de frades... vestias o habito de Abeillard, quero dizer, de Abeillard honesto e escapo das unhas do sogro... Se isso acontecesse, davas-me um romance, e eu dava-te a immortalidade. Pois bom é que não haja conventos. Deixa te estar cá fóra no soalheiro do seculo; e a mimosa flôr que vá recender e esmaiar-se nas jarras do altar, se tem medo que a feneça o halito empéstado d'esta geração combalida até á medula dos ossos.

— Gracejas... — disse magoadamente Carlos — mas ha n'isto uma sublime tristeza!...

— Em quê? na dedicação religiosa de Laura?...

— Não será antes algum mysterioso amor...

— Póde ser; mas não entres a imaginar-te o causador d'esse eclipse d'uma estrella de primeira ordem na sociedade portuense. Isso que vá lá a quem tocar. Laura, se quizesse ser tua esposa, era-o.

Isto desagradou a Carlos. Não se fallou mais em convento.

Mas eu perguntei a um cavalheiro, intimo e parente dos Carvalhaes, se D. Laura ia enclausurar-se. O sujeito riu-se, e perguntou:

— Quem lhe encampou essa fábula?

— Encamparam-n'a ao meu amigo Carlos Pereira.

— Esse seu amigo... é uma creança... Diga-lhe que se divirta, e que não ande por travessas a encher os ouvidos de notas e o nariz de miasmas. Uma coisa não compensa a outra.

Este homem era de raça d'uns que, desde 1830 até 1850, jogaram a pella com a pudicicia do Porto. Consideravam-n'o acabado por que tinha quarenta annos, e bebia absinto com a presença de espirito d'um vigario endefluxado que bebe o seu capilé. A

mocidade chamava-lhe o leão decrépito, e qualquer rapaz de vinte annos se considerava na posição do burro, consoante resa o apologo. Eu, porém, que passei com elle algumas noites, bebendo cafeteiras de café frio, e lhe ouvi historias pasmosas, contadas com admiravel modestia, entendi sempre que effectivamente os rapazes eram os onagros tirante o attributo do couce.

Contei esta passagem, convenientemente modificada, ao meu amigo, a fim de o despersuadir do desejo de ser frade.

Carlos irritou-se, e disse desabridamente :

— Quererá esse macrobio passar por namoro de Laura ?

— Não. Disse-me apenas que Laura não pensava em sair da sociedade.

— E que te disse d'ella ?

— Só isto.

— Não te deu a entender que amava alguem ?

— Não. Deu-me a entender que não amava ninguem.

— Mas que lhe importa elle que eu vá ouvil-a cantar ?

— Não lhe importa... Estranhou o romanticismo do caso... Homens d'aquella edade não entendem que debaixo das janellas de D. Elvira esteja um D. João de Marana a não ser para subir por escada de corda.

— E' um corrupto esse velho ! — volveu indignado Carlos Pereira.

— Estou por isso.

— Leão sem garras...

— Isso não sei. Eu, se tivesse mulher ou irmãs, quando elle me entrasse em casa sempre havia de

pedir exame das garras, á cautela. Olha que elle vale mais do que nós, Carlos. João de Campos (*) pertence á phalange de 1830, raça satanica que a onda revolucionaria atirou ao meio d'uma sociedade desordenada, quando as cruzes dos templos caíam, e as almas se atiravam ao inferno á mingua de frades. Nós já pertencemos á reacção moral de Chateaubriand. Os paes de familia não lêem o *Genio do Christianismo*; mas têm lá um genio seu, e pessimo, que defende com tranca a entrada das casas, e vão de noite, em cuecas e candieiro, collar o ouvido ás portas dos quartos em que as filhas digerem a pescada da ceia.

— Queres tu dizer...? — interrompeu o meu amigo.

— Quero dizer que João de Campos não é leão que se entregue ás vaias de Esôpo.

— Pensei que julgarias Laura tão ignobil que o amasse...

— Se ella o ama, não sei... mas...

— Sei eu que não! — bradou quasi irrisoriamente Carlos. — *Mas*... quê?

— Mas, se o amasse, não era por isso ignobil.

— Pois uma formosa menina que se apaixona por um velho...

— Prova que o velho é amavel. Ai! meu Carlos, quando tiveres quarenta annos e mais eu, com que saudade recordaremos a soberba juvenil com que estás ahi remoqueando os quarenta annos de Campos!...

— Não heide lá chegar. Espero que este infame mundo me mate muito antes...

(*) Pseudonymo.

Carlos proferiu com amargura e desabrimento estas vozes propheticas.

*

* *

E continuou os seus romanescos arrôbos na travessa.

Por uma calmosa noite de agosto, o arrebatamento d'alma prolongou-se-lhe muito além da musica. Laura calára-se, as visitas saíram, as janellas fecharam-se; mas Carlos ficou até sumir-se o derradeiro clarão que transluzia da vidraça d'uma trapeira, onde provavelmente dormia alguma criada.

Ia sair da congosta, quando lhe pareceu ouvir o rodar vagaroso do ferro em que prende o fecho da janella. Recuou, soffreando o respiro. Contava elle que, ainda antes de abrir-se a janella, sentira um choque no coração que o deixára todo em tremuras. Aberta uma portada subtilmente, saiu á janella um vulto vestido de branco, olhando a um lado e outro da rua. Carlos reconheceu Laura.

Se ella viria ali para ver a lua? Se fugiria ao calor dos estofos e tapetes para aspirar a brisa consoladora? Se enlevos de coração a convidariam ao scismar doce no silencio de tão inspirativa noite?

Conjecturas que lhe banhavam de goso o peito!

Se ella estaria esperando um homem? Se elle iria ser testemunha de palavras d'amor caidas d'aquelles labios á rua? Se Laura teria um amante?

Conjecturas excruciantissimas!

E ella estendia o collo de garça escutando o rumor de passos lá nos dois extremos da rua.

Passos não se ouviam; mas quasi inesperadamente viu Carlos perpassar ás surdas um vulto em frente

da travessa e parar debaixo da janella d'onde Laura se retirára. Quem quer que fosse pisava leve como andorinha. Julgal-o-ieis sombra. Um tapete-velludo não abafaria mais inaudiveis os passos d'uma chineza. Que calçaria aquelle sujeito? A gutta-percha entrou annos depois n'estes escandalos, ou entrou, mais exactamente, para não escandalisar a visinhança, nem accordar a familia — beneficio que os maridos e outros devem ás artes.

Como quer que fosse, a aragem d'uma consoladora hypothese refrigerou o esbraseado coração de Carlos, deixando-lhe presumir que Laura se retirára discretamente para deixar a alguma visinha o prazer de palestrar com os seus amores.

O meu amigo não podia entrever o que fazia o vulto um pouco dobrado para o chão, jogando com os cotovellos como quem estivesse descalçando umas botas. Depois viu levantar-se um braço, e buscar qualquer coisa indistincta aos seus olhos perplexos. Em seguida, enxergou que duas cordas pendentes com travessas a modo de escaleiras, iam subindo como se ninguem tirasse por ellas. Divisou que saía d'entre as portadas um braço, e, tomando a extrema da escada, erguida provavelmente por um cordel, a segurava no peitoril de ferro da janella com outros ferros que, ao roçar, deram um som áspero e metalico. Em seguimento, o vulto marinhou lesto escada acima, cavalgou o peitoril sem lhe tocar com os pés, repuxou a escada, e escoou-se para o interior da casa. Tudo isto com tal prestesa, que não ha ahi atticismo de estylo capaz de lhe levar vantagem na descripção.

Carlos Pereira sentiu oscillar e abater-se-lhe a calçada debaixo das pernas convulsas. Sem attentar no

grutesco da sua postura, acocorou-se, e apertou entre as mãos a cabeça onde martellavam estrondos cavos e zoeiras sibilantes. Elle não sabia dizer depois que tempo de minutos ou annos durára esta alienação de si proprio. «Eu ouvia chorar o meu coração, e não me sentia a mim» — explicava elle confundindo as minhas taes quaes noções psychologicas.

A's duas horas e meia da manhã Carlos Pereira permanecia ainda na travessa; mas já então distinguia chronologicamente as phazes do seu infortunio. Sabia que por volta de uma hora e um quarto havia subido o vulto, e certamente não tinha ainda descido. Ouviu trez horas nos Congregados, trez e meia nos Clerigos, e quatro na Lapa. As pancadas do bronze, como se lhe dessem no peito, iam marcando o periodo interminavel da sua agonia de quarto em quarto d'hora.

Oh! quanto é preciso ter padecido um homem para, n'um trance d'esta natureza, levantar olhos ao céo, e ir deitar-se na sua cama, e meditar sobre os effeitos do peccado original, ou dormir, que é ainda melhor! Isto conseguem-n'o aquelles cujo coração, trespassado muitas vezes, abriu fendas que são outros tantos respiradouros. Por via de regra, um desmentido á sua confiança póde, quando muito, volvel-os mais corrompidos e transgressores do pacto social. A lança, que feriu, apenas fez esvurmar postêma que irá empéstar almas.

Mas, se o amor é o primeiro, o golpe sangra generosas lagrimas. O desenganado não se rebella contra Deus. Abraça-se á sua cruz sem blasphemar, e ahi se estorce com dolorosa voluptuosidade.

Assim se explica a pertinacia de Carlos em quedar-se alli na travessa, ouvindo as horas, sem desfi-

tar olhos da janella da alcôva que elle tantas noites contemplára, pedindo ao anjo dos sonhos innocentes que velasse o dormir de Laura com suas azas iriadas de luz celestial.

A's quatro horas e dez minutos, um pouco antes de amanhecer, já quando o morrão dos candieiros apagados fumegava o seu fétido de purgueira, abriu-se a janella, a escada desenrolou-se, o homem desceu, sobraçou o cordame em roscas, cingiu a orla do capote ao rosto, a janella fechou-se, e o vulto, cozido com as portas, sumiu-se.

Sumir-se não; que o meu amigo seguiu-o a distancia de vinte passos, com tanta levesa de pé que o perseguido não deu tento da espionagem. E, andado um longo espaço, viu parar o vulto, abrir uma porta, entrar e fechal-a.

*

* *

A's cinco da manhã, quando eu entrava no hotel, encontrei Carlos a passear no pateo.

—Que fazes aqui?!... Que pallidez é essa? Estás doente?—perguntei, espantado da desfiguração do meu amigo.

—Como te não encontrei no quarto, vim aqui esperar-te. Não te custa vir comigo?

—Aonde? vou onde quizeres.

Deu-me o braço, sem proferir um monosyllabo. Se eu lhe perguntava que tinha, respondia-me:

—Logo saberás tudo.

Andado um curto espaço de duas ruas, parou defronte da casa onde vira entrar o vulto, e disse offegante:

— Sabes quem mora aqui?

— Sei.

— Quem é?

— E' o João de Campos.

— Oh! que vergonha! — murmurou elle, tapando o rosto com as mãos.

IV

Segundo amor

NÃO comia nem dormia.

A febre e suores nocturnos chegaram a inspirar ao medico receios de lesão pulmonar.

Pedi-lhe que saísse do Porto, e consegui que um nosso amigo dos Arcos de Val-de-Vez o convencesse a passar o outomno em uma sua quinta do Minho.

Saíu Carlos Pereira deixando-me a desconfiança de ser aquelle um adeus dos que se trocam á beira da eternidade. Pae e mãe e trez irmãos lhe tinham morrido tisicos, e elle levava duas manchas incendidas nas faces, como se o clarão d'outro mundo lhe désse já no rosto.

Illudi-me, ainda bem!

Carlos escrevia-me semanalmente, primeiro com laconica melancolia, e presentimento de acabar ce-

do; depois ampliando as cartas com a noticia das bellezas campestres, e no descrevel-as um suave prazer da vida, uma certa poesia luminosa de crêr e esperar, mudança que eu já tinha conhecido em mim depois de ter visto negro, tudo, desde a minha alma até ao fundo d'uma cova, e lá no fundo, mais negra que a morte, a infernal duvida.

O hospedeiro amigo, que o seguia sempre, confirmava as minhas alegres supposições, dizendo-me que a cura se completaria cedo, se um acaso feliz lhe deparasse outra Laura, melhor ou peior.

Entrou o dezembro, e Carlos não voltava ao Porto.

«Pois passas ahi na aldeia o inverno?» escrevi-lhe eu.

«Sim. Agora é que eu principio a vêr e sentir outra vez a minha mocidade, mas sem flores. Espero que ellas voltem com a primavera d'estes sitios que me remoçáram: que a natureza me vista a mim tambem de folhas. Tenho vinte annos. Quero viver.» Resposta de Carlos.

E, no mesmo correio, estas phrases do seu amigo: «Temos Laura... peior. Deixal-a ser. O que nós queremos é pêllo do mesmo cão ou da mesma...» Desculpem, minhas senhoras, o plebeismo do annexim; que eu já lhe aspei o mais indelicado.

*

* *

Era verdade.

E passou assim este grão caso, cuja narrativa hei-de levar seguida com a possivel seriedade.

Chamava-se Virginia. Bom agouro de nome! Vir-

ginia de Menezes Picaluga de las Cuencas. Os apellidos estão explicados no brasão do portal. *Cuencas* vem de fidalgos gallêgos que se entroncaram nos Picalugas de Melgaço em 1524.

Virginia, dama de vinte e seis annos e bellesa solida, vive na sua quinta das Açudes. E' só, solteira e rica. Veio para alli; mas não se sabe d'onde. Eu sei. Depois direi d'onde e como foi. O que lá consta é que seu pae, Christovão de Picaluga, a mandára pequenina para longes terras, e na velhice a chamára, e reconhecêra para os effeitos de succeder na casa paterna.

Esta rica herdeira tem comsigo um padre que feitorisa os negocios da casa, alguns criados de lavoura, criadas de sala e cosinha, um liteireiro, e mais ninguem. Não visita, nem é visitada. Aforamentos, pagas de rendas, laudemios, coisas attinentes á governança dos seus casaes, pertencem ao padre administrador, que veio para alli, tambem se não diz d'onde, nem como. Eu direi tudo opportunamente. N'este officio de romancista, ou se sabe tudo da vida alheia ou não se escreve nada.

O que todos sabiam do feitor de D. Virginia era que nunca padre mais valente d'animo e pulso pisára o Alto-Minho! Representava trinta e tantos annos, apessoado herculeamente, olhos coruscantes, compostura de feições, a primor, bem que um tanto rusticas. A fama de valente e destemido ganhou-a deslocando o pulso a um escrivão remisso no lavrar uns mandados de posse, e torcendo o pescoço a um parocho que usurpára á fidalga das Açudes o direito d'um local exclusivo na egreja, onde ajoelhar-se, á imitação de seus avoengos, direito nunca disputado desde D. Urraca Picaluga, sua decima ter-

ceira avó. Afóra isto, os algebristas, algum tempo, tiveram muito que fazer destorcendo ou soldando costellas dos caseiros de D. Virginia, trazidos ao caminho da pontualidade no pagamento das rendas pelo systema summario do feitor.

Carlos Pereira ouvira contar estas e outras passagens relativas ao mordomo de D. Virginia, depois que ella passára na sua liteira na ponte dos Arcos, seguida do capellão cavalgado em possante macho. O meu amigo reparára na fidalga e admirou-a. Os conhecidos d'elle poetisaram-lh'a nubelando a existencia mysteriosa de Virginia, e o insulamento em que se apartára tão peregrina belleza, n'uma edade em que o habito de amar centuplica as forças do coração, mórmente n'um estado independente e rico para poder desprender-se de respeitos sociaes.

Carlos dormiu alvoroçado, e levantou-se melancolico. Tinha entrado n'elle o amor por fulminação!

O seu hospede informou-o alegremente do caminho que levava á quinta meia legua distante. O bom amigo almejava distrail-o. E, para o intento, um passeio quotidiano de legua era exercicio hygienico e preparatorio para bem dormir as noites.

Arvorou-se Carlos em caçador, e foi caminho da ventura até encontrar o portão ameiado da quinta das Açudes.

Impressionou-o o aspecto vetusto e feudal da casa torreada nos quatros angulos com suas setteiras, adarves e guaritas. Estas carrancas guerreiras, construidas no seculo XVII por um fidalgo que nunca tersára um faim, serviam apenas de pacificos miradouros e ornato na forma quadrangular do edificio.

Não obstante, o moço brazileiro, lido em Walter Scott, transportou-se aos tempos feudaes e ás tra-

gedias que espadanáram sangue d'aquellas sombrias pedreiras. E as castellans que lhe avultavam na embellesada imaginativa, certo, não eram mais adoraveis que Virginia — a mysteriosa.

Oh! *a mysteriosa!* Não era já isto um traço cavalleiroso da edade media? E elle, se podesse ennevoar-se até passar por *mysterioso*, não seria coisa para que estas duas almas olympicas dessem de si uma épica extravagancia, a destacar da chilra prosa em que nos deixamos ir animalmente pelo cabresto do instincto?

Deixamol-o parado em frente do portão olhando para as torres que sobranceiam o vasto terraço. Ali está, e sente-se bem; mas o seu intento não se satisfaz a contemplar o paço da castellan.

Já nos não parece o homem da travessa! E' que o primeiro amor, prospero ou funesto, dá atrevimentos novos para o segundo.

Delibéra abrir o portão e entrar ao pateo.

Abre, com effeito. Avança meia duzia de passos, e é atacado por um formidavel casal de cães da Navarra, marcados a ferro no focinho como os molossos das selvas druidicas. Acode-lhe animo nas fauces do perigo. Encosta-se á parede, e offerece a cronha da espingarda á dentadura minacissima. O meu amigo ia ser irremediavelmente devorado, quando de uma janella gritaram ás féras, que obedeceram de cauda caida e rosnando.

A redemptora foi Virginia.

Carlos descobriu-se, deu alguns passos, e balbuciou, gago de amor e de susto:

— Entrei para pedir licença de accender um charuto, se vossa excellencia permitte.

— Eu mando... — disse e retirou-se a fidalga.

Momentos depois uma criada entregava ao caçador uma caixa de fosforos. Quiz elle aproveitar-se de um; mas a moça disse que a senhora mandára entregar a caixa.

Olhou Carlos para cima, e viu Virginia. Descobriu-se com refinada elegancia de meneios, e disse:

— Agradecido a vossa excellencia.

Virginia abanou a cabeça tres vezes, e conservou-se.

Ao transpor o portão, o bello desconhecido voltou-se para a frontaria da casa, e cortejou novamente.

— Que bonito rapaz! — disse a fidalga á sua criada. Aquillo é papa-fina! — acrescentou ella em termos assaz destoantes da sua prosapia.

— Bonito, bonito! — confirmou a criada.

— Quem será? Eu nunca o vi...

— Nem eu.

— Dava n'esta santa hora uma moeda por saber quem era! — tornou Virginia cada vez mais plebêa na linguagem.

— Olhe lá o que diz, fidalga! — acudiu a criada.

— O dito, dito; mas vê lá como fazes isso, Perpetua! Que não vá elle cuidar que...

— Que hade elle cuidar? Deixe-me lá ir, que ainda o apanho na calçada.

Apanhou, de feito, mais perto do que suppunha. O caçador estivera espreitando por um resquicio do portão, e sómente se retirára quando viu a criada atravessar o pateo ás carreiras.

— Vossa senhoria, ainda que eu seja confiada, é d'estes sitios? — perguntou ella titubiante.

— Não, menina — respondeu Carlos agitado pela esperançosa surpresa de tal pergunta.

— Ai! não é? Então d'onde é?

— Do Porto; mas estou, ha trez mezes, na quinta de S. Braz, meia legua arredada d'aqui.

— Sim?

— Sim, menina.

— Está bom... Queira perdoar... Estimarei que passe muito bem.

— Adeus, menina.

Minutos depois, Carlos pensava comsigo: «Não ha basbaque maior do que eu! Pois não deixei ir a criada sem lhe dizer qualquer coisa que podesse lisonjear a ama! Eu ainda estou muito garraio! Conhece-se que saí ha seis mezes do collegio! Que juizo fará de mim esta mulher!... Mas quem sabe se a curiosidade é da criada e não da ama?!...

Outras reflexões conscienciosas lhe sobrevieram, ao mesmo tempo que D. Virginia dizia á criada:

— Nem te disse como se chamava?!

— Eu não lh'o perguntei, fidalga.

— Então não te disse mais nada, mais nada?!

— Mais nada. Se eu soubesse que vossa excellencia queria saber-lhe o nome...

— Agora queria... que me faz cá isso? mas cuidei que tu, indo lá, trarias mais alguma noticia...

— Deixe que elle torna...

— Quem te disse que tornava?

— Digo-lh'o eu, minha senhora. Olhe que elle veio cá para vêr vossa excellencia.

— Bem me fio eu n'isso, mulher! Pois o homem nunca me viu...

— Vossa excellencia sabe lá! Talvez que a visse antes de hontem, quando a fidalga vinha da quinta dos Arcos.

— Não te vás sem resposta, que eu figura-se-me

que vi aquelle rapaz a passeiar com outros na ponte!...

— Pois olhe que não foi outra coisa... quer a fidalga que eu vá deitar as cartas?

— Vae buscal-as...

Quando a criada saiu para nos completar o conceito que vamos formando do espirito de sua ama, Virginia chegou á janella, olhou distraida por cima do muro e viu o caçador subindo uma colina fronteira e parar no topo a olhar para ella.

Entrou Perpetua, e a ama advertiu a alegremente:

— Queres vêl-o? Lá está no cimo da bouça parado a olhar para aqui.

— Adivinhei ou não? Olhe que eu sou muito fina! — jubilou a criada. — A moeda d'oiro que não esqueça, ouviu, fidalga?

— Não tenhas medo... Ganhaste a moeda!

— Faz a senhora muito bem em se divertir — applaudia a môça cá do fundo da sala, sem que a ama, toda inlevada no caçador, désse grande attenção aos incentivos da matreira. — Uma senhora linda como vossa excellencia, aqui mettida sem vêr ninguem que lhe falle ao coração! Credo! não sei de que lhe serve a riquesa!... Todas as fidalgas que eu servi se divertiam o seu todo-nada. Só vossa excellencia parece que disse adeus ao mundo! Ande-me, minha senhora, que ainda está uma flôr, e na edade de se casar com quem lhe parecer...

Virginia desprendeu um profundo suspiro e um ai tanto ou quê mysterioso.

— Qual ai nem meio ai! — tornou Perpetua. — Divirta-se em quanto é tempo, fidalga. Olhe que isto da vida são dois dias. Deixe-se de contos. Não queira tutores da sua porta p'ra dentro. O senhor

padre que trate lá da sua obrigação e que não se lhe importe com vossa excellencia.

— Ai! repetiu a fidalga, e tão do peito tirou o gemido, que Carlos ouviu o dulcissimo som, por que o portal da quinta quasi embeiçava com o sopé do outeirinho.

Ora isto era motivo para endoudecer um homem d'aquelles annos. Um *ai,* um suspirar assim de fidalga entre quatro torres acastelladas! Um *ai* da mysteriosa Virginia; expressão de angustia mal abafada, ou grito de alma que se levanta do seu tumulo e sacode a mortalha, e se aquece dos gelos da ingratidão ao sol da esperança!... Um *ai!*

*

*   *

Carlos dobrou os joelhos sob o peso da sua felicidade; e ajoelhou mentalmente com reconhecidas lagrimas, em acção de graças, á Providencia que o recompensou.

Como o jubilo lhe pulava do coração aos olhos, quando se atirou aos braços do amigo, exclamando:

— Sou feliz! Soffri pouco em comparação do que estou gosando!

— Pois já?! — espantou-se o hospede. — Tão cedo!... Ou tu és Cesar, ou a mulher é Fulvia; se antes, meu poeta, não és tão parco em amor, que te contentas de pouco! Chegar, ver e vencer, meu caçador!... Estranha caça é essa!... Nós, os minhotos, conhecemos pouquissimo d'essa volateria! Não alcançamos perdiz sem caminhadas de muitas leguas por montes e valles...

Contou em florido estylo o brasileiro o prospero en-

contro accrescentando ao que sabemos que Virginia lhe acenára com o lenço branco, ao despedir-se.

O amigo felicitou-o; mas a consciencia culpava-o de lisonjear uma paixão nascente e, a seu ver, mal empregada.

— Com que intento namoras esta mulher? — perguntou elle.

— Com o intento de amal-a...

— Casarias com ella?

— E crês que senhora tão fidalga, rica e bella aceitaria a mão do filho d'um negociante, com pequena «fortuna»?

— Creio que sim. Pois não a ouviste dar um *ai!* não te acenou com o lenço? Não te namora ella?

— Sim...

— Então uma das duas: ou te quer para esposo ou para amante. Qualquer dos bicos do dilemma te serve. A segunda hypothese, porém, é offensiva de tão nobre dama; todavia, dê-se de barato, que ella não capricha em primores de dignidade...

— Isso é triste... — interrompeu Carlos. Não me rebaixes esta mulher que me salvou...

— Dos cães de Navarra?

— Adeus!... isso é máo gosto! Que sabes tu da vida d'ella para aviltal-a?

— Eu não a avilto. O que sei d'ella? Sei apenas o que me contas... e é bastante. Meu amigo, mulher que atira assim um ai da janella a um homem que viu pela primeira vez; mulher que agita um lenço á laia de cosinheira...

— Ora... — atalhou indignado o moço. — Tens trinta e dois annos, e eu vinte!... O meu prisma é o de uma alma cheia de santas illusões que me não deixam escarnecer d'um suspiro, nem do agi-

tar-se um lenço que exprime um adeus. Seria ridiculo eu, parado no alto do outeiro a contemplal-a?

— Não.

— Se não, por que hade ser ridicula Virginia?

— Ridiculo serias tu, se pegasses a dar ais no alto do outeiro. Creio que não gemeste, Carlos... Em fim, não te enfadem estas minhas esquisitices. Estamos conversando. O que eu sinceramente desejo é que esta Virginia não esteja tão longe do seu nome, como a Laura portuense estava da do poeta italiano. Entretanto, a amisade força-me a aconselhar-te que estejas de sobre-aviso com um padre que mordomisa a casa da fidalga. Consta-me que o homem tem na alma trez casaes de cães navarrezes.

— Podes imaginar que elle seja amante de Virginia?! — interrompeu com azedume o collegial da Formiga.

— E se podesse...?

— Calumniarias sem graça nem piedade uma senhora, abatendo-a até á villania de amante do seu capellão... Tu és terrivel! O scepticismo é uma aljava cheia de dardos venenosos...

— Um nosso amigo sceptico — volveu o minhoto sorrindo — desembéstou uma vez um d'esses dardos ao peito d'uma certa Laura... A tua crença esbravejou de innocente colera; mas isso não impediu que o sceptico te fosse depois ensinar a porta d'um tal João de Campos.

— Isso aconteceu no Porto...

— Que faz ao caso a localidade?

— O Porto é um foco de miasmas sociaes.

— Olha que as nossas aldeias, apesar da pureza dos ares, não t'as recommendo como alfôbres de

candura. A corrupção, quando nos empésta, é por atacado. Os capellães das familias nobres não são bastante entulho a empécer a entrada do vicio aos paços acastellados.

— Ahi tornas tu com a insinuação hedionda... Pois bem! Seja embora o padre amante de D. Virginia! Se o é, porque me deu ella provas de que me acceita a côrte? Se desceu até ao feitor, é por que o ama.

— A' falta d'um gentil caçador... Suppõe que a tua presença desalojou o padre do peito de Virginia!...

— Obrigado pela lisonja...

— Sem lisonja; que o rival não te honra, nem o supplantal-o te deveria empavesar...

— A final, queres dizer-me que não volte a vêr Virginia?

— Seria inutil. Hasde vêl-a, hasde amal-a como se os anjos do Senhor t'a invejassem... Seria inutil tentar demover-te...

— Vê lá! se esta paixão me desdoura, retiro-me, vou ámanhã para o Porto.

— Um homem nunca se desdoura por mais abjecta que seja a mulher que ama. O peior que pode acontecer-te — continuou jocosamente o amigo — é tropeçar no padre.

— Se cair, levanto-me.

— Com o tardio remorso e pejo de ter mal-baratado grande porção do puro sentir que é tão pouco em cada alma... Elle te faltará depois aos trinta annos...

*

* *

Seria inutil, disse avisadamente o nosso amigo do Minho.

Programmas de infortunios amorosos por milagre vingam esfriar corações ferventes; antes parece que as ameaças lhe refinam o ardor. E' escusado aconselhar com theorias e despersuadir com exemplos. Em amor ha um só e unico argumento que ensina: é a experiencia. Bem-aventurados os poucos que, apalpados pelo segundo desengano, tiveram mão de si á terceira tentação!

Ao outro dia e á mesma hora, o caçador—innocentissimo Nemrod que não seria capaz de acertar n'um urso adormecido—estanceava nos arredores da quinta das Açudes.

O céo emborrascava se, rolando trovões, e abrindo relampagos por entre castellos de nuvens que se recruzaram, conglobaram, desfizeram e encorporaram até se fecharem de horisonte a horisonte em abobada cinzenta.

Quando as primeiras gotas cairam frigidissimas, Carlos estava no tôpo do outeiro, e D. Virginia na janella, continuando a reciprocidade contemplativa que já tinha, áquelle tempo, uma boa hora de vida de paraiso.

Notou o moço que lhe não bastava a estufa do coração para alimentar o calorico da peripheria; tiritava e contraía-se quando o açoite da chuva lhe verberava as orelhas.

N'este comenos, a fidalga retirou-se da janella, e d'ahi a minutos abriu-se o portão, onde saiu a já

conhecida Perpetua de chale pela cabeça acenando ao caçador que fosse lá.

Desceu Carlos com o alvoroço proprio do caso, no que era grande parte uma especie de susto de se ver face a face de Virginia—sensação vulgar que não merece analyse.

—A fidalga manda-lhe dizer que não esteja á chuva—disse a criada.—Faça favor de vir comigo; mas venha depressinha.

Seguiu-a, estugando o passo, o nosso aventureiro.

Entrou n'uma das portas terreas do edificio, foi ao longo de um comprido corredor, subiu poucos degráos, e achou-se n'um casarão rodeado de caixas de milho, com seus pingentes de presuntos no tecto.

—Hade perdoar trazel-o para aqui—desculpou-se Perpetua.—O senhor padre está em casa e é preciso muito cuidado com elle. Se o tempo estiar, elle tem que ir á Barca, e depois vossa senhoria póde dar duas palavrinhas á fidalga; mas hade ser com muito esguardo dos outros moços.

—Sim?...—murmurou attonito Carlos, mal compenetrado ou indigno avaliador da sua feliz situação.

—Sim, meu senhor... olhe que a minha ama quer-lhe muito! Parece coisa de peccado!.. Viu-o só uma vez, e está mesmo apaixonada!... Vossa senhoria como se chama, ainda que eu seja confiada?

—Carlos Pereira.

—Por muitos annos. Pois eu vou lá cima, e volto já, senhor Carlos. Assente-se ahi por onde puder.

Temol-o, portanto, em trances não invejaveis.

Está mal de espirito. Quem o acreditará? Eu, e, mais do que eu, uns que amáram fidalgas formosas residentes em solares torreados, guardados por cães de Navarra, na quebrada de uma serra, pleno seculo XIV, tudo isto rodeado de silencios medonhos ou do zoar asperrimo das arvores ramalhadas pela ventania. Pois hade elle vêl-a e fallar-lhe?! A castellan descerá a ver o menestrel nas suas tulhas?...

Que lances tão de D. Florizel de Niquea ou Amadís passam obscuros nas aldeias do nosso Minho, onde muita gente cuida que o producto mais admiravel é o tamanho das abóboras!

Voltou a criada, meia hora depois, com uma bandeja de biscoutos e uma garrafa de cristal, coando a côr vetusta do licor com que foi substituida a Castalia antiga.

—Trago-lhe dois biscoutos e uma pinga para matar o frio—disse a jovial Perpetua.—O diabo do padre ainda não saiu! Raios o partam!

Carlos, com o proposito de animar-se, bebeu, sem que ao ideal implicasse o prosaismo de se estar avinhando da garrafeira da castellan.

Depois, um tanto espiritado, perguntou, recordando as insinuações do amigo:

—Esse padre é parente de sua ama?

—Não lhe é nada: é o feitor da casa, e diz a missa ás vezes.

—Mas a senhora D. Virginia parece que... que se esconde d'elle!...

—E' porque elle quer-se metter a governal-a. A fidalga deu-lhe muito ousio quando elle veio para aqui, e agora... como elle é quem sabe dos titulos da casa, minha ama não quer pôr-se ás más. Sabe

vossa senhoria o que eu penso? E' que elle não quer que a fidalga case.

— Por quê? Não quer! Com que direito!?

— Porque, se ella casar, o marido tira-lhe a elle o governo d'esta grande riqueza, e põe-n'o fóra. O padre o que está é a encher-se, e por isso não lhe faz conta que a minha ama tome estado, entende vossa senhoria?

Isto pareceu plausivel a Carlos. «Vejam como ás vezes se calumnía uma innocente victima d'um ladrão!» dizia o moço entre si.

*

* *

A chuva não cessava. As carvalheiras estrondeavam como um rugir de vagas embravecidas. E o padre feitor, desesperado de melhor dia, mandou desapparelhar o macho e descalçou as botas d'agua.

Feita esta revelação pela raivosa criada, Carlos deliberou retirar-se; mas Perpetua, em nome de sua ama, pediu que não saisse com tal tempo, porque teria de dar uma volta de legua em razão de não poder passar as pôldras d'um regato engrossado pela chuva.

— Vossa senhoria fica até parar a chuva — ajuntou a criada — e se não parar, cá dorme.

— Dormir!... — disse o moço enleiado.

— Então que tem?! Assim que fechar a noite passa d'aqui para um quarto onde não vae ninguem, e durma descançado que não tem perigo nenhum... Não tenha medo...

— Medo... nenhum! — repelliu Carlos, chofrado de que na mente de Perpetua coubesse o receio de lhe fazer medo o padre.

— E se o padre dormir a sésta, — acrescentou ella — a fidalga talvez lhe falle...

— Mas — atalhou o moço frivolamente — a senhora D. Virginia deseja fallar-me?

— Pois então? Se não desejasse fallar-lhe, mandava-o chamar?! Assim Deus gostasse da minha alma, como ella gosta de vossa senhoria!

A's trez da tarde, Perpetua entrou na tulha com um açafate de tampa, d'onde tirou um pedaço de lombo de porco assado com loiras batatas, um podim das mesmas, um prato de linguiça com ovos, uma compoteira de doce de ginja, e uma tigella vermelha de marmelada. Aberto o guardanapo sobre uma caixa, e posto o faqueiro antigo de prata com as armas dos Picalugas, a criada estendeu a apetitosa coberta, e disse:

— Coma á sua vontade e com todo o descanço, que eu vou ver se o diabo se deita.

Carlos comeu quasi nada e sem apetite. Faltavam-lhe dez annos para honrar dignamente aquellas iguarias recendentes, e sentir ao mesmo tempo estar-se-lhe o coração a dilatar em competencia com a viscera visinha. Figurava-se-lhe profanação e chateza, o cair da altura do seu ideal sobre aquelles nacos de sevado! Oh! como se é creança poucos dias antes de envelhecer! Quão tarde chegam a collaborar as entranhas harmonicamente na felicidade do homem! A poesia esteril é o coração sem estomago; a materialidade corruptora é o estomago sem coração. Alma feliz é a que participa do bom

sangue de um orgão filtrado de suas impurezas animaes pelo outro.

Carlos fumava o ultimo charuto, quando a criada, entrando e pondo os olhos nas vitualhas, exclamou:

Ai! que não comeu!

— Comi bastante, senhora...

— Perpetua para o servir. Vejam que pelém este! Por isso vossa senhoria é tão magrinho! Está como a fidalga que tambem não come nada!... Ora vejam! Não gostou do cosinhado, é o que foi.

— Pelo contrario: gostei muito; mas não pude comer mais, senhora Perpetua.

— Olhe que o padre deitou-se...

— Sim?

— Parece-me que a fidalga não tarda ahi.

— Sim?

— Mas ella está com vergonha... e diz que não sabe o que hade dizer a vossa senhoria.

— Não?...—acudiu Carlos com um sorriso que lhe faria pena, leitor, se vossa excellencia lhe ouvisse depois contar os phenomenos interiores que se escondiam n'aquelle sorriso.

E, passados instantes, Perpetua, fitando a orelha, disse de mansinho:

— Ella ahi vem.

O' musas!... propiciai-me o paragrapho!

*

* *

D. Virginia Picaluga entrou com desembaraço, e um sorriso, digamol-o assim, de familiaridade e alegria nos olhos negros e brilhantes.

Carlos deu dois passos, baixou a cabeça, e murmurou:

— Minha senhora...

— Olhe que elle não comeu nada!—acudiu Perpetua apontando para os pratos.

— Não?!— disse Virginia com um timbre de voz avesso do que se espera d'uns labios de frescura infantil.—Não trouxeste outras comidas, Perpetua?

— Minha senhora—tartamudeou Carlos — eu não tenho vontade de comer... Agradeço muito a vossa excellencia... o incommodo que...

— Incommodo nenhum... Desculpe vossa senhoria a casa para onde o trouxe a minha criada...

— O' minha senhora...

— Infelizmente estava em casa o meu capellão que...

— Eu já lhe expliquei tudo...—interveio Perpetua.

— Nem cadeiras!... Vae buscar duas cadeiras...

Saiu a criada, Carlos permanecia direito, hirto de braços pendentes como um recruta, ou como um palaciano.

— Como veiu dar a estas montanhas, senhor Carlos? — perguntou D. Virginia, apoiando-se no braço que escostára a uma das caixas, quebrando um pouco de lado, em bella, mas menos senhoril postura.

— Como vim, minha senhora?

— Sim...

— Vi-a... vi vossa excellencia. Ouvi o seu nome e a sua morada...

— Eu tambem o vi. Já sei que o senhor Carlos é do Porto.

— Sou do Rio de Janeiro; mas tenho vivido em collegio dos arrabaldes do Porto.

— E a sua familia onde está?

— No outro mundo. Não tenho pae nem mãe.

— Não?... Tão novo!... quantos annos tem?

— Vinte, minha senhora.

— E eu tão velha! Sabe quantos tenho? Diga lá...

— Vinte e quatro?

— Com mais dois.

— Está no vigor da mocidade, minha senhora.

Chegou Perpetua com duas cadeiras. Carlos apressou-se a tomar uma que offereceu a D. Virginia, e ficou em pé, na attitude do pagem de tocha que espera as ordens da castellan.

— Queira mandar-se sentar,—disse a fidalga.

Mandar-se sentar. O meu amigo reparou na phrase que lhe pareceu duplicadamente urbana. A senhora das Açudes não o mandava sentar-se; pedia-lhe que se mandasse elle a si. Quem inventaria este requinte de cortezia? Devia de ser phrase trazida ao castello por alguma senhora creada na côrte policiadissima de D. João III, onde Gil Vicente recitava aquellas suas policiadissimas comedias.

— Vae espreitar, que não venha alguem, Perpetua—continuou D. Virginia, no estylo do nosso uso quotidiano. — Fecha a porta do corredor que não venha aqui ter algum criado.

— E agora?! — dizia de si comsigo o confuso moço, sentindo aquecidas as faces pudibundas.

A neta dos Cuencas deu ares de sangue hespanhol no tom desempenado com que lhe disse:

— Senhor Carlos, não faça de mim máo conceito...

— Oh minha senhora! Vossa excellencia magoa me... Eu considero um anjo do céo quem me dá

a felicidade que estou gosando... — exclamou elle com sincera ternura.

— Eu bem sei que as senhoras da minha qualidade são mais... são mais... sim, são mais demoradas em acceitar a côrte dos cavalheiros que as adoram; mas eu tenho outro pensar. Se amo e vejo que sou amada, declaro logo os meus sentimentos.

— Isso é proprio de um coração generoso, minha senhora... Mas tive eu a ventura de mover o coração de vossa excellencia?

— Se não movesse, decerto não estaria aqui, senhor Carlos. Ha quatro annos que me não deixam estes cavalheiros de seis leguas em roda. Dou-lhe a minha palavra de honra que não tenho dado cavaco a nenhum...

Este *cavaco* bateu no coração do rapaz como se fosse uma sorveteira. Não obstante, o seu bom juizo reflexionou-lhe que se désse os emboras de topar uns ouvidos virgens da linguagem tersa e selecta dos salões do Porto, onde o portuguez se falla a primor. E a fidalga continuou cavaqueando:

— Tive muitas cartas, e para ahi estão todas por abrir. Posso-lh'as mostrar, se quizer.

— Minha senhora, vossa excellencia não tem que justificar-se; eu creio-a, e adoro a sinceridade das suas revelações.

— Não sei mesmo o que dizem as cartas...

Susteve-se D. Virginia, e perguntou:

— Diga-me cá: o senhor Carlos, se me não fallasse, que fazia?

— Que fazia? não entendo bem a pergunta, minha senhora...

— Escrevia-me, não é assim?

— Se vossa excellencia me permittisse...

— Pois, se me escrevesse, eu não lhe respondia, ainda que quizesse, por que não sei ler nem escrever. Admira-se?

— Não me admiro, minha senhora... Eu sei que certos fidalgos despresam a educação litteraria das filhas...

— A mim não me ensinaram nada... Eu lhe contarei n'outra occasião como fui creada. O que eu quiz agora foi dizer-lhe a razão por que o recebi em minha casa. Gostei do senhor Carlos, quiz mostrar-lhe que correspondia ao seu amor. Vi que não tinha outro modo mais... mais desenganado. Aqui tem.

— Vossa excellencia é adoravel, minha senhora! A minha alma inclina-se deante de tão amavel franqueza. Que importam os dotes da intelligencia? Vossa excellencia tem os thesouros do coração. Que mais heide eu pedir a Deus?

— Que faz vossa senhoria n'éstas terras? Tem alguma quinta?

— Saí do Porto ha mezes doente, e vim restaurar-me na quinta d'um amigo; vim conduzido pela mysteriosa Providencia... Era vossa excellencia quem eu procurava... era a realisação dos meus sonhos...

— E demora-se por aqui?

— Emquanto vossa excellencia me não repellir; em quanto... sentir que mereço a estima de vossa excellencia.

— Então havemos de fallar mais vezes. Olhe... domingo sei eu que o meu capellão vae para Braga, e volta na segunda feira. Venha no domingo ao meio dia, e espere que a Perpetua o vá chamar, sim?

— Sim, minha senhora.

— Tenho muito que lhe dizer... muito, muito... Sympathiso muito *comsigo*.

Perpetua deu signal de que o capellão não adormecêra, e já andava a pé. D. Virginia ergueu-se de golpe, e apertou a mão de Carlos, que se inclinou a beijar a d'ella. Era o primeiro osculo que depunha em mão de mulher.

A fidalga sorriu-lhe com amoravel complacencia e retirou-se, apertando o passo.

O meu amigo, querendo debuxar em sombra e muito á flôr do coração as delicias que o endeusavam ao separar-se de Virginia, disse:

— Tive orgulho de mim, e, assim mesmo, eu achava-me um insignificante para aquella mulher que se me figurou o brilhante, como elle saíu das mãos do Creador, antes que os homens o polissem para o converter no ouro das paixões abjectas.

Este paragrapho seria absurdo, se o capitulo seguinte não alumiasse os incredulos e justificasse o author.

V

Segundo golpe

Volvido um mez, depois da mais honesta scena de amor dos meus romances, appareceu-me Carlos Pereira, alegre, nutrido e robusto.

Eu sabia apenas que o moço amava, e projectava um casamento rico. Sabia-o d'elle e do meu amigo dos Arcos, para quem o tal matrimonio, *se não fosse uma fabula, seria uma calamidade.* Pedi explicações confidenciaes. Respendeu-me : *Não sei que instincto me diz que a mulher amada por Carlos esconde mysterios indissimulaveis a um marido. Carlos tem cataratas. Não lhe faço a operação, por que receio cegal-o irremediavelmente. Espero que uma eventualidade lhe relampagueie a luz da razão.*

Do primeiro folego, levou Carlos a calorosa narrativa ao ponto em que a deixamos. D'ahi por deante, a exposição é confusa, derramada e superabundante. Trato de esclarecel-a, abrevial-a e mondar-lhe as superfluidades.

As visitas do caçador ao solar dos Picalugas foram espacejadas a prasos de trez dias. Duas ou trez vezes, o aventureiro recebeu ordem de retirar-se, e d'uma vez pareceu-lhe divisar a corporatura entroncada d'um homem atravez da vidraça. O intemerato moço não temia o padre. Fiado nos dois tiros da sua espingarda, affrontava desassombradamente a fama do pimpão tonsurado.

Na derradeira vez que fallára á castellan, o pacto definiu-se nos mais positivos termos. Carlos obteria licença do prelado do Porto ou do bracharense para que um vigario qualquer celebrasse entre elles o sacramento. Virginia sairia de sua casa em occasião que o padre andasse fóra, com tardança de trez dias. O ensejo apropositava-se, porque o administrador dos vastos dominios ia a Traz-os-Montes instaurar processos contra uns foreiros. Quando saisse, a noiva levaria comsigo os titulos da casa, ou os esconderia da rapacidade do capellão. Casados, permaneceriam algum tempo no estrangeiro, onde D. Virginia muito desejava ir, revelando ao noivo, n'esse acto, que possuia algumas centenas de peças encontradas nos contadores de seu pae.

Em consequencia da qual combinação, Carlos Pereira passára a negociar no Porto a licença prelaticia, e me pedia a mim que lhe solicitasse as relações necessarias ao intento.

Escutei pasmado e quasi incredulo esta urdidura de novella insensata. Pintou-se-me aquillo uma das minhas creações romanticas n'aquelle tempo, em que tudo me saía d'esta laia, desalinhavado. Recorri ao meu juizo, que eu raras vezes incommodava: o qual, lisonjeado do apêllo, me acudiu n'este exemplar interrogatorio:

— Essa mulher não te pareceu doida? Franqueza, Carlos!

— Doida!... Não. Pareceu-me tão innocente como energica.

— O chamar-te a sua casa sem precedente algum que desculpasse a estranheza do desembaraço, pareceu te um acto innocente?

— Pareceu, pois então?

— E o grande comico d'essa primeira scena quadrou com os teus altos espiritos de boa critica e fino sentimento?

— Onde está o grande comico da primeira scena? pergunto.

— Em ti que olhaste idealmente para essa mulher. Poupemol-a á irrisão, visto que tu dás sufficiente assumpto de comedia.

Carlos fez-se escarlate de colera. Eu abri placidamente a ultima carta do nosso amigo dos Arcos, e disse:

— Não conheço sómente essa senhora das tuas informações. O que tu me contas corrobóra o que vem muito superficialmente apontado n'esta carta. O nosso amigo declara que não te opéra as cataratas. Eu sou mais atrevido operador.

Carlos leu, esforçou-se por fingir placidez e disse:

— O que vejo aqui são palavras. Vamos a factos. Tu ou elle accusem Virginia: se eu a não defender, seja ella infamada, e vocês venceram.

— Eu não accuso: inquiro por em quanto o teu testemunho; mas, meu caro rapaz, conversemos com sereno desafogo. Essa senhora, á primeira vez que fallou comtigo, allegando que não sabia ler, prometteu contar-te como foi creada.

— E contou.

— Que contou?

— Que seu pae, por motivos muito sagrados, a mandára entregar a uma ama muitas leguas distante, com quem viveu até á edade dos vinte annos, ignorando de quem era filha, creada como as filhas de sua ama, sem educação de natureza alguma.

— Isso é verosimil. Podia ser assim. Disse-te em que terra fôra creada?

— Não lh'o perguntei.

— Convinha perguntar.

— Com que fim?!

— Com o fim de saber que vida teve até aos vinte annos; quem era quando o pae a mandou buscar.

— Era uma aldeã com a innocencia e ignorancia proprias do seu viver.

— As aldeãs vivem ignorantes, concordo; mas innocentes nem sempre. Que me dizes tu a esse administrador da fidalga? A fuga de D. Virginia, senhora emancipada e livre, não te faz suppor que esse padre não é temido como empalmador dos titulos, senão como outra casta de patife menos digna do nosso horror?

— Não entendo.

— Então, mais claro: o padre será amante da fidalga? Pensemos n'isto, Carlos.

— Jé expliquei sufficientemente os receios de Virginia. Disse-te que o padre Joaquim das Neves...

— O padre... quê? — interrompi com embasbacado assombro. — Torna a dizer... o padre?

— Joaquim das Neves, conheces?

— Que edade tem esse padre?

— Não sei. Poderá ter trinta e tantos annos.

— Ha que tempo foi chamada D. Virginia para casa do pae?

— Ha quatro annos.

— Já me disseste que essa mulher é alta, reforçada, um pouco morena, olhos negros... ?

— Sim.

— E o padre é um homem muito corpolento, côr amulatada, e... muito valente, me disseste, não é verdade ?

— Justamente.

O meu interrogatorio precipitava-se á medida que as reminiscencias me acudiam ; mas, afinal, fez-se tal negrura no meu espirito, que senti vontade de chorar.

— Por que me fizeste essas perguntas ? — exclamou Carlos alvoroçado. — Conheceste Virginia ?

— Conheci uma mulher que não se chamava Virginia. Vae ás Açudes e pergunta-lhe, se antes de ser Virginia, não foi Narcisa. Se ella disser que não, pergunta-lhe em que terra viveu até aos vinte annos ; se disser que sim, chama-lhe infame, e foge, e foge mesmo de ti, em quanto essa imagem te fizer lembrar que estiveste á borda d'um abysmo de opprobrio.

— Eu não vou fazer similhante pergunta — replicou o pallido moço — Dize o que sabes...

— De Narcisa ?

— Sim.

— Digo, que vou contar a historia de Virginia, visto que o padre Joaquim das Neves não se crismou. Olha que é historia de fazer asco a indifferentes !... Mas, se ha no mundo alguem interessado em sabel-a, és tu ! Escuta :

Eu, ha quatro annos, estudava latim n'uma terra que prende Traz-os-Montes com o Minho. De lá é que eu trago estas recordações.

Vi ahi uma mulher chamada Narcisa, vivendo com um padre chamado Joaquim das Neves. Era linda, teria vinte e doîs annos. Impressionava suavemente a quem lhe não sabia a vida.

O nome que lhe davam era a Vaca-loira, porque diziam ser filha d'outra Vaca loira, recoveira de Cavez.

Esta rapariga, quando tinha quinze annos, amou um estudante de clérigo, e perdeu-se. O estudante, que era filho d'um pequeno lavrador, deixou-a e foi para Braga continuar sua ordenação. Narcisa, creança de mais para acceitar como lição o primeiro infortunio, buscou seu remedio descendo d'uns a outros abysmos até parar no extremo, que tem a porta franca aos que passam.

Estava ella aqui no Porto, arrebanhada com as de sua condição, quando a visitou um padre. Este padre era Joaquim das Neves, áquelle tempo abbade, na terra onde eu estudava. Ella reconheceu-o e chorou. Elle, que andava em busca da sua victima, apertou-a ao seio e disse-lhe: «Eu vinha buscar-te, Narcisa. Tenho pão que repartir comtigo. E' tarde, mas faço o que posso. Ha trez annos que te procuro.»

Quando me lá contaram isto os menos inimigos do sacerdote, eu louvei o homem, e não vi a batina.

Levou-a para a sua abbadia; mas, passados mezes, o abbade foi expulso, e o padre foi suspenso das ordens como immoral e amancebado. Fôra-lhe melhor tel-a deixado ir ao hospital. Seria conego, d'ahi a dias.

Levantaram-lhe a suspensão, repunham-n'o na abbadia sob condicional de largar a manceba. Rejeitou o partido.

O seu patrimonio era quasi phantastico. Faltava-lhe o mais urgente á vida.

Quando o conheci era grande a pobreza do padre. Passava os dias no monte ou no rio a caçar ou a pescar. Trocou a batina por uma saia para Narcisa, e os breviarios por umas botas para elle. Ensinava a ler os rapazinhos, quando recolhiam os rebanhos, e recebia de cada discipulo seis vintens por mez.

Não sei se a Vaca-loira teve saudades do mister infame e farto que trocára pela miseria infamada em que vivia. Contava-se que não; que estava mudada, que não se confessava por não ter a quem, e não ia á missa porque os fieis se arredavam d'ella com tregeitos de nojo.

Na correnteza d'estas passagens, appareceu uma senhora e um sacerdote, ambos de avançada edade, na aldeia de Cavez, indagando d'uma recoveira de alcunha a Vaca-loira.

Ainda vivia.

Pediram novas de uma exposta que ella tirára da roda de Braga vinte e dois annos antes. A recoveira lembrou-se de ter ouvido dizer á enfermeira da roda que a engeitada levára signal, e fora encontrada envolta n'uma coberta de seda muito rica. As novas pedidas deram-lhe rebate de que a rapariga era procurada por seus paes. Não contou o viver de Narcisa, por interesse seu. Esperava recompensa ou dos paes, ou da filha, agradecida ao silencio da ama.

E tomou a seu cargo ir demandal-a.

Ouvi dizer que a senhora, quando viu a moça, exclamára: «Não posso duvidar, que é o rosto da minha irmã» e se abraçára n'ella com muitas lagrimas, e lhe revelára que era filha de uma dama

já fallecida, e de um fidalgo moribundo que a mandava procurar pelo seu vigario.

Dizia-se mais, que a já defunta mãe da exposta, sendo religiosa d'uma ordem nobre, déra á luz aquella menina, e a entregára á piedade de sua irmã; a qual, não podendo occultal-a, a enviára á roda com um papel em que declarava o nome da menina, a fim de ser entregue quando outro papel identico na forma e nas palavras fosse apresentado. E juntava o meu padre-mestre que o fidalgo, anavalhado de remorsos no fim da vida, e solitario no seu sombrio palacio, chamára a irmã da freira, e lhe perguntára se sua filha poderia milagrosamente apparecer. E, informado da previdencia da condoída senhora, enviára o seu abbade a colhêr informações na roda de Braga.

Narcisa acompanhou sua tia, e padre Joaquim das Neves ficou. Pouco tempo depois, o padre desappareceu, e grassou logo a nova de que a Vacaloira herdára uma das maiores casas do Alto-Minho, e chamára para si o padre que se morria de saudades d'ella. Concluindo:

O que eu não sei dizer-te é como a Vaca-loira se poetisou em Virginia; mas é facil calcular. A egreja tem o sacramento da confirmação que permitte estas mudanças.

Narcisa ou Virginia, essa mulher tinha em sua vida uma face apenas maculada de nódoas vulgares. Caíra. Os atascadeiros por onde ella passou até se amparar ao coração do homem que a engolfou no primeiro, eram nojosos; mas a caridade fechava olhos para não vêl-os. O que eu vi e todos viram foi uma mulher resignada na miseria, acceitando as migalhas de quem a perdêra aos quinze annos.

Se me tu contasses a historia que ouviste, e concluisses louvando a lealdade e estima que Virginia consagrava ao padre Joaquim das Neves, e tivesses em grande conta o coração regenerado d'essa rica senhora, que o amor perdêra, e a pobresa cancerara, e na pobresa se restaurára, ó meu amigo, tambem eu iria jurar que a luz do bom anjo da infancia de Narcisa se não tinha apagado. Tambem eu, ao passar pela meretriz de ha sete annos, me descobriria respeitoso como deante das Porcias que a visitariam no Porto, se ella cá viesse, e désse partida semanal.

Desde, porém, que essa mulher, assaltada por um desejo honesto ou torpe, infama de ladrão o homem que se empobreceu por amparal-a; desde que ella, ou apaixonada ou a sangue frio, te mentiu infamissimamente e quiz cobrir-te de opprobrio, e pôr na tua cara a lama de sua vida... o nome que essa mulher tem... dá-lh'o tu.

Derivavam lagrimas copiosas nas faces de Carlos Pereira. O chorar é, umas vezes, allivio de angustias, as quaes são tributo de dôres que honram o coração; outras vezes rebentam como o pús da postêma, e são tambem allivio. Esta saudavel supuração restaura os corações sobre os quaes a Providencia dos bons firmou o seu dedo purificador. Taes eram as lagrimas do moço que depozéra o beijo virginal de seus labios, em que toda a alma lhe estremecia, na fronte de Narcisa.

VI

Terceiro amor

Uns corações teem melhor carnadura que outros. Ha d'elles que cicatrisam depressa golpes fundos. Outros, escoriados á superficie, ulceram mortalmente; e, se escapam, a lesão para toda a vida é certa.

Carlos Pereira não era dos ultimos.

Este segundo golpe fechou sem febre. O enfermo não chegou a acamar. Passou uns poucos dias esquivo a conversações e quasi sempre no seu quarto; depois andou por botequins e theatros, e outras diversões.

Ajuizei, temeraria e offensivamente, do meu amigo: confesso-me escarmentado para nunca mais julgar uns pelo que sei d'outros e de mim.

Que havia de imaginar eu, homem nado de ventre de mulher, quando, por espaço de quinze dias, não vi Carlos Pereira, nem pessoa que o tivesse en-

contrado? Imaginei que elle estivesse alapado na tulha das Açudes, lendo alguns capitulos paradoxaes de Manon Lescaut, ou quejando romance justificativo das paixões ignobeis! Refujo d'esta involuntaria aleivosia. Pejo-me do leitor, respeitando a delicadesa dos seus sentimentos, e de mim que pude afferir o coração d'este rapaz pela rasa commum... *commum*, não digo bem. Apenas haverá ahi trezentos leitores (dos trezentos e um que hão de lêr este livro) capazes de voltar ao palacio torreado de D. Virginia de Picaluga. O leitor é o *um* que lá não ia, com toda a certeza. Pois receba os parabens da moral publica, e os meus.

Inesperadamente recebi carta do meu amigo, datada em Coimbra.

Desculpava se de não se ter despedido, attribuindo a culpa ao estado de torvamento em que saíra do Porto por uma noite de horrendissimo choque. Explicando a retirada improvisa, disse que, chegado ao theatro de S. João, vira Laura n'um camarote da primeira ordem com o pae, e João de Campos. «Não pude mais encarar aquella infame! — acrescentava elle com desvairada injustiça. — Se eu podesse medir-me com ella, mostraria aos meus conhecidos a devassa honesta para quem os homens olhavam com respeito.»

Pelos modos, o intento, em Coimbra, era subjugar a sua mocidade ao estudo, e defender das illusões da alma os mais funestos annos da vida. Exemplar alvitre!

Contei isto aos meus amigos, e riram todos. De quê? Do mancebo que presumia ser melhor do que elles.

Se era! Que anjo n'aquelle homem restituiria a

Deus a sociedade, se ella não fosse, em toda parte, o inferno dos anjos e o paraizo dos demonios, como, da de Pariz, dizia Henri Heine!

Ao fim de alguns mezes, soube-se que o brazileiro se matriculára no primeiro anno philosophico, e estudava assiduamente, tencionando voltar para o Brazil, concluida a formatura.

Esta assiduidade, porém, desmentiu-m'a o boato de que o meu amigo requestava certa menina muito recatada, no seio de sua familia, uma das distinctas de Coimbra.

D'esta feita, ri eu tambem. O coração do meu pobre amigo não podia com o vácuo de mais de trez mezes!

E quem será a terceira inquilina? perguntava eu a mim mesmo, conjecturando que especie de terceiro logro lhe pregaria o cupido piccaresco da sua juventude?

Informaram se com mais ou menos exactidão os seus contemporaneos.

A menina teria dezeseis annos; não era formosa, mas revelava na meiguice do rosto bonissima alma; tambem não era rica, mas podia viver decentemente com o seu dote; não fallava nas salas por ser muito escassa de intelligencia, mas captivava com o seu modesto silencio a sympathia das pessoas graves; era de estirpe fidalga, mas não se dedignava de intender no governo da casa, e dar muito gosto á sua familia n'aquella sua lida e perfeição de ministerios caseiros, ou «lances caseirissimos» como diz o author da *Carta de Guia de Casados*.

Outros informadores menos sisudos disseram-me que a menina era idiota; que creava canarios e passava o mais de sua vida a coser ovos para elles;

que, tirante as horas de cosinhar para as aves, dormia e comia á proporção.

Sem embargo d'estas qualidades medianamente cobiçaveis, era voz unanime que os parentes de Estella — nome tão mal casado com a indole culinaria e passarinheira d'esta senhora — a estorvavam de namorar Carlos Pereira, e viviam muito dissaboriados da primeira inclinação de creatura tão arisca e desdenhosa de homens.

Salta logo ao espirito o silencio de Carlos comigo: tinha pejo de me dizer: «cá estou amando.» A gente como que se envergonha de amar terceira vez, deante das testemunhas que assistiram duas vezes aos nossos desastres, mórmente se o tombo foi de feitio que fez rir as pessoas mais cordatas, como succede no cair por escorregadella, em que a gente se magôa burlescamente.

No fim do anno de 1850 fui a Lisboa e passei por Coimbra.

Era no tempo das caléças... Ai!

Não cuide o leitor impaciente que o faço retroceder ás delicias do meu tempo, pintando ante os seus olhos invejosos a poesia do jornadear em caléça. Não. Releve porém a rogos de uma saudosa alma que eu repita a phrase que me sae do intimo em soluços: era no tempo das caléças; no tempo em que Coimbra, a namorada do Mondego, mal pensava ainda que um dia as suas grutas de sinceiros, — tão cheias de amor antigo, tão rumorosas dos murmurios que alli fallou a mocidade de trez seculos — seriam rôtas, e devoradas pelo dragão de ferro, que silva estridente como o demonio da materia que triumpha.

Era no tempo das caléças.

Apeei em Coimbra, dei um geito ás costellas deslocadas, e fui em cata de Carlos Pereira, que encontrei na rua do Coruche. Quem se lembra já hoje da rua do Coruche? Ha doze annos que passou por alli o Progresso, este iconoclasta implacavel que subverte as coisas santas da religião artistica de antiquarios e poetas. O Progresso é barrigudo: não cabe em ruas estreitas. Aquella, a do Coruche, levou-a elle deante de si; e, como ás cavalleiras d'esse pujante demolidor andem os bons progressistas para darem o seu nome ás emprezas que elle commette, aquella rua das minhas saudades ficou-se chamando do *Visconde da Luz*.

Com que prazer eu vi, ha dois annos, o senhor doutor Diniz que n'aquella rua me deu lições de latim! A custo me contive que lhe não dissesse: «O' meu querido professor, eu sou um dos que antigamente descêram das regiões transmontanas n'aquelles machos que o progresso tirou da circulação para dar praça a outros maiores. Sou um dos anciãos que ainda viram a rua do Coruche, e imaginaram saltar da vossa janella para a da visinha fronteira. Pertenço áquella quasi extincta raça de homens fortes que patinharam nos atascadeiros da vossa rua, e ante-cheiraram o fedor da desorganisação geral no dia em que a Providencia converter em lama as obras do Progresso. *Etc.*»

*

* *

Morava pois na rua do Coruche o meu amigo Carlos Pereira.

Queixei-me do immerecido silencio. Deu largas á

sua alma, e contou-me tudo, como quem precisava d'um confidente.

Amava ternissimamente a sua Estella, com um affecto purificante das fezes que as outras paixões lhe haviam sedimentado no coração. Disse-me d'ella encarecidas finezas, audacias innocentes de amor virginal, arrojos emfim de creança que se atreve contra a tyrannia d'um avô, d'uma avó, e tios, e irmãos ferocissimos.

Este esboço desdizia algum tanto dos outros que me tinham feito. Menina assim reaccionaria parecia-me não tanto idiota como se dizia, e menos captiva dos canarios.

Quanto a estas aves, me tapou o meu amigo a bocca, dizendo-me que Estella amava os passarinhos, e os aquecia implumes no seio, e lhes afôfava os ninhos.

No tocante a intelligencia, disse que Estella apenas lia nas estrellas os livros dos anjos: que conhecia Deus nas suas maravilhas, e o adorava com as palavras do Evangelho.

Pelo que pertencia á alma, era a formosura ideal; e, no ponto de belleza plastica, sinceramente se gloriou de que ella tivesse uns olhos por onde se lhe via o mais secreto do coração. «Dizem que não é bonita» — ajuntou elle. — Basta que eu te diga que é amada.

A traça d'esse affecto era qual devia ser de animo tão estreme de vicios: legitimar, santificar o seu amor. Já a tinha pedido. Foi mal acceite. Perguntaram-lhe quem era, cujo filho era, e d'onde. Respondeu verdade pura como cumpria. Plebeu, com riqueza não bastante a aplacar as iras dos avós de Estella

A menina bandeou-se com o plebeu, e auctorisou-o a deposital-a judicialmente.

N'este conflicto andava irriquieto o espirito de Carlos, quando cheguei a Coimbra.

Exhauriu o assumpto; e como eu me demorasse em alvitrar sobre tão grave materia, Carlos, desconfiando do meu silencio, acudiu impacientemente:

— Não tentes despersuadir-me!...

— Pelo contrario: incito, se é preciso, a que te cases com essa senhora, de quem já tenho informações eguaes ás tuas nos pontos importantes. Careces de repouso e de familia. Casa-te, Carlos; senão, dás cabo do teu coração e do teu patrimonio.

Este agradavel thema foi a nossa pratica d'uma noite. Deixei-o bem firme no proposito de requerer o deposito de Estella em casa d'uma respeitavel senhora, cujos filhos eram condiscipulos de Carlos.

*

* *

Na minha volta de Lisboa pernoitei em Coimbra, em abril de 1851. Carlos convidára-me para assistir ao seu casamento.

Vi Estella no adro da egreja, ao alvorejar da manhã.

Vestia um modesto vestido de seda, e agasalhava-se em uma capa de martas.

Nem corôas, nem brilhantes. Pareceu-me bem esta simplicidade.

Entraram com ella duas senhoras idosas, embrulhadas nas suas capas de panno. O padrinho era um velho professor de direito; as testemunhas eram dois condiscipulos do noivo e eu.

Carlos tremia de felicidade. A muita alegria prejudicava-lhe o tom serio que o acto reclamava.

—Que te parece Estella? não é um anjo?—perguntou-me elle, um momento antes de ajoelhar no arco da egreja para commungar.

—Se te sentes anjo, ella hade sêl-o—respondi.

—Já é—insistiu elle infantilmente.

—Eu respondi-te como quem faz um discurso exhortatorio ao moço que se casa—repliquei.

Concluida a ceremonia, fui apresentado á esposa do meu amigo.

Dei-lhe os emboras um tanto ambiciosos e estofados de palavras e idéas em demasia litterarias.

Estella inclinou trez vezes a cabeça em signal de reconhecimento, e não respondeu.

Este silencio provava favoravelmente.

Acompanhei os noivos a casa do doutor, onde almocei.

Durante o repasto, Estella entrou escassamente em conversação monossylabica e só com as senhoras. O marido perguntou-lhe não sei que innocente frioleira ácerca do frio da madrugada. A esposa sorriu-se e purpurejou-se.

Findo o almoço, acompanhámos os noivos a sua casa nos arrabaldes da cidade.

As aves festejavam a passagem da sua amiga. Ao atravessarmos o Jardim Botanico, ouvi-lhe dizer com maviosa saudade:

—E os meus canarios!... coitadinhos!...

Fez-me isto muita pena.

Quando chegámos á casa campestre, recebi uma impressão asperamente melancolica.

O edificio tinha sido hospicio de frades pobres. Era de um só andar, com um pateo central, ou claus-

tra, áquelle tempo ajardinada com pouco artificio e esmêro. O muro da pequena cêrca tecia-se de sebe de piteiras, arbustos áridos e tristes, em que li entalhadas algumas iniciaes e datas. Eu nunca vejo estas memorias, talvez abertas alegremente, que não fique a scismar na mão que as abriu, já agora convulsa de velhice ou esbrugada dos vermes. Um nome de mulher escurenta-me ainda mais o coração, se dez ou vinte annos enrugáram o córtix entalhado. Se ella era então um anjo, quantas angustias lhe desplumariam as azas? Se formosa, conhecel-a-ia hoje ao pé da arvore, que lhe guarda a memoria, o homem amantissimo que estas letras cortou? Se elle aqui viesse, e n'estas iniciaes e data se reconhecesse e recordasse, que lagrimas a fio lhe não encheriam os vincos do rosto!

Se isto foi, se alguma intuição mysteriosa, não sei. Certa sei eu que era a tristesa que me fez aquella casa, sem eu poder a mim mesmo convencer-me de que era bello o local ao parecer de todos, e principalmente dos noivos.

Os do pequeno rancho voltamos logo para Coimbra. Observei que ninguem na ida nem na vinda, sequer, apparentou alegria! O doutor retirava-se reconcentrado; as duas senhoras trocavam raras palavras; os dois moços, filhos de uma d'ellas, impressionaram-me em dobro, attenta a sua edade, por via de regra, jovial e boa agoureira de casamentos em condições de mutuo amor, provado por sacrificios de ambos.

Abeirei-me do doutor, e disse-lhe intencionalmente:

— Figura-se-me que deixamos no seu paraizo dois esposos muito felizes...

—Estou por isso —annuiu o velho—mas pouco lhes hade durar o contentamento.

—Por que, senhor doutor?!—repliquei, parando, dolorosamente admirado.

—Pois não viu Estella?

—Vi.

—E não reparou n'aquellas faces? Está tisica; morre como cinco irmãs que teve.

—E Carlos sabe?

—Quando se manifestou o primeiro symptoma já ella estava em deposito. N'estas circumstancias, o aviso seria atormental-o inutilmente. O pobre moço ignora que lhe ha de morrer a mulher antes que volte outra primavera a desabrochar as flores da claustra.

—Que infeliz rapaz! — murmurei transido de compaixão recordando os lances d'aquella vida no espaço d'um anno.—E ella conhece o seu estado?

—Onde viu o senhor um tisico assustado da morte?... Quando lançou os primeiros golfos de sangue, lembrou-se de cinco irmãs que assim tinham começado os longos paroxysmos. Chorou; mas, ao outro dia, sentiu-se tão aliviada que attribuiu á hemoptise a cura de pequenas queixas que a molestavam, e rogou a essas senhoras o maior segredo para evitar sustos a Carlos. E eu recommendo ao senhor toda a prudencia. Antecipar dôres, preparando um amigo para as que irremediavelmente hão de vir, é amisade funesta... Deixemol-os com a sua ephemera alegria, que é, pouco mais ou menos, a duração de todas as alegrias. E muitos que hoje se sentem cheios de vida e fiados nos sorrisos da fortuna morrerão primeiro do que

Estella, ou serão desgraçados mais cedo do que o pobre Carlos.

*

* *

Fui jantar com os noivos no dia seguinte.

Entrevi-os emboscados nos olivedos visinhos da casa. A face de Estella, reclinada para o peito do esposo, certo lhe ouvia pulsar o alvoroçado coração. Caminhavam muito de passo, e pareciam-me silenciosos. Tanto que me avistáram, ella alçou a cabeça da languida e mimosa postura; e elle, como encantado d'aquelle tão gentil movimento de pudor, aconchegou-a mais de si, retraindo o braço.

Estella, durante o jantar, disse menos palavras que as necessarias para se formar conceito do seu espirito. Eu, todavia, não a desairo, nem descuro a urbanidade da critica, suppondo que esta dama, sendo dotada de excellentissimos predicados, dispensava-se de grande entendimento, o somenos de todos os dons feminis, e muitas vezes o empestador dos outros.

No que respeita a formosura, com mais espaçado exame, assenti á opinião dos que a não admiravam. Em extremo alva, mas sem vida nas feições medianamente regulares; um quebrado de côres, e languidez de vista; mas denotando sangue pobre, anemia e desfalecimento. Se o carmim das faces era bellesa, mais para o céo que para nós a estava aformosentando a morte.

E que dor me fazia o contentamento de Carlos! Como elle talhava, largo e longo, pelo futuro dentro, ridentes planos!

— Levas por deante a formatura em filosofia?— perguntei.

— Não. Ha quatro mezes que não vou á aula, nem abri os compendios. Não quero formaturas, nem sciencia, nem livros; quero o que tenho: a felicidade suprema. O meu patrimonio está bastante desfalcado. Não se restauram patrimonios a estudar: extinguem-se. E concluida uma formatura em Portugal, quem a comprou com o seu trabalho e todo o seu haver, sente-se apenas habilitado para ir mendigar um officio de quatro libras mensaes ás portas das secretarias.

— Mas tambem se extinguem os patrimonios sem estudar...—objectei eu.

— Excepto quando se trabalha.

— Trabalhar! tu? em que?

— Onde meu pae trabalhou: no commercio.

— Ah! no commercio! que sabes tu d'isso, meu visionario?

— O que meu pae sabia: as quatro operações arithmeticas, e outras que meu pae decerto ignorava.

— Vaes portanto abrir uma loja... de quê?

— Uma taverna, suppõe.

— Apoiado! Vaes aquartilhar o espirito que mais reluz na cara da Minerva moderna. (*) Conheceste, como J. Jacques Rousseau, os costumes do teu tempo, e fazes-te taverneiro...

— Verás que não gracejo — volveu Carlos. — Vou ser commerciante; mas não sei de que especie...

— De especiarias que é a especie mais vendavel — prosegui mettendo a riso a traça mercantil que

(*) N'esta época a vinolencia, entre os academicos, era distincção invejavel. Quem bebesse por alguidar e digerisse em pé o seu vinho, attingia o acume da celebridade.

tambem me parecia especie de disparate novo. Elle, porém, proseguiu gravemente:

— Vou com a minha Estella para o Rio de Janeiro, logo que ella tenha recebido o seu patrimonio que regula pelo meu. Tenho lá tios maternos negociantes não sei de quê. Se me admittirem como socio na propórção do meu capital, serei socio; se não, serei guarda-livros, não podendo estabelecer-me com os fundos que levo.

— Tens, portanto, cobiça de riqueza?

— Não. Tenho vontade de trabalhar para os meus filhos. Quero imitar meu pae.

— E' louvavel o proposito; mas duvido que persistas. Teu pae não morreu rico, segundo infiro do teu patrimonio.

— Tinha vinte contos quando morreu, porque os governos de Portugal, aos quaes elle confiára a maior parte da sua «fortuna», roubaram-lh'a, e deram-lhe um masso de papeis que se chamam titulos de differentes côres. Eu devia ter cem contos, se Portugal não fosse uma cafraria.

— O resultado da ambição desmedida. Esse desastre foi uma lição que teu pae te deixou. Se elle se contentasse com cem contos, e não negociasse com os cafres portuguezes, esperançado em dobrar o teu patrimonio, eras tu rico hoje. E serias mais feliz?

— Não.

— Cem contos compram muitissimos gosos com muitissimas feses de tristeza, de doença, de remorso proprio e de alheias lagrimas.

O meu amigo riu-se da gravidade sentenciosa d'este dizer, e remoqueou-me d'este feitio:

— Ninguem devia ter saude, alegria e socego de

alma como tu! Ninguem dirá que participas dos achaques e tristesas dos cem contos!

—Esse argumento denuncia que a logica no collegio da Formiga é uma arte por meio da qual se aprende a não raciocinar. Tenho vinte e cinco annos, e já desbaratei um pequeno patrimonio. Vês-me triste e doente? E' isso verdade. Se houvesse herdado cem contos, meu amigo, ver-me-ias de certo mais doente e mais triste.

—Póde ser; mas cem contos concedem ás vezes que um homem se não ache muito mal de saude e satisfação. A mim convinha-me possuil-os, para comprar um titulo de marqueza para Estella — continuou Carlos, na ausencia da esposa.

—Agora vejo que é legitima a tua ambição, meu amigo. Queres ser marquez...

—Sómente para o fim de alegrar seis avós pintadas de minha mulher, as quaes, no dizer de uma setima que ainda está no original, amarelleceram na lona quando o juiz foi buscar Estella.

Esta jovial palestra não desfez a nuvem de melancolia que os ditos facetos de Carlos condensavam mais.

—O clima brasileiro será bom á debil compleição de tua senhora? — perguntei, impondo-me toda a prudencia recommendada superfluamente pelo doutor.

—Estella é debil; mas tem perfeita saude—respondeu Carlos; mas não sei que spasmo de susto lhe vi nos olhos, ou a minha prevenção m'o figurava.—Ouviste dizer que ella padecia do peito?!

—Não — acudi logo com o mais sincero desassombro da mentira.

—A mim disse-me alguem que ella soffria d'um

pulmão. E' falso. Estella nunca teve o minimo incommodo de peito. Asseverou-m'o ella.

—Muito bem; mas perguntava eu se lhe conviria o clima quente do Rio de Janeiro.

—Convéem ás pessoas fracas os climas quentes. Mais uma rasão para que eu vá. Talvez ouvisses dizer que cinco irmãs de Estella morreram tisicas... Tambem meus irmãos morreram tisicos; e eu, como vês, tenho perfeita saude e uma forte constituição, não é verdade?

—E' verdade. Ha muitos exemplos d'essas excepções.

Alguns minutos permanecemos silenciosos. Carlos escutava como receioso de que a esposa o ouvisse. Em seguida, travou-me do braço com vehemencia, e levou-me para o balcão de uma janella, onde me disse abafando o som da voz:

—E se ella estivesse já ferida da invencivel doença!... Se me ella morresse agora!...

—Não penses em tal, Carlos!—atalhei eu forçando palavras de alento.—Que receias, se ella está bem e diz que nunca padeceu?!

—Receio a minha funesta sorte! Receio que, depois de dois annos de infernaes soffrimentos, este anjo descesse a enxugar-me as lagrimas, e me fuja com a minha felicidade. Não me falta mais nada!... Resta-me vêl-a morrer!...

—Jesus! que phantasia!—exclamei.—Onde vaes buscar esses imaginarios terrores, homem!

—Onde vou? Pois imaginas que eu me illudi um instante desde que soube da morte das outras?... Não vês que forcejo por afastar de mim o presentimento de que a vida da minha Estella hade ser curta, e que heide ficar n'este mundo, sósinho, a

choral-a...? Quando me perguntaste se o clima do Brazil lhe seria bom, não me viste estremecer? Reparaste hontem n'aquellas duas senhoras que estiveram sempre tristes, e no doutor que se ficára a olhar para Estella com um ar de piedade... Não reparaste!

—Não!

—E tu por que estavas triste?

—Eu não estava triste, Carlos... O meu silencio era respeito ás pessoas que te acompanharam. Bem vês que eu não havia de gracejar em presença de tres velhos que assistiam a um noivado com o aspecto funeral de quem encommenda um defunto em trintanario cerrado. Hoje, porém, vinha eu com optimas disposições para folgar, e contava com a tua alegria...

—Alegre estou eu! redarguiu Carlos dissimulando e abrindo um falso riso.—Mas que queres? O habito do infortunio parece que atrophia. Imaginemos que alumiar-se o ar foi uma traição á minha crença para que me animasse a tentar a fortuna; e quando cuido que eu a venci, vae estalar algum novo raio da fatalidade...

Estella appareceu muito alegre, participando ao esposo que sua avó lhe mandára os canarios; e voltou logo de corrida a dizer palavras muito cariciaveis ás avesinhas que nós ouviamos gralhear.

VII

Terceiro golpe

Isto passou em abril.

D'ahi até agosto recebi assiduas noticias de Carlos.

Os receios eram desvanecidos, conforme suas cartas insinuavam.

No proximo outubro gizava elle sair para a sua patria — resolução que os tios approvaram com vantajosas promessas. Pedia-me que o fosse abraçar antes da partida, se eu era amigo á prova de quinze leguas de distancia.

No meado de setembro voltei a Coimbra, não tendo recebido carta nos ultimos quinze dias.

Achei Carlos desfigurado, quando me abriu os braços.

— Que ha!? que tens!? — murmurei eu trespassado de glacial certeza do vaticinio feito pelo doutor.

— Não tive coragem para te escrever — balbuciou o marido de Estella.

— Tua senhora está doente?

— Ha quinze dias... Está perdida!... Morre!...

— Pois tão depressa!... Não desanimes, Carlos!... Ainda ha quinze dias me dizias que estava optima...

— E estava... parecia estar... Constipou-se, tossiu uma noite, levantou-se curvada com dôres de peito. Chamou-se o medico. Auscultou-a, e disse me que a examinára antes de casar e já lhe sentira os tuberculos. Está morta! Estella morre infallivelmente!

E remessou-se-me nos braços afogado por soluços.

— Olha que ás vezes o pulmão hepatisa-se e os tuberculos estacionam... Não desesperes, Carlos!...

— O' meu amigo! — exclamou elle. — Não me deixes... não me deixes, que eu estou sósinho d'aqui a dias... Estão com ella duas senhoras, suas tias que me fitam com rancor, e dizem que sua sobrinha morre de saudades da familia, e dos innocentes prazeres da mocidade que eu lhe destrui! Vê tu que vida a minha entre o anjo que me olha com piedosa magua, e estas duas mulheres que cospem affrontas nas minhas lagrimas! Já a quizeram levar para casa, tirar-m'a, como quem arranca os restos de uma victima ao seu verdugo. Eu olhei para Estella, que me via chorar, e murmurava: «Não vou.» Do fundo silencioso da minha alma lhe peço perdão, se o tiral a da sua quieta e alegre infancia lhe apressou a morte; mas o medico me diz que ella, desde os doze annos deu signaes de seguir as irmãs. Ella mesma me confessou que pedira ás pessoas, que a viam padecer, o maior segredo para mim...

Em quanto o affligidissimo moço alternava soluços e palavras, a mim me pungia o egoista pezar de me ver em lance tão consternador.

Não me deixes! — clamára elle.

Não o deixar seria assistir a duas agonias, uma consolada emfim pela morte; outra protraida pelo supplicio da saudade.

A' doce creatura diria eu: «vae, alma sem mancha; lá tens a patria!» e elle fecharia os olhos quando, já embaciados, não espelhassem a imagem do esposo, mas se Estella m'as não ensinasse lá do céo, que consolações poderia eu dar ao meu infeliz amigo!?

Entrei no quarto da enferma. Brilhavam-lhe extraordinariamente os olhos, effeito da lucidez das conjunctivas; as outras feições eram cadavericas. Os circulos roxos que lhe cingiam as orbitas pareciam o apodrecer da carne em contacto com a tampa humida do caixão. A tosse cavernosa e rouca engorgitava-lhe as cordoveias do pescoço. A mão que ella levava ao seio esquerdo, nos impetos da tosse, mostrava as phalanges apenas cobertas de epiderme amarellecida.

Respondeu-me custosamente ás frivolas perguntas e murmurou, sorrindo-me:

— Não deixe estar sósinho o meu Carlos, não?

N'este lance, Carlos ajoelhou á beira do leito, e poz as mãos, e, voltado para ella, exclamou:

— Tu não morres, não, minha filha?

— Não morro... não heide morrer... — balbuciou Estella agitando-se em grande afflicção, postos os olhos n'uma imagem da Virgem Mãe de Jesus Christo.

— Pede-lhe, — proseguiu elle anciado — pede á

Virgem Maria que te deixe viver para o teu desgraçado Carlos!

—Peço, peço...—e, forcejando por sentar-se, orava:—Senhora da Conceição, deixae-me viver!...

Abafado pelas lagrimas, saí do quarto.

Quando passava na antecamara pouco alumiada, ouvi resmunear:

—Dão cabo d'ella mais depressa...

Reparei e vi duas velhas mal encaradas, que não corresponderam ao meu cumprimento.

Eram as tias d'Estella.

*

* *

Durante a noite d'este dia a respiração ressonante da enferma, applacou-se com grandes allivios. Provavelmente as excavações tuberculosas, inteiramente vasias, explicavam a desoppressão de Estella. Se outras irrupções secundarias não tivessem sobrevindo, a cura dos primeiros tuberculos seria possivel, e, por conseguinte, realisavel a restauração da doente, que os medicos consideravam perdida.

Como quer que fosse, as melhoras progrediram notavelmente. As dores de peito eram quasi insensiveis, e a respiração, apesar de cavernosa, fazia-se completa, sem ancias nem esforço.

O medico, bem que incredulo na duração das melhoras, citou casos analogos da sua clinica, a comprovar a possibilidade da cura de Estella, e explicou-nos technicamente o amollecimento dos tuberculos, e a cicatrisação consequente, dando como

provavel a salvação da doente, se outros se não estivessem ulcerando.

Estella e Carlos agradeciam o milagre á Virgem supplicada em tamanha afflicção. Eu que sei o que é pedir a Deus a vida das pessoas por quem vivo, olhava com amoroso respeito para a imagem onde os olhos de Estella exalçavam os rogos silenciosos do coração.

Ao cabo de quinze dias, a doente, recobrada de forças, quiz erguer-se.

O sol de outubro, aquecendo o ar como nos melhores dias de agosto, entrava convidativo no quarto de Estella. Animamo-nos a transportal-a para junto de uma vidraça de sacada que abria sobre o claustro, onde verdejavam as acacias, e erveciam os can teiros descultivados.

Pediu Estella as gaiolas dos seus canarios, que eram muitos, e alli se ficou a sorrir e a chamar cada avesinha por seu nome.

Alli ficou, e nós saímos a colher verdura para os canarios.

— Creio que está salva!—exclamava Carlos com expansivo jubilo. — Como explicas isto?

— Eu!... Não ouviste a explicação do medico?

— Ouvi. O medico!... que importa o medico? Se Estella está tisica, ou Deus m'a salva, ou morre.

— Pois certo é que tudo se passa sob influencia providencial; mas scientificamente a cura da tua senhora está explicada. Inutilisou-se-lhe parte do pulmão, e salvou-se o bastante para viver. Seja como fôr, está melhor, tem outro aspecto, não soffre, está em convalescença.

*

* *

Voltei para o Porto, convencido pelo menos, de que Estella viveria alguns annos.

Tres semanas depois fui para Vianna do Castello contar os infortunios de Carlos ao nosso commum amigo José Barbosa e Silva. Demorei-me quinze dias; e, no acto de sahir para o Porto, li n'um jornal portuense uma noticia transcripta d'outro de Coimbra. Era a morte de Estella, subita, inesperada, quando a sciencia a julgava salva de uma tisiça, admiravelmente e, quasi por milagre, atalhada n'um já muito adiantado progresso. Do marido afflictissimo dizia a gazeta que não havia novas, desde que podera furtar-se á vigilancia dos amigos. Receiava-se algum desatino, que Deus lhe perdoaria, se por desgraça as suspeitas de suicidio se realisassem.

Quando cheguei á minha pousada do Porto, saiu-me na escada a dona do hotel dizendo que no meu quarto estava um senhor havia dois dias á minha espera. Que não tinha comido ainda, nem se deitára, que passeava sempre, e ás vezes rompia n'um choro que cortava o coração.

Era facil adivinhar as delicias que me esperavam no meu quarto.

Entrei convulso.

Achei-o de joelhos no pavimento com os braços estendidos sobre a cama e o rosto entre elles.

Curvei-me para o levantar. Ergueu-se, fixou-me espavorido, e exclamou com uma rouquidão angustiosa de que me não parecia capaz a voz humana:

— Morreu! Estella morreu!...

Devia ser-lhe consoladora a minha resposta: eram lagrimas.

....

A mim me tem acontecido centenares de vezes remessar com enfado livros muito esmeradamente escriptos, tão depressa me elles apertam o coração e fazem dôres de que não careço para saber que as ha terriveis em peito de homem. Romances modernos principalmente, acaso toparia um que me não fizesse chorar mais lagrimas das que eu poderia enxugar com os dois ou trez francos que me elle custou. Fallo dos francezes; que os de indole sinceramente portugueza (peço que me não excluam) apenas fazem chorar os editores; e, se não fazem rir toda a gente, é porque toda a gente não compra novellas portuguezas, *Hinc illæ lacrimæ:* d'aqui o prantear do livreiro.

Repulso romances que me percutem na alma e a molestam. Como creio tudo que é máo, todas as angustias humanas se me figuram, não só verosimeis, senão realisadas. Todas as noites do espirito entendo, porque ha sido sempre negra a minha atmosphera.

Quantos mal-sorteados assim? Quantos compráram este livro para aligeirar duas horas entre as muitas que se lhe arrastam carregadas de inquietos cuidados, de afflictivos receios, de cruciantissimas saudades? Ir muito de animo frio pungir a sensibilidade alheia com uns quadros de tristezas vulgares, nem moralmente uteis, nem artisticamente mediocres, é sobre ingratidão, malfeitoria. Para pesar e arrependimento sobram-me espinhos na minha vida passada de escriptor lugubre.

Accuso-me de ter feito chorar com a minha phan-

tasia muitas pessoas incapazes de verter uma lagrima balsamica sobre uma chaga de miseria verdadeira; e convenço-me, para mais dura penitencia, que dos meus livros plangentes não promanou bem-fazer algum aos consortes de muitos desgraçados a favor de quem movi a publica piedade.

E, além d'isso, não esconde a minha vaidade um facto digno de louvor: e é que muitos leitores sisudos fizeram aos meus romances o arremesso que eu tenho feito a outros mais dignos de consideração. O máo livro não é sómente o que é sandeu, o que parvoeja na idéa ou na fórma, o que se ennevôa nas regiões solares do Apocalipse, ou se abaixa até encrustar-se no lôdo que por ahi se vende em oitavo. Máo livro é o que nos incommoda, o que nos entristece, o que nos tira de um socegado descuido de desgraças para nos levar a hospitaes de sangue, ou nos exacerba as nossas, rasgando-nos mais por largo o horisonte das calamidades que ainda nos falta experimentar.

Descrevei o lance de uma esposa estremecida que se estorce, no arrancar da vida, em braços de seu marido, e vendei esse livro ao esposo que vê esmaiarem-se, dia por dia, as faces de sua mulher.

A um homem d'alma que tem seu filhinho doente dae-lhe a pintura de uma creança que arrefeceu morta debaixo das lagrimas ardentes de seu pae. Dae semelhante quadro á mãe saudosa que ajoelhou ao pé d'esse berço, e vos comprou o livro para, alguns instantes, alargar da garganta o nó que a prende á sepultura do anjo. Amaldiçoar-vos-hão.

São esses uns infernos que a imaginação caprichosamente inflamma, já combinando côres, já redondando ou recortando periodos; agora recorda o

grito escutado n'um lance verdadeiro, logo a interjeição afflicta, alli o tregeitar atribulado... Ai! e com que frieza de pulso, e desvanecimento de artista, se está narcisando o escriptor n'esse estanque de lagrimas!

Embargou me esta saudavel reprovação quando ia bosquejar o traslado que me fez Carlos Pereira da morte de Estella. Não o saberia fazer, se me tentasse a presumpção de bem desenhar as feições convulsas e retraidas de uma mulher tisica, despedaçada a um tempo pela morte e pela saudade do esposo.

Concluida a exposição do lance de Estella, desejei que a morte se amerceasse de Carlos. Já me era consolativo ouvil-o dizer em nove noites successivas de delirio:

— Estella, eu vou, eu vou tambem! Não vás sem mim, filha da minha alma!

VIII

Quarto amor

NÃO foi.

«Morre quem Deus quer» é um infolio de philosophia esta sentença aldean.

«Custa muito a morrer» dizia-me a honrada viuva d'um naufragado. Tinha razão: agonisára tres annos! Tres annos a contemplar um retrato fronteiro do espaldar do seu leito nupcial. Contemplou-o, até que os olhos se lhe fecharam.

Sei de alguns que morreram de saudade com mais ligeiros paroxysmos: foram menos infelizes. Ha uns, porém, mais felizes de todos: são os que esquecem.

E Carlos Pereira, decorrido um anno, esqueceu-se.

Quando o encontrei no Marrare do Chiado em 1853, inclinado sobre uma puncheira que flammejava, ladeado de dois Saint-Preux do feitio que elles teem em Lisboa, observei-o de longe ao clarão azulado da chamma alcoolica, contristei-me, e saí.

Estella, precisando d'uma alma que a lembrasse, espelhou-se na minha. Vi-a toda aquella noite a sorrir para os canarios que lhe volitavam aos mirrados dedos com as azas palpitantes. Vi-a, segundo a funebre pintura que me fizera Carlos de seu trespasse. Lembrava-me ter-lhe ella dito nas derradeiras vascas: «Nunca esqueças a tua Estella, que eu vou rogar por ti a Deus!»

E, se rogou, obteve para elle a enorme fortuna do esquecimento.

Passava eu, no outro dia, na Rua Nova do Carmo, e ouvi o meu nome. Puz a vista n'um primeiro andar, e vi Carlos.

Era um hotel francez a casa onde entrei.

— Já vieste do Brazil ou nunca lá foste? — perguntei.

— Fui e vim. Ha oito mezes que nos despedimos...

— Estás optimo...

— Não. Saí do Rio por causa de incommodos do peito. Meus tios, excellentes velhos, viram-me partir com grande pesar. Melhoráram a minha «fortuna» e promettem auxiliar-me em qualquer empreza a que não baste o meu capital.

— Muito bem. Ficas em Lisboa?

— Alguns dias. Espero entrar n'estas emprezas de viação publica como empreiteiro. E' negocio de cincoenta por cem. Eu te vou contar.

— Não me contes negocio, que eu não percebo nada d'isso, meu caro amigo. Então para onde vaes d'aqui?

— Penso em fixar a minha residencia no ponto mais convisinho dos trabalhos de viação logo que principiem.

— Estás portanto um fura-vidas como se quer!...

— E tu que fazes?

— Estudo.

— O quê?

— O coração humano, quando não cômo coração de boi e d'outras alimarias.

— Desperdiças o tempo quanto á primeira parte do teu officio. O coração humano é insondavel — disse axiomaticamente o viuvo de Estella.

— Já sabia. Insondavel e irrespiravel como uma sentina. O teu está bom?

— Negro, árido e frio como o marmore negro de um tumulo.

— Isso é triste.

— Não digas a zombar, que é. Morri; crê meu amigo, morri!

— Resta-te, portanto, de vida a necessaria para fiscalisar as empreitadas da viação publica!... Tens tu bom estomago? Supportas ainda bebidas de guerra! Bebes o teu punch queimado como qualquer official de marinha russa.

— Bebo, bebo tudo que me possa desfibrar as entranhas.

— Máo é: melhor te seria seguir os preceitos de uma boa hygiene. Quando mais tarde te resuscitar o coração, morrer-te-ha o estomago.

— Tens ferido o melhor que podes a minha alma! — disse Carlos com apparencia de dolorosa seriedade. — Essas ironias são penetrantes; mas não podem irritar-me contra ti, que já foste o meu amparador em grandes angustias. Se queres fallar do passado, falla. Não me farás já chorar; mas desfecha as tuas mais ervadas injurias contra mim.

— Deus me livre!... Se me lembrasses o passa-

do, ver-me-ias sair. Consinto, porém, que me falles em Laura e Virginia. N'essas sim. Scenas da farça humana quantas quizeres. Historias que tresandem ao odôr enjoativo de sepulturas, nem uma. E adeus, que tenho que fazer. Amanhã vou para o Porto. Lá me tens ás tuas ordens.

Saí desestimando este homem, quasi aborrecendo o, quasi despresando-o.

Que soez ingenuidade a minha n'aquelle tempo! Que tarde amanheceu em meu espirito luz de entendimento, de juizo e de critica! Como eu phantasiava que devia encontrar o viuvo de Estella trajando perpetuo luto, faces cavadas, olhos cegos de chorar, cabellos brancos, e a voz cortada de soluços!

*

* *

E, por espaço de quatro annos, não vi Carlos. Lembrei-me d'elle algumas vezes ainda assim.

Uma, quando João de Campos, o Fausto do Porto, roto á força de velhice o pacto que fizera com Satan, se viu aos quarenta e cinco annos encanecido, corcovado, valetudinario, surdo, tremulo, e espantado de si mesmo. N'esta situação, quando o seu anjo da guarda lhe aconselhava renuncia, conformidade e penitencia, o amante de Laura, rebelde á graça tão facil de coar a peitos maduros e já sorvados, remordido pela áspide do ciume, deu pulos de energúmeno. Para a certeza de ser traído faltava-lhe apenas ir, no calado da noite, áquella travessa onde Carlos tremeu sesões infernaes, e d'alli espreitar pela aresta do cunhal. Foi e viu. Se a graça o alumiou então, ditosa escada que guindava uma alma

á gloria dos pacientes, ao mesmo tempo que içava um corpo á janella de Laura. Recolhido ao seu quarto, o penitente, poucos dias depois, expirava nos braços do seu lacaio. Aquelle homem não tinha esposa, nem filhos, nem amor algum dos que dulcificam o trago da morte. Assim morrem os «leões». A' ultima hora acham-se sós, no seu deserto, na Hircania que elles fizeram á volta de si, espedaçando ferozmente os corações que se lhes offereceram para os serenos contentamentos da velhice. Quando, pois, o acompanhei ao cemiterio, lembrei-me do ideal amador de Laura.

Outra vez me lembrei de Carlos Pereira, quando li nos periodicos que uma fidalga do Minho, morgada das Açudes, se fôra a Roma em peregrinação com um padre seu familiar, a impetrarem do summo pontifice dispensa para se ajoujarem matrimonialmente. O caso de Narcisa, de alcunha a Vaca-loira, é sem duvida mais moralmente consolativo que o outro de Laura dos Carvalhaes.

Ao fim de quatro annos, alguem me disse que vira Carlos Pereira no theatro de S. João, com sua senhora e um filho; e, como quer que fosse ao camarote cumprimentar o seu contemporaneo de Coimbra, elle lhe perguntára por mim, e a senhora ajuntára que me desejava muito ver como seu amigo de infancia!

Uma cadeia de espantos ensartados uns nos outros! Carlos segunda vez casado! já com um filho que frequentava theatros! e com uma senhora minha amiga de infancia!

Espicaçado pelos tres pontos de admiração, fiz-me encontradiço com elle.

Nutrira, arrendondaram-se-lhe as proeminencias

faciaes. Abastecêra-se-lhe o negro bigode encalamistrado nas guias. Estava, como nunca, um gentil rapaz, de vinte e oito annos, trajando ao bisarro, respirando força, radiando alegria, emfim um homem que parecia redobrar de entranhas ao mesmo passo que *bebia tudo que podesse desfibrar-lh'as*, consoante me dissera, em Lisboa, quatro annos antes.

— Sabes que estou casado?... — participou Carlos, depois que me abraçou com sincera effusão de amigo, quanto podia sel-o a sua indole.

— Assim me disseram ainda hontem que estavas casado, e pae de meninos.

— Não te dei parte, por que... não dei parte a ninguem... Convenci-me de que os meus amigos se dispensavam das minhas noticias.

— E não te enganarias se os mediste pela consideração que lhes davas... Não obstante, ser-me-ia agradavel a nova das tuas felicidades... Casaste ha muito?

— Ha trez annos e meio.

— Seis mezes depois que nos encontrámos em Lisboa?

— Justo.

— Isso é que foi andar depressa, Carlos! Entendeste avisadamente que a vida é breve... Onde casaste?

— Na Beira-Alta.

— Amor ou interesse?

— Amor. Interesse?... eu! casar por interesse! Ora essa!

— Como me tinhas dito seis mezes antes que o teu coração *era negro, e árido e frio como o marmore negro d'um tumulo*,... perguntei se o interes-

se te dispensára de ter coração claro, humido e tépido...

—Ahi rompe o tiroteio das ironias!...—redarguiu Carlos accendendo um aromatico charuto no lume de outro.—Venha de lá isso, rapaz! Começo tambem a sentir o gaudio de tomar tudo á conta de brincadeira.

—Ainda agora?... Vamos a saber... com quem casaste?

E' segredo até que vás ao meu hotel. Minha mulher jogou comtigo os pinhões em pequena.

—Sim?!...

—Quero vêr se a reconheces.

—Eu joguei pinhões ha vinte e trez annos. Onde isto vae para que duas creanças se reconheçam!

Reuni as minhas vagas memorias de infancia, especialmente em jogo de pinhões, e não descriminei dos meus companheiros d'aquella edade a menina que me lisonjeava grandemente recordando-se de mim ou do meu obscuro nome.

Todavia, não instei nas averiguações para dar a Carlos a satisfação pueril de me vêr surprehendido.

*

* *

Era verdade. Eu tinha jogado em 1835 os pinhões com umas trez meninas, filhas d'um magistrado civil que n'esse tempo governava o districto de ***; uma das quaes era Philomena, esposa de Carlos.

Assim que ella proferiu o seu nome, vi a creança linda que ia commigo a um bosque de pinheiros mansos de sua casa aparar as abadas de pinhas

que eu despegava dos ramos, e junto as queimavamos depois para lhes abrirmos as escamas e extrair as sementes. Lembrei-me que entre duas arvores faziamos redouças de ramagem onde alternadamente nos embalavamos, sendo graciosissimo o pudor com que ella apanhava entre as botinas brancas a orla do vestido, se o baloiço a alteava de mais.

Depois, sobrevieram outras lembranças já mais recentes.

— Eu pensava que vossa excellencia tinha casado com um seu tio...— disse eu.

— Casei; mas enviuvei ha seis annos. Meu tio morreu em Lisboa, onde era juiz do supremo tribunal; eu fui para a Beira, onde tinha casado a mana Leonor, e lá vi o meu Carlos. Já temos dois filhos: um é um rapazinho de dois annos e meio, que trouxemos, e se chama Eduardo; o outro é uma menina, chamada Theodora, que ficou com a ama.

— Onde residem? — perguntei a Carlos.

— N'um convento que comprei, cinco leguas distante de Coimbra, em ***. Como as minhas emprezas de viação correm todas na Beira-Baixa, comprei um vasto edificio que vou recompondo e aformoseando, por maneira que hasde vêr a mais commoda, magestosa e pittoresca vivenda que ainda não imaginaste nas tuas novellas.

— Teem prosperado os teus calculos de empreiteiro?

— A's mil maravilhas. E, sobre tudo, o exercicio, o andar muito a cavallo por montanhas e arvoredos desenvolveram-me esta robustez que me não admiraste ainda, mas que eu presumo ser digna da tua admiração.

— Sim, admiro, estás um bello rapaz! Aqui ha oito

annos eras um madrigal; depois passaste a elegia, hoje és um dithyrambo! Percorreste a escala das formas poeticas quasi todas, e mais nunca acolchetaste duas consoantes.

— Felizmente.

— Deixe-o fallar — interveio D. Philomena. Elle fez-me versos.

— Sim?! Creio que só vossa excellencia pode gabar-se de ter inspirado Carlos!... Vejo que precederam o seu enlace de todas as formulas d'um primeiro affecto... A poesia é, na verdade, a chave de oiro dos corações. Agouro bem d'amores confidenciados ás musas, se os poetas, depois de bem servidos, as não renegam ingratamente. Quero dizer, minha senhora, que, se o noivo-poeta se converte em marido-prosa, o fogo sagrado apaga-se e fica a fumarar nauseas a torcida da lampada. Vossa excellencia deve obrigar cariciosamente seu marido a consagrar lhe uma poesia lyrica todas as semanas.

— Tem graça! — interrompeu a dama. — Os poemas que elle agora faz são de cifra e cifrões. Olhe que não compra um livro! Nem os seus romances!

— Tens mais juizo do que eu suppunha, Carlos! Em que entretens os dias de repouso?

— Vou jardinar, vou á caça, durmo, brinco com o meu Eduardo... Eil-o ahi vem...

Entrou uma bella creança de jaspe e cabellos loiros que lhe ondeavam pelos hombros em espiraes. Carlos tomou-a soffregamente como a disputal-a á mãe, que lhe abria os braços.

— Esta é que é a minha poesia! — Exclamou o pae com transporte.

— Pobres mães! — murmurou Philomena. — Que

ciumes ellas teriam dos filhos, se a Providencia as não ensinasse a renunciar o desejo de serem poeticas aos olhos dos paes!...

—As mães são a luz, os filhinhos são as radiações—disse eu por me não occorrer coisa mais intelligivel.

—Dizes muito bem!—applaudiu Carlos, entendendo melhor do que eu a substancia da ideia.

—Eu não percebo essas distincções que os senhores fazem—contrariou sinceramente a minha parceira dos pinhões.—Os senhores até habilidade teem de poetisar o mal que fazem! Engenham uma coisa com ares de sentença do *Thesouro de meninos*, e mandam ás mulheres que se consolem de não poder ser amadas depois que são mães. Porque não despresam a arvore depois que lhe colhem o fructo? Os vegetaes são mais estimados.

—O' menina!—atalhou o ridente Carlos—o nosso amigo hade pensar que eu te colloquei debaixo da macieira na ordem dos trez reinos!

—Não—dissuadi eu—Comprehendo perfeitamente que tua senhora defende por magnanimidade as damas desafortunadas. E' facil asseverar que vossa excellencia é felicissima. Carlos soffreu, mais ou menos. O soffrimento é um depurativo do sangue demasiado ardente da juventude. Vossa excellencia encontrou-o talvez desenganado, e, como tal, bom para a familia. E' elle pae extremoso?

—Como nenhum—respondeu Philomena.

—Então descance vossa excellencia, que o tem preso ao seu coração por uma fortissima corrente de dois élos. Isto é aço do céo que não verga nem quebra—disse eu, tomando para o collo o galante menino.

*
* *

Como quem deseja não ajuisar de outiva sobre o que vae na alma de ninguem e muito menos na dos meus amigos, perguntei a Carlos, assim que me pude encerrar com elle no meu quarto:

— Amas esta senhora?

— Amei. Parece-me que amei. Deparou-m'a um acaso... Ahi vae a historia. Estava eu em Viseu, onde me chamavam interesses commerciaes. Encontrei um condiscipulo que me levou a um baile do Antonio d'Albuquerque. Uma elegante mulher vestia de meio luto, e não dançava. Perguntei quem era Sympathisei com a viuva melancolica. Pedi que me apresentassem. Recebeu-me attenciosa, mas friamente. Fallou-me... Era a primeira mulher de espirito que eu ouvia. O tom da voz melodiosa quadrava com o luto do vestir e o triste dos pensamentos. Não sei como foi, meu amigo. Fiz-me tambem lugubre. Começaram as lagrimas a envidraçar-me os olhos, e...

— Mas que funereas coisas te dizia a triste viuva?

— Sei lá! Coisas vagas, devaneios, philosophias...

— Philosophias!? tu a chorar por causa das philosophias!... Eram saudades dos teus compendios de chimica?

— Tu bem me entendes... *Philosophias* quer dizer... quer dizer... desvarios.

— Ah!—disse eu notando em discreto silencio quanto a gravidade antiga do meu amigo havia degenerado n'um tom zombeteiro que parecia postiço.

— O que eu ainda não conhecia era essa face nova do teu caracter...

— Qual face nova?

— A relação humoristica... o sal e pimenta com que adubas a historia do teu quarto amor. E' quarto?

— Não.

— Então ha na tua vida mais aventuras das que eu sei...

— Não ha. Sabes que desconfio d'uma coisa atroz? O amor fatal, o amor que mata, o amor que se encontra á porta do inferno, e nos leva dentro, e nos arroja ao abysmo... esse ainda o não experimentei... E vaticino que o heide encontrar; e esse será o primeiro!

Antes me parece que seja o ultimo, porque do inferno abaixo é duvidoso encontrar mulher que ames secundariamente... O' grandissimo scelerado! pois se não amavas Laura, com que crueldade me fizeste velar onze noites á beira do teu leito em que fingias febre? Se não amavas Virginia, para que me espancaste os meus somnos da manhã obrigando-me a espreitar á fechadura do teu quarto que te não afogasses por emborcação no jarro da agua? Se não amavas... Não citarei outro nome que seria vilissima profanação!...

— Agradeço a delicadeza — interrompeu Carlos com seriedade. — Desconhecer-te-ia, se não respeitasses a memoria de Estella. Sou eu que profiro este nome sagrado, sem remorsos de lhe haver dado o minimo pesar. Chorei-a no leito da dôr; chorei-a na sepultura. Pedi á Providencia que me dei xasse seguir o rasto luminoso d'aquella santa alma. Achei-me vivo depois d'uma alienação cujos dias tu contaste. O suicidio é coragem não vulgar. Matar-me-ia, ainda assim, se tu e os outros me não chamassem covarde. Vivi, portanto. Se houvesse convento onde me amortalhar, procural-o-ia. Achei-me n'este mundo com vinte e dois annos, com uma

alma sedenta e insaciavel. Não esqueci Estella, obedeci aos impulsos irresistiveis da vida como ella é, feita por Deus e peiorada pelos exemplos. Vi que os viuvos, á imitação das viuvas, não se queimavam: pelo contrario, raro será aquelle que chegar a arder na febre da saudade que me ia devorando...

—Mas—cortei eu, entediado de tamanha vehemencia de palavras, ao parecer, contrafeitas—quem te pede contas dos teus actos? O meu reparo consiste meramente no paradoxo romantico de te considerares ainda um peito virgem, e vaticinares o encontro de certa mulher que hade engolfar-te no inferno! Semelhante necessidade, aos vinte annos, perdôa-se; aos vinte e oito, quando se é duas vezes marido e duas vezes pae, condemna-se. Se és amantissimo de teu filho, se toda a tua poesia é aquelle menino, como receias que haja ahi demonio que te arranque aos bracinhos dos teus dois anjos, e te perverta e desvaires até á extremidade de lhe sacrificares a tua desgraçada familia!

—Meu Deus!—acudiu bem assombrado o marido de Philomena—onde te leva a phantasia!

—A'quem do inferno, quero dizer, do vergonhoso infortunio, onde a tua te arremessa...

—Mas isto são palavras, homem! E, quando eu me deixasse amarrar pelo fio de retroz d'alguma Dhálila...

—Que Sansão!... Figura-se-me que qualquer costureira te tosquia! E's um doido descompassado, meu pobre Carlos. Como eu me enganei comtigo, quando uma vez te aconselhei o casamento! E hoje que pena começo a ter da mãe de teus filhos, e d'elles!...

*

* *

Este paragrapho é um parenthesis urgente mas breve.

Trata-se de mim. Peço ao leitor vénia para a immodestia.

Os anteriores dialogos e outros que depois vierem accusando juizo e san moral no author, não pareçam inverosimeis ou temporãos na sua edade. Eu tenho amigos vivos que me podem ser testemunhas da discreta velhice que, no aconselhar, me antecipou a desgraça precoce. Eu conhecia especulativamente todas as restingas d'este pégo borrascoso em que mareamos as nossas paixões. Em algumas naufraguei irracionalmente, estando a vêr os espigões das rochas á flor d'agua. Depois, assim que via lenho aproado n'ellas e pilotado por alma sem norte, gritava-lhe, e quasi de mãos erguidas lhe pedia que safasse o coração dos escolhos infamados. O mais triste é que não consegui salvar ninguem.

Se alguma vez, porém, os meus rogos tiveram a uncção da piedade foi quando vi creancinhas á volta dos homens que as não viam, cegos da sua fatal perdição. Eu, antes de ser pae, já sentia o travor acervo d'este horror que chamam orphandade, desamparo, ninguem que se dôa, ninguem que aconchegue do peito um menino que sente fome e sede d'amor... O parenthesis devia ser maior. Não posso. Ha idéas que se dissolvem nas lagrimas.

*

* *

Uma tarde encontrei Philomena sósinha, quando eu procurei Carlos.

— Carlos não jantou hoje commigo — disse ella magoada. — Deixar-me n'uma hospedaria, n'este pequeno quarto um dia inteiro!

— Onde foi jantar?

— Com uns amigos, não sei quaes... Conhece-os?

— Devo conhecer, minha senhora; mas de prompto não me lembro quem sejam. Aqui, no Porto, ha o saudavel costume da ancian hospitalidade, dando muito de comer aos forasteiros. Presume-se sempre que os convidados se retiram com indeleveis marcas de amisade no estomago. Releve vossa excellencia que seu esposo sacrifique as doçuras da familia aos usos patriarchaes d'esta boa terra, onde as expansões da amisade não espumam em ditos espirituosos se as não precede a expansibilidade do Champagne.

— Estou anciosa por sair do Porto! — disse a dama. — Carlos, nas cidades, parece outro homem. Estivemos ha seis mezes em Lisboa. Não imagina como andava aquelle espirito!... Um ar tão diverso! uma abstracção... uma coisa!... não sei dizer... Saimos de Lisboa para a nossa aldeia. Transformou-se, apenas deixámos Lisboa. Voltou á serenidade, ao amor da familia, áquelle seu natural alegre e amoravel. Viemos ao Porto contra minha vontade. Elle ahi está no estado em que o vi absorvido em cogitações que lhe spasmam os olhos, sempre distraído, inquieto, não come, dorme mal,

até o filho parece importunal-o com as suas caricias... Que explicação me dá?

— Eu, minha senhora!?...

— Sim; conhece-o ha tantos annos...

— Conheço um homem que se chama Carlos Pereira.

— Só?! Sabe-lhe toda a sua vida.

— E que tem isso com os descobrimentos que vossa excellencia faz no caracter de Carlos?

— Tem muito. Elle não amou aqui uma senhora chamada Laura de Carvalhaes?

— Dizia elle que amava.

— Será possivel que essa mulher ainda o preoccupe?

— Não preoccupa, minha senhora.

— Assevera-m'o?

— Quanto podem asseverar-se coisas de semelhante naturesa.

— E parece-lhe injustiça suspeitar-se que elle se impressiona facilmente d'estas bellesas provocadoras das grandes cidades?

— Minha senhora, eu não tenho a mais leve desconfiança de que seu marido lhe usurpe um instante de admiração affectuosa. Sem duvida, o Porto é um alfôbre de galantissimas mulheres; mas, nem vossa excellencia deve temer-se da competencia, nem ellas sairão a disputar-lhe Carlos. As mulheres dignas de ser amadas, por certo não. As outras, não creio que o nosso amigo ande abstracto por causa d'ellas.

— Seja como fôr, estou morta por sair d'aqui.

— E demoram-se?

—Não sei... Essa sua pergunta assusta-me... —disse ella com alvoroço.—Sabe alguma coisa?

— A pergunta é natural, minha senhora. Eu não sei o mais leve desvio de Carlos aqui no Porto.

— E em Lisboa?

— Ha quatro annos que vi Carlos em Lisboa; demorei-me quinze minutos com elle; nunca mais o vi até esta occasião em que o encontro casado com vossa excellencia.

— Não lhe fiz uma pergunta frivola. Em Lisboa tive rasões para desconfiar que meu marido olhava fascinado para uma mulher. Conhece a Cassilda Arcourt?

— Que mora no Chiado?

— Essa mesma.

— Vi-a. Contaram-me d'ella historias dignas de Pariz...

— Que lhe contaram?

— Que reduzira á miseria não sei quantos amantes, quantas esposas e quantos filhos dos amantes.

— E' essa, sem duvida alguma. A franceza, dona do hotel em que estivemos, disse-me o mesmo. Não é muito formosa?

— E' formosa, e passa por intelligente. Joga todas as armas que prostram os leões.

— E' uma infame!

— D'accôrdo, minha senhora.

— Surprehendi Carlos com os olhos fixos n'ella.

— Quantos innocentes surprehenderia vossa excellencia n'esse olhar sem consequencia! Eu, por exemplo. Quando a encontrava, parava na rua.

— Mas como os senhores podem extasiar-se deante de tão vis creaturas!?

— A gente não se extasia, minha senhora. Olha.

— Mas isso é reprehensivel em homens intelligen-

tes!... em homens a quem Deus confiou a missão de dirigir as massas estupidas!...

Ha exemplos dos sabios da antiguidade que pervertem os sabios modernos. Alcibiades, como vossa excellencia sabe, finava-se de amores de Lais. A' mesma creatura abjecta offereceu Demosthenes, o primeiro orador grego, cem talentos, oitenta mil cruzados da nossa moeda, pouco mais ou menos... Se vossa excellencia não estivesse tão distrahida, havia de convencel-a de que os sabios de hoje estão muito mais ajuizados que os antigos. Onde está ahi um sabio portuguez que offerecesse oitenta mil cruzados á Cassilda Arcourt? Eu, cá de mim, que tambem sou um sabio portuguez, não; e faço justiça aos meus collegas, que á vista de tão deslumbrante mulher, o mais que fazem é o que fez Carlos e o que eu fiz: olham para ella...

—Não graceje que eu estou mortificada... interrompeu Philomena entre risonha e descontente.— Aquella devassa de Lisboa nunca se me varreu do espirito. Falei-lhe n'ella depois que estavamos em casa...

—Indiscreção, minha senhora! para que lhe falou n'ella?...

—Essa é boa!...

—Se elle não falava em Cassilda, que lucrou vossa excellencia lembrando-lh'a? Ai, minhas senhoras, minhas senhoras! vossas excellencias precisavam de ser homens antes de ser mulheres...

—Então o lembrar-lh'a!...—tornou ella com espanto.

—Sim, senhora D. Philomena. Eu digo a vossa excellencia o que as mães aldeãs dizem aos filhos: «se falas no diabo, elle apparece-te.» As mulheres

d'essa magia satanica ordinariamente avultam ao espirito ausente com seducções superiores das que teem para fascinar os olhos. Teem por ellas o prestigio das lendas, as paixões lacerantes que inspiraram as lagrimas de uma familia convertida nas perolas que lhes manilham os pulsos...

— Cale-se, não me diga isso, que me faz terror! — exclamou ella levantando-se de golpe. — Não me deixe imaginar possivel que o pão de meus filhos venha a ser o preço d'alguma torpe d'essa ordem!...

— Eu quero que vossa excellencia imagine o que ha verdadeiro na sua situação, e mais nada — aplaquei eu com a placidez nem sempre sincera. — Seu marido viu Cassilda Arcourt. Reparou n'ella. Fez o que todos fazem, sem excepção d'aquelles anciãos de bigode preto que em Lisboa convertem em irrisão o que em toda a parte é respeitavel: a velhice. Se o vêl-a bastasse a deslumbrar-lhe os deveres de esposo e pae, Carlos ou ficaria em Lisboa, ou, deixando vossa excellencia na aldeia, voltaria para lá. Não fez assim. Ha seis mezes que de lá saiu, e ficou em sua casa, entregue ás suas occupações.

— Tem razão! — exclamou ella com palpitante jubilo. — Tem razão... convenceu-me com bem poucas palavras; e, sendo essa a mais natural defeza do meu Carlos, elle nunca se defendeu. Ria-se, quando eu lhe falava n'ella. Apenas uma vez carregou o sobr'olho, e disse com certo desabrimento: «Já me vaes incommodando.» Isto magoou-me até ao intimo do coração!... Mas agora... perdôo-lhe, e hei de pedir-lhe que me perdôe...

— Não peça, minha senhora — atalhei com grande assombro da dama.

— Porque?!

— Porque tem de lhe lembrar essa mulher. Uma senhora só deve falar n'essas creaturas depois que ellas pertencem á historia da corrupção das edades. Hoje em dia não ha perigo em falar-se de Messalina, de Marion de Lorme, de Ninon de Lenclos... e sinto grande e patriotica satisfação em me não recordar nome portuguez que enfileirar n'esta phalange... De Cassilda Arcourt está vossa excellencia prohibida de falar em quanto ella não despir o collo da rede de brilhantes e se lhe senhorearem d'elle os vermes do Alto de S. João ou dos Prazeres. Antes d'isso, não; que lh'o aconselha o seu avélhado companheiro dos pinhaes e comedor dos pinhões.

IX

Quarto golpe

Este golpe lanhou febras mais mimosas que as do coração.

E' dôr que todos entendem. Trata-se da perdição de uma coisa mais preciosa do que a alma; mais indispensavel do que a virtude; mais necessaria aos bancos do que a honra; mais necessaria ao amor do que o coração. A coisa perdida chama-se *fortuna*. Isto sim que é golpe!

O convento, que o empreiteiro de estradas comprára na Beira-Baixa [1], até ao anno de 1854 não tivera licitante. Alguns cavalheiros abastados das visinhanças, conluiados para o fim de impedirem a venda, affastavam a concorrencia. A razão do impedimento era jazerem no claustro do mosteiro as ossadas de seus antepassados. Piedosa veneração!

[1] Por justos motivos omitte-se a localidade. Não faltará quem a saiba, independentemente da indicação.

Entretanto, n'aquelle anno, Carlos Pereira, agradado do sitio, e de seu natural affecto a grandezas, desejou possuir o mosteiro, collocado no centro das suas operações emprezarias. Houve quem tentasse dissuadil-o do proposito, saindo-lhe com razões de zêlo religioso, as quaes o desavisado moço teve em nenhuma conta.

Comprou o convento por alguns contos de réis, alluiu a porção carecida de reforma, deslageou a claustra para jardinar o terreno; e, amontoando as ossadas que lascavam sob a enxada dos jornaleiros, mandou-as enterrar no adro da egreja parochial.

A indignação do povo era suffocada pelos cavalheiros influentes, cujo plano de vingança, de natureza mais summaria e menos arriscada, aprazavam para quando fosse tempo.

Gastou Carlos largo cabedal em reparar aquellas quasi ruinas, por espaço de dois annos, chamando alveneis de longe, liberalmente estipendiados. Os seus haveres, acrescentados por donativos dos tios do Brazil, iam sumidos em alicerces, em cantarias, estuques, jardins, taças marmoreas, plantações de arvoredos peregrinos, decoração interior das vastas salas, e até no brazão soberbo que sobranceou ao vasto portão, em virtude de se fazer agraciar com o fôro de fidalgo cavalleiro para que seus netos não continuassem sómente a nobreza da avó.

Os apregoados lucros das emprezas não condiziam ao apparato de tamanho palacio, com fidalgos dentro. D. Philomena me disse que seu marido estava reduzindo em pedras o pão futuro dos filhos; mas que não ousava ir-lhe á mão, vendo o prazer com que elle se engolfava n'aquelles estéreis cazarões.

Por sua parte, Carlos, segundo inferi, esperava herdar de seus tios; e, n'este presupposto, ia construindo casa digna de possuir algumas centenas de contos.

Em 1858 deu o futuro herdeiro por concluidas as obras, que nunca vi, mas de bons apreciadores tive que eram magnificas, soberbas, e vendaveís sem perda, senão com vantagem.

N'aquelle anno festejou Carlos o quarto anniversario de seu filho Eduardo com um baile, onde confluiu grande parte da nobreza de todas as datas que, seis leguas em volta do mosteiro, fazia sociavel e mais valiosa a vivenda de Carlos.

Logo depois que uns convidados se tinham retirado, e outros, de mais longe, se haviam recolhido aos seus quartos no palacio, ás quatro horas de uma manhã de outubro, subitamente grossos rolos de fumo annuviaram os longos corredores.

Os hospedes, ainda não adormecidos, agruparam-se nos dormitorios sem atinarem com as saidas encobertas pela fumarada. Reboavam os gritos afflictos das senhoras, quando appareceram Carlos com seu filho Eduardo no collo, e Philomena com a menina. O terror e confusão d'elle sobrelevava o dos hospedes. Tal e tanto era, que a muito custo encontrou as portas do salão de baile, onde o fumo se condensára menos. Ouvia se já o estalar das vidraças no andar terreo da casa.

Abriram-se as janellas do salão e ecoáram gritos de soccorro por aquellas aldeias proximas. Reinava uma quietação desesperadora á volta do mosteiro. Nem um braço piedoso que tocasse a fogo em algumas das torres de tres freguezias que já alvejavam aos primeiros alvores da manhã.

— Sigam-me, sigam-me! — exclamou Carlos sacudido do seu spasmo por uma horrendissima lembrança.

O borborinho das chammas já crepitava no mais central da casa, quando a turba saiu de baldão pela porta do jardim. Chegados fóra, encararam espavoridos nas janellas que abriam sobre o jardim, por onde as flechas de fogo saiam azulejando as columnas de fumo. N'este momento um ribombo atroador se ouviu, e revôltas serpes de fogo irrompêram o telhado, espadanando madeiras abrazadas como lavas vulcanicas. Era a explosão de algumas barricas de polvora armazenadas para a quebra dos rochedos. Esta fôra a previsão de Carlos quando gritou que o seguissem.

Philomena perdêra os sentidos, abraçada á criancinha. Carlos com o filho a tremer de frio e medo, aconchegado do seio, via com os olhos afogados em lagrimas o ruir das traves e o baque das ricas alfaias precipitadas ao pavimento inferior, por uma garganta de fogo aberta pelo repellão das barricas.

O sol assomava tremente, quando o vasto palacio coroado de lavaredas estrondeava, a espaços, como se a terra mugisse subvertendo-o nas suas entranhas.

Philomena havia sido levada em braços a uma casa de officinas apartada do edificio; em quanto Carlos se quedava como empedrado a vêr o derruir dos vigamentos, o abater dos telhados, e o esboroar das paredes.

E, aquecendo as faces de Eduardo com o seu hálito febril, dizia-lhe no silencio do coração:

— Restas-me tu!... não tenho mais nada...

*

* *

A religião dos tumulos estava vingada. Podiam já reatar o somno eterno as ossadas dos frades irritadas. Sacerdotes da piedade com as cinzas, os incendiarios, certo, cuidariam que o queimarem o convento era serviço feito aos arcaboiços dos monges em particular, e á divina religião de Christo em geral.

A conjuração, urdida por espaço de trez annos, surtiu a ponto. A' volta das ruinas apparecêram apenas alguns jornaleiros de longe attraidos pela fumaça. Das aldeias circumvisinhas não acudiu alguem. Os pobres doer-se-iam de sua crueldade; mas os ricos, os parentes dos frades profanados em suas covas, atavam os braços aos operarios que se alimentavam do bem-fazer d'elles.

Ao pôr do sol d'este dia os haveres de Carlos Pereira eram aquelles acervos fumegantes de madeiras, pedras e caliça. As joias de Philomena e os valores em moeda tudo estava soterrado, pulverisado ou derretido.

Aquelle dia e os trez seguintes, Carlos e sua familia agasalharam se em Tentugal. Um dos hospedes do mosteiro na noite do baile abriu generosamente a sua gaveta ao infeliz pae e marido.

Entre elle, a esposa e os filhos succedêram se lances de muito chorar; mas, um dia, Carlos, arrancando-se dos braços de Philomena, exclamou:

—E' forçoso!

E, estreitando vertiginosamente o filho ao peito, soluçou como em ancias de morte.

Seguidamente, saiu caminho de Lisboa, d'onde passou no paquete ao Rio de Janeiro.

Philomena, decorrido algum tempo, escrevia-me de casa de sua irmã, contando-me os pormenores do desastre, a viagem de Carlos a solicitar a compaixão dos tios, a provavel miseria de seus filhos, e talvez a morte do marido, ralado de saudades e da paixão de se ver tão pobre.

No decurso de oito mezes recebi frequentes novas da minha amiga de infancia, e bastante satisfatorias as que diziam respeito ás esperanças em que estribava todo o remedio d'esta familia. Os tios de Carlos, amiserados da lastima do filho de sua irmã, abundantemente o abastecêram de dinheiro para vir em Portugal recomeçar sua vida. Pelo quê, Philomena, lembrada do revez, me pedia que influisse no animo do marido despersuadindo-o de compras de mosteiros, e emprezas de estradas em que elle havia perdido, sem embargo de se desvanecer do contrario.

Meado o anno de 1859, Carlos Pereira chegou a Lisboa, onde era esperado por esposa e filhos. A saudade de oito mezes dessedentava-se em meiguices ás duas creanças. Philomena contemplava os extremos do pae com olhos amarados de pranto, não de inveja, mas de justa magoa. Carlos, um instante nos braços d'ella, desprendeu-se para abraçar Eduardo, e de joelhos o cobriu de beijos e lagrimas.

— Pouco sou na vida d'este homem!—dizia ella entre si.—Ainda bem, meu Deus, que elle ama os meus filhinhos! Por amor d'elles, irá dissimulando que me não aborrece...

Sacada a importancia das letras que trazia do Brazil no valor de dez contos, Carlos explanou á consorte os seus projectos commerciaes. A viação publica fôra aspada do programma. Agora o alvitre era mais burguez e descasado com a sua recente fidalguia. Ia negociar em cereaes e azeite. Armazenar generos em grande escala açambarcados na estação das colheitas, e vendidos quando a alta garantisse vantagens, segundo elle, era ganancia infalibilissima. Quiz a prevista senhora combater aquelle superlativo; mas o marido enredou-a por tal feitio n'uma teia de leis economicas, que Philomena, alheia da sciencia de seu marido e do senhor doutor Adrião Forjaz, de Coimbra, não teve que redarguir. O centro da veniaga do azeite seria alguma villa da Beira-Alta; para cereaes, Minho e Traz-os-Montes; sujeitando-se assim o fidalgo cavalleiro á laboriosa tarefa de correr as feiras de trez provincias alternadamente.

Quando isto me constou offereci-me a Carlos para guarda-livros do armazem d'azeite. Convenceu-me da minha penuria de habilitações para me sair airosamente de entre os ôdres d'onde em Portugal tem sahido muita somma de visconde, e não sei se de lá preluzia ao meu amigo aquella corôa de marquez almejada annos antes.

Como quer que fosse, Carlos saiu de Lisboa para Vizeu, onde deixou a familia e entrou a discorrer pelas provincias sondando a natureza da sua guisada mercancia.

Ageitou-se o lanço de ver no Porto o meu amigo. Notei-lhe alguns cabellos brancos. Disse-me que se lhe encanecêram na madrugada do incendio.

Quanto a azeite, vinha descoroçoado; e, respeito

a cereaes, quasi dissuadido, sendo causa d'isso a sua natural impersistencia e a noticia de que os açambarcadores tinham as tulhas cheias e ameaçadas de gorgulho.

— Que heide eu fazer a nove contos? — perguntava-me elle. — Se os não fizer render quarenta por cento, como heide eu manter a decencia da minha familia? Realmente, meu tios deram-me pouco! Ninguem vive com menos de cem contos de réis.

— Isso é verdade. A mim tem-me custado a viver com noventa e nove.

— Mas sério! que farias tu a nove contos?

— Eu?

— Sim?

— Eu te digo... se tivesse nove contos...

— Que fazias?

— Gastava-os.

— Tambem eu, se não tivesse filhos.

— E esposa. Parece que não contas com a mãe!?

— Está claro que conto... Mas que dizes tu? que heide eu fazer?

— Economisa, até algum acaso te suggerir o melhor expediente.

— Se eu podesse obter um bom emprego...

— Com que habilitações? Ah! tu cuidas que as habilitações são sómente necessarias aos caixeiros de armazens d'azeite?

— Ora... habilitações! Um secretario geral que precisa saber?

— Não sei.

— Não precisa saber nada; mas a mim o que me convinha era ser director d'uma alfandega de segunda ordem. Que te parece?

— A não poder ser de primeira, aproveita a segunda.

— Pois é o que vou fazer! — exclamou resolvido e satisfeitissimo. — Ainda que eu gaste dois contos ou trez na obtenção do despacho, é capital que me rende cento por cento.

O designio pareceu-me plausivel. Comtudo, não lh'o approvei nem combati.

— Então vaes para Lisboa chatinar o emprego?

— Vou.

— Levas a familia?

— Por emquanto não... Mas não sei se as saudades do meu Eduardo...

X

Ultimo amor

Há vinte annos que um gentil-homem francez, viajante scientifico, estanciou em Lisboa para vêr o convento dos Jeronimos e a capella de S. Roque. Hospedou-se n'um hotel, cujo dono tinha uma filha de dezeseis annos, extremamente bella, typo circassiano ou grego, typo peninsular ou romano, typo de formosura para toda a terra civilisada. O francez não viu a capella em que D. João V perpetuou a sua piedade sandia, nem o monumento manuelino consagrado á epica façanha que abriu as portas á piratagem do Oriente, e começou a pesar na balança da Providencia os meritos que pozeram ouro e fio o fiel da haste, quando o sangue de Alcacerquibir pesou na outra concha. Estas philosophias historicas não preoccupavam o gentil-homem, nem a loira Cassilda, a quem o Luiz XIV portuguez daria a capella de S. Roque por um d'aquelles ósculos em que o mo-

narcha fidelissimo dulcificava o travor do peccado em Odivellas, e n'outras partes.

O gentil-homem e a galante menina escamugiram-se. Melhor foi assim. Se o francez se demora e escreve de Portugal, era contar com injuria ou bestidade. Foi. Levou-nos uma joia. Que importa? A França indemnisa-nos, enviando-nos boas joias.

O francez era filho-familias, bom coração; mas de quebra com o dinheiro. A portugueza, bem que verde em annos, ia já combalida de alma. Queria bizarrear em Pariz: gastava a froixo; parecia mesmo franceza em oitava mão! Ninguem diria que tamanho desplante frisava com a compleição modesta e pudica das moças portuguezas que fogem aos paes!

O gentil-homem endividou-se por maneira que (leis barbaras!) dois ou trez judeus o metteram em Clichy. E vae Cassilda, que não era toutinegra que se fosse chilrear saudades á beira da gaiola do captivo amante, assentou de si comsigo, á maneira de Cesar á ourela do Rubicão, que o dardo tinha sido arrojado.

Succedeu avassalar um agente commercial, que costumava hospedar-se em Lisboa no hotel de seu pae, ao mesmo tempo que os rapazes de primeira plana de Pariz a assediavam com recovagens e offertas de palacios e carruagens.

Grato á preferencia, o agente commercial recebeu-a como esposa, e honrou-a com o seu apellido *Arcourt*. Receiando, porém, que a teimosia de certos principes russos lhe manchassem as cartas limpas de marido, abalou-se de Pariz, e veio estabelecer-se em Portugal, cedendo ao suspirar nostalgico da esposa.

Mad. Cassilda Arcout fez terramoto no Chiado a primeira vez que alli passou a galhadear-se com o garbo d'uma parisiense que leva os amantes a Clichy.

Os velhos de bigode arabe remoçaram por dentro, como se o fluido transmutativo lhe filtrasse do bigode ao coração. Um d'esses, que já tinha visto cazar duas netas, afréguesou-se no estabelecimento do francez, cuja felicidade commercial não podia competir com as pompas da mulher. Não obstante, o velho conde de***, varão maior que o seu nome, poz hombro á cruz d'aquelle marido em trances de fallir, e prosperou-lhe o commercio a olho. Cassilda tinha *victoria* e jockey e camarote em S. Carlos; vestia o pescoço de prendas, e os braços de serpentes esmaltadas, e estrellava os cabellos de diamantes.

O conde de***, ao fim de dois annos, teve a felicidade de morrer d'um aneurisma no dia em que vendêra a casa onde nasceu.

Presumia a gente honesta que a libertina (epitheto indicativo de que ainda ha moral nas familias) venderia a *victoria* e trespassaria o camarote. A' moral das familias dá grande cuidado saber se as libertinas vendem as *victorias*. Pois não vendeu. Em vez de um jockey tinha dois, e dois cavallos em vez de um.

Ninguem sabia que olympica divindade chovia oiro em casa do francez.

Corre um anno. Embarca-se no Tejo um funccionario d'alto porte que esponjára á fazenda nacional cincoenta contos. Procuram-se notas nas gavetas do suicida, e acham-se-lhe cartas de Mad. Cassilda Arcout, quasi todas em estylo commercial: *Entregue ao portador a quantia de...* etc.

Este notorio escandalo esperava a gente honesta que fizesse emigrar a libertina. E' affrontada outra vez a execração publica e moral das familias. Cassilda estreou uma caleche ingleza, tirada por orças, apeiou no portão do passeio do Rocio, apertou a mão a trez ou quatro rapazes finos, e, rojando a cauda de setim adamascado, saltou ligeira ao estribo e emigrou... para os fôfos coxins da caleche.

O francez tinha brios. Podéra não ter! Fóra da França, todo o francez casado tem figados de mouro de Veneza. Lá na sua terra supportam a condição de Sgnarellos. Mudem-nos de clima e verão o que é pundonor!

O marido de Cassilda foi mal julgado dos seus visinhos. Infamavam n'o de complacencias que n'alguns pontos do globo, onde não chegou a civilisação christã, são castigadas a chibata. Mr. Prosper Arcourt não era marido de duelos, nem tão pouco de affogar a mulher com o travesseiro. Vingou-se quasi originalmente, desapparecendo de Lisboa, uma noite, com todas as joias da mulher, nas quaes ia de envôlta o preço de duas quintas do conde e o melhor dos cincoenta contos da fazenda nacional. Honra á justiça, intérprete da moral publica! Cassilda queixou-se no governo civil; mas ninguem fez caso. Mr. Prosper teve a seu favor uma boa porção de maridos; e ella não teve sequer a commiseração das mulheres de sua estôfa.

Depois d'este insulto ao direito de propriedade, orças e caleche passaram ás cocheiras dos credores da casa commercial, fechada a requerimento de muitos que tinham sido logrados na véspera por Mr. Prosper. N'este proceder demasiou o fugitivo a sua vingança. Nem que os negociantes defraudados fos-

sem cumplices de Cassilda! Pagou mal aos homens serios que o tinham avisado. Vão lá avisar ninguem! O mundo é assim, e o francez sabia o mundo em que estava.

A catastrophe deteriorou algum tanto os creditos de Cassilda. As orças e os lacaios collaboravam no seu prestigio. Esta especie de mulheres, para se não confundirem com a lama, precisam de a não pisar.

A' custa da renunciação dolorosa de certas regalias domesticas, a esposa abandonada, protegida por um negociante aposentado, pôde, por espaço d'alguns mezes, mostrar que era ainda formosa, estadeando-se n'um gig com seu jockey em libré.

Mas o negociante, carregado de annos e contas de modistas, recobrou a sua rasão, e dispunha-se a simular certa viagem para se aliviar da carga. Ainda assim, doia-lhe a ingratidão com a linda mulher tão lealmente sua! Emfim, refez-se de animo, e foi, a hora desacostumada, expôr as capciosas rasões da sua viagem. Puxa a campainha, e ouve dizer dentro uma criada: «Não se assuste, senhora, que ha de ser o aguadeiro.» Abre-se-lhe a porta, investe com a sala, a tempo que a criada gaguejava qualquer rasão impeditiva, entra e topa um rapaz loiro de luneta no olho direito, e os dedos pollegares nos sovacos do collete branco.

— Está bom! estimo! — regougou o discreto negociante; rodou sobre os pés ageitados para rodar um homem sem risco de descambar, e saiu.

O elegante disse depois a Cassilda:

— Se elle te injuriasse, matava-o!

E ella, enternecida a lagrimas, murmurou:

— Pobre homem!... Era meu amigo... Tenho sincera pena d'elle!...

Falsa explicação das lagrimas.

A sua grande dôr era ver que o moço da luneta e bigode á Don Juan apenas tinha de seu a coragem de lhe matar o velho, se elle a injuriasse. Cassilda não queria paladinos chibantes. Diziam melhormente com a sua condição pacifica sujeitos abonados no joalheiro, na Lavaillant, e no armazem de carruagens do Navarro.

No trajecto de oito annos, ser-me-ia trabalhoso indagar os trens e amantes de Cassilda Arcourt. Contam-se, a proposito, historias, do recondito das familias, muito para lastimas, desamparos de esposas, retaliações de esposas desamparadas, tentativas de suicidios, sequestros, expatriações, emfim, opprobrios e miserias, descabidas n'este livro. Seja como for, ahi está a mulher... fatal.

*

* *

Carta de Philomena

Lá está em Lisboa o meu Carlos. *Meu...!* Muito custa ao coração abdicar! Este *meu* é como o dos reis proscriptos que dizem: «o meu throno» e como a «*minha* patria» dos que morrem de fome n'ella. Resignação!

Diz elle que vae comprar um bom emprego, e que você lhe applaudira a deliberação. Pedi-lhe que me levasse; empenhei o meu Eduardo n'isto. Nada conseguimos. Contraveio com rasões de economia que me amordaçaram. Mas o filhinho chorava, e elle... resistiu! Seria o bom anjo de Carlos que

lhe pedia nos labios do menino? Deus permitta que eu seja a visionaria que você lastima.

Olhe que se me não despinta da imaginação aquella mulher!... E mais quem sabe se ella é já morta? se envelheceu? se está feia? se mudou de vida?

Nada sei: todas as hypotheses são realisaveis, mas eu vejo-a sempre satanicamente formosa como ella era ha seis annos.

Ha poucos dias que soffri um vexame. Chegou de Lisboa um coronel que ainda é nosso parente. Perguntei-lhe se conhecia Cassilda Arcourt. Fixou-me com espanto e disse: «Uma senhora nunca pede novas de taes mulheres». Para me defender, ainda tentei confessar os meus receios; conteve-me, porém, o pejo de calumniar meu marido, arguindo-o de uma inclinação mal fundamentada.

Mas que infelicidade! Não posso esquecer esta mulher! Odeio-a como se ella já houvesse tentado roubar aos meus filhinhos o coração de seu pae!

Se o meu amigo podesse indagar alguma coisa que viesse dar socego á minha alma...

Olhe que pedido tão desatinado! Se eu não fosse tão extremosa esposa e mãe, não tinha desculpa...

Carlos já me escreveu. A sua carta é amoravel, saudosa, triste, esperançada em voltar cedo para nós. Manda aos filhos muitos brinquedos. Anceia pela hora em que possa recomeçar vida nova toda intima e dedicada á educação dos nossos anjos. Pois, apesar de tudo, vejo sempre aquella infernal visão do Chiado, aquelle despejado aprumo com que ella ia ao encontro dos olhos que a remiravam com uma admiração quasi respeitosa. Olhe que vi

isto! No olhar dos homens não transluziu o despreso, não. Se não era amor, era a fascinação que devora corações. E que mais podêmos receiar nós, desgraçadas, que apenas temos dos corações de nossos maridos a estima reflexa do amor aos filhos?

Sabe o que eu queria, meu amigo? Era que as suas palavras podessem outra vez desvanecer o presentimento que ha dois annos me affligia. Mas então o meu Carlos estava a cincoenta leguas do abysmo; e hoje está debaixo dos olhos infernaes da... *minha rival!* Vergonhosa confissão! Se eu sinto este aviltamento, porque não heide escrevel-o?! O' meu amigo, as mais temiveis rivaes são as que nos podem roubar o coração do esposo, e com elle o futuro dos filhos..............................»

*

* *

Não sei se Carlos Pereira indágou o processo de comprar directorias de alfandegas de segunda ordem. Os seus amigos de Lisboa disseram-me que nunca lhe viram modos de pretendente. O que viram e souberam pude eu colligir nas seguintes noticias.

E' ocioso descrevel-o no hotel francez rodeado de cavalheiros de fino trato; verdadeiros homens de Terencio: familiarisados com todos os escalões sociaes desde a orgia na taverna até ao baile no paço, uns de preclara estirpe, trabalhando por desmentir a herança do sangue honrado, outros de vilissimo nascimento provando a egualdade humana com a egualdade da vasa em que todos se atolam.

Estes naturalmente seriam quem désse novas de Cassilda Arcourt, se não foi elle que as pediu no

fim de um jantar bem estralejado de Champagne.

A'quelle tempo, quem quer que fosse, era desconhecido o amoroso de Cassilda. Sabia-se que, seis mezes antes, um duque francez, filho d'outro duque do Imperio, saíra de Lisboa importunado por credores, que o enxovalhavam nas praças. O duque de *** deshonrara-se para manter á esposa do seu compatriota as regalias que lhe deixára o seu antecessor decaido da graça. O successor do duque, se existia, era menos fátuo que os outros: em geral os amantes de Cassilda alardeavam sua fortuna, pendurando a photographia d'ella de par com o retrato d'uma esposa promettida, com o d'uma amiga de infancia, com o d'uma parenta respeitavel, e com o de sua mãe.

Os retratos de Cassilda vendiam-se.

Um dos convivas de Carlos tinha-o em sua carteira. Quando o marido de Philomena perguntou se a tal Circe ainda era bonita, o possuidor do retrato, lançando-o á mesa, disse:

— Não está bònita, está divina.

Carlos demorou-se a contemplal-a, e confirmou:

— E' grande mulher! Ha seis annos era menos formosa. Que esplendor tem esta fronte!... Querem vocês saber? — continuou elle dessecando a garganta com marrasquino. — Trez vezes olhei para esta mulher como já ninguem olha para Deus. Trez vezes senti esbrasearem-me o peito uns filtros... uns filtros...

— Isso a mim já nem me acontece com o absinto puro — atalhou um *roué* de vinte e dois annos que pulverisava o cognac de cinza de charuto.—Deixa-te lá de filtros, Carlos. O que tu sentias teem-n'o sentido uns alarves pyramidaes que filtram libras. Não

me entres ahi a fazer phrases, nem madrigaes em prosa de quinto acto. Na minha presença ninguem queima incensos a mulher honesta... não creio na honestidade de nenhuma; menos consinto que se pindarisem as devassas.

— Mas confessas que é bella esta mulher! — replicou Pereira, offerecendo-lhe o retrato.

O sceptico pegou da photographia, accendeu-a na luz proxima, e disse agitando a chamma, com solemnidade:

— Sacrifiquemos á Venus calypigia!

Carlos ainda quiz obstar ao incendio; mas, como os outros rompessem um côro de gargalhada, temeu ser ridiculo.

— São horas de S. Carlos — disse o sacrificador. — Vamos! se preferes vêr a lama original, vem ao theatro, que ella tem camarote de assignatura.

Estava em uma frisa. Não se vestia... despia-se com riquissimo impudor. Bella como os demonios que appareciam aos anachoretas da Istria. Petulante de altivez como só costumam sêl-o as perdidas que não teem outra vingança senão o despejo.

Carlos foi sentar-se na bancada que prendia á frisa. Os inimigos, aquecidos e excitados pelos sarcasmos do sacerdote da Venus obscena, disparavam-lhe indirectas chufas que faziam rir os circumstantes, confirmando-lhes os creditos de ébrios com espirito. Carlos afastou-se d'elles magoado, e reparou de longe.

Cassilda Arcourt, vencida pelas insolencias dos vinolentos moços, ergueu-se, tomou a capa das mãos d'um lacaio, e saiu.

Marejaram-se de lagrimas os olhos de Carlos.

Era a sensibilidade no vinho... o coração a sobre-nadar em Champagne. Sahiu ao pateo. E, sem ter tempo de ponderar o feito de sua alucinação, rompeu ao encontro de Cassilda, descobriu-se, e balbuciou:

—Minha senhora, eu estava na roda dos homens que a offenderam; mas não a offendi. Vossa excellencia de certo me viu entre elles.

—De certo, não vi o senhor nem elles—atalhou Cassilda, agitando o leque.

—Não importa. Fico bem com a minha consciencia repellindo a parte que poderia caber-me nos insultos que obrigáram vossa excellencia a sair...

—Está enganado. Eu costumo demorar-me pouco no theatro. Póde o senhor despersuadir os seus amigos do prazer de me terem insultado, que eu não os ouvi, nem vi. Boas noites.

—Minha senhora...—Dizia Carlos, e viu-a sair, pisando como as deusas de Virgilio.

As pessoas que ouviram o dialogo perguntavam, indigitando Carlos:

—Quem é este parvo?

Como nenhum dos interrogados o conhecesse, concluiram que era do Porto.

*

*   *

O marido de Philomena tinha escripto em sua vida pouquissimas cartas amatorias. Laura não lh'as recebia; Virginia não sabia lêr; Estella não sabia responder, e Philomena acceitára e retribuíra declarações vocalmente. A epistolographia era portanto um

modo de amar quasi virginal em Carlos; e bem é de entender que, chegada a hora, ainda que serodiamente, a sua indole amoravel devia desentranhar-se em resmas de papel.

E, n'aquella noite de theatro, recolhendo ás onze horas, sentou-se á banca e escreveu até que as vacas leiteiras mugiram na rua as saudades dos seus bezerrinhos.

Era carta para Cassilda.

O estylo tinha as ingenuidades timidas do primeiro amor. A phrase inclinava-se respeitosa e idolatra. De nenhum pensamento transparecia intuito que podesse purpurar de pejo faces de virgem. Uma menina resguardada, escrevendo no seu livro intimo segredos de sua alma, escrava d'um amador em versos alexandrinos, certo não diria coisas mais candidas e fragrantes de innocencia. Que seis folhas de papel sujas do primeiro pus d'um coração que ia cancerar-se!

No outro dia, Cassilda Arcourt recebeu da posta interna uma carta assignada por Carlos, a qual começava assim: *Sou o homem que se dirigiu hontem a vossa excellencia á saida do theatro. Sou um grande coração que hontem trasvasava de fel e hoje de lagrimas. Sou a mais reverente paixão que ainda ajoelhou deante de vossa excellencia, etc.*

Esta linguagem era myrrha que nunca vaporára nos incensorios de Cassilda. A estranhesa era-lhe todavia grata, bem que o peito encoiraçado se não sentisse commovido ás reminiscencias de sua pura infancia, muito delicadamente espertadas na carta com uns rebates de saudade.

— Mas quem será este homem? — perguntava Cassilda á sua criada grave, moça ladina que ás

vezes dormitava confundindo os patrões com os aguadeiros.

—Vae-se saber, se a senhora quer. Chama-se o compadre.

—Por em quanto não. Quero tornar a vel-o. Hontem mal reparei n'elle; mas pareceu me galante... Dá-me o tinteiro e papel—disse ella com intimativa, acolchetando as pulseiras.

Sentou-se e escreveu:

Ah! vous savez toujours, vous autres hypocrites,
De beaux discours flatteurs bien souvent répétés.
Je les aime, mon Dieu! quand c'est vous qui les dites,
Mais ce n'est pas pour moi qu'ils étaient inventés.

Alfred de Musset. — LA COUPE ET LES LÉVRES.

E mais nada.

Lacrou o envoltorio, selou-o com o sinete, aderessou a carta a Carlos Pereira, e mandou lançar na caixa.

A's quatro da tarde, quando recolhia de comprar um phaeton tirado por garboso normando, encontrou Carlos a resposta que abriu com mão convulsa. Leu, releu, retraduziu e... sentiu-se pequeno para mulher de tanto espirito! A perspicacia do meu pobre amigo era curta, quando mesmo a sua rasão funccionava desassombrada; n'este conflicto, porém, que admirar, se elle tomou á conta de fino espirito a copia de quatro versos? E como veria elle n'esse fragmento do escandecido talento uma resposta significativa de coração onde estremecesse fibra não gafada!

Mas sejamos tolerantes, se não justos. Carlos amava fulminantemente Cassilda. A resposta, quer co-

piada de Musset ou de Kock, soaria sempre na audição interior do homem como as meiguices de Virginia... fallo da Virginia de Paulo; não me entendam a Virginia do padre Joaquim.

Ao cair da tarde, o jubiloso Carlos saltou para o seu carro, e guiou para o largo de S. Roque, onde morava a leitora do author de Rolla.

Estava na janella: reconheceu-o, correspondeu á cortezia de chapéo, rasgada, larga, solemne, digna d'uma duqueza honrada.

Depois, voltou-se para dentro, e disse á criada:

— O Carlos tem um bonito carro. Vae dizer ao compadre que se informe.

Este compadre é como todos os compadres d'estas comadres: um sargento de veteranos casado com uma que tinha sido cosinheira de Cassilda, sujeito que se alimenta e mais a mulher da casa a cujo serviço está a sua grande aptidão de indagador. O trajar do veterano inculcava certa gravidade, mórmente quando montava uns oculos azues com guardavento, enfronhava o queixo nas profundesas da gravata elastica de setim preto. Era este o costume das indagações, e d'este feitio entrou no hotel francez a pesquisar com mui cortez compostura e ar mysterioso.

A dona da casa disse que Mr. Pereira era um seu antigo freguez, muito boa pessoa; natural do Brazil, mas domiciliado em Portugal; que parecia ser rico, porque gastava muito e pagava generosamente.

— E' alguma menina que o quer para casar? — acrescentou a franceza.

— Não, madame,—disse o compadre de Cassilda — as minhas indagações são sérias; trata-se de negocios de vulto.

— Ai! isso sim; que, se fosse inculcas para casamento, já eu lhe dizia que o meu hospede é casado com uma senhora muito gentil.

— Bem: isso não tem nada com os meus negocios.

Quanto a casado, já Cassilda o inferira de uns dizeres que o viuvo de Estella e o marido de Philomena, com pouca alma e grande quebra da sua dignidade, inserira na carta. *As algemas do preconceito não prendem as azas ao coração*, escrevêra elle — *Se disserem a vossa excellencia que a alma se obriga a phrases banaes d'um padre, não creia.*

A quem elle o dizia! Se a esposa de Prosper Arcourt ainda estaria á espera d'este aviso para descarregar sua consciencia e despontar espinhos de escrupulos!

Pouco depois das informações muito de servir, chegou o carteiro com a replica aos versos de Musset. Lastimava-se elle, queixando-se da injustiça, e obtestando Deus sobre a sinceridade da sua paixão. Da aleivosia de hypocrita, constante do primeiro verso, defendia-se aquelle abatido espirito com tamanho zelo e copia de argumentos que nem um varão justo calumniado de salteador. Cassilda, na correnteza da leitura, quantas vezes diria de si comsigo: «Este homem se não é parvo, é velhaco de marca!» Infelizmente não era velhaco nem parvo... Era homem.

Quantas virgens caidas dos braços dos seus guardas celestes antes da setima carta! Quantos leões nossos conhecidos recorrêram só duas vezes ao diccionario de synonimos, ou ao estylo d'um amigo serviçal! Pois á duodecima carta é que o meu amigo, já no gume da desesperação, obteve uma entrevista em Cintra no hotel do Victor.

*

* *

E, no acto de sair para Cintra, recebeu a sua correspondencia.

Abriu a carta de Philomena, já fóra de portas, e leu as poucas linhas que diziam assim:

«Começo por te dar uma triste nova: o nosso «Eduardo está doente desde hontem á tarde. Tem «muita febre, e os beicinhos roxos. O medico assus- «tou-me. Estou afflictissima. A creancinha chama «por ti em delirios. Hontem de manhã me tinha «elle dito que não tornava a ver o seu papá. Ima- «gina as angustias d'esta pobre mãe. O' Carlos, se «o nosso filho morrer, vem choral-o ao pé da tua «desgraçada Philomena.»

— O' meu querido filho!... murmurou Carlos, e enfiou por maneira que o jockey reparou na pallidez do seu amo.

E quebrando subitamente as guias, desandou a largo trote para Lisboa.

*

* *

Carta de Philomena

Carlos esteve aqui dezeseis dias. Dei-lhe parte da doença grave de Eduardo. Ao outro dia á meia noite tinha andado quarenta e sete leguas!

Quando elle chegou, o pequenino espectorava sangue e respirava a custo. O pae ajoelhou-se á

beira d'elle, ergueu as mãos e orou. Eu nunca o tinha visto orar; ouvira-o blasphemar depois do incendio da casa. Não imagina que sublime e ao mesmo tempo doloroso era para mim o espectaculo das lagrimas e das mãos postas deante da imagem da Senhora a quem eu confiara a salvação de meu filho!

A pneumonia cedeu aos causticos, dizia o medico. Eu não sei como a Divina Providencia operou a cura, se por efficacia das nossas lagrimas, se dos causticos. Sei que nos abraçámos a chorar de alegria, quando o medico nos disse que estava salva a creança.

E estava. Hoje faz quinze dias que a considerei morta, e d'aqui a estou vendo a brincar com a irmã.

Agora falemos de Carlos. Tratou-me com desacostumado affecto, affabilidade, amor talvez; mas, n'estas extraordinarias demonstrações de interesse, quiz eu decifrar um enigma, que parecera absurdo á sua critica. Pintou-se-me que as meiguices eram remorsos; que o apparente ou sincero affecto era a consciencia em importunas contas comsigo mesma. E ao mesmo tempo, assim que o menino entrou em convalescença, e a exultação arrefeceu, ahi começou elle a recair n'uma taciturna abstracção, que se não era tristeza, tambem não era contentamento.

Assim que passaram quinze dias, disse que as suas pretenções bem encaminhadas na capital reclamavam a presença d'elle; senão, corria o risco de perder tempo, e dinheiro já adeantado. Poderia ou deveria eu contrarial o? não. Apenas lhe disse com mais lagrimas que palavras: «Pela vida do teu Eduardo te peço que não esqueças a mãe d'estas

creancinhas.» Abraçou-me com impetuosa paixão, e chorou. Por que chorava elle, meu amigo? Pois não era aquillo uma compaixão aguilhoada pelo remorso!?... Bemdito seja Deus! ainda lhe resta a piedade!

Olhe: estou quasi resignada. E vou contar-lhe o segredo d'esta conformidade, que fica entre Deus e nós. Quando pensei que o meu Eduardo morria, puz os olhos em Jesus Crucificado, e disse: «Meu pae, não me tireis este filho, que eu vos prometto abençoar todas as dôres que me dilacerarem o coração; mas livrae me d'esta, Senhor; eu vol-o rogo pelas lagrimas de vossa Mãe Santissima.»

O meu filho está alli, outra vez rosado, alegre, cheio de vida. Se eu me affligisse, era ingrata. Sei que, se eu perder o amor de Carlos, elle ha de amar sempre os filhos e amparal-os. Ser-lhe-hei o que elle quizer. Transijo comtanto que meu marido seja bom pae.

E depois, não póde ser que tudo isto sejam chimeras? Sejam ou não, repito, meu amigo, estou resignada..................................

*

* *

Carlos Pereira encontrou no hotel duas cartas de Cassilda Arcourt. Uma accusava-o de pouco primoroso cavalheiro, faltando a um compromisso solicitado por elle mesmo. A outra, mais retrincada e pachorrenta, tresandava ao almiscar e *pat-chouli* de ironias e jogralidades, como as sabem desfechar ao peito d'um homem as senhoras d'aquella pôlpa,

quando lhes sobeja pratica e convivencia de bons farçantes e bons livros.

Antes de lavar-se do pó da violenta jornada, respondeu Carlos, e teve animo de explicar sinceramente áquella mulher a causa inopinada da sua ida a casa! Desculpando-se da falta, pôde aquelle coração afistulado, sem asco de si mesmo, escrever o nome do filhinho aureolado do santo amor paternal! E, depois de ter dito que ajoelhara á beira do filho, pedia á generosidade de Cassilda que o imaginasse em joelhos deante d'ella.

Foi generosa. Carlos conseguira até... commovel-a! A mulher gostava de creanças — pendor não vulgar n'umas condemnadas a não poderem extirpar do lamaçal do seio os profundos instinctos da maternidade.

Rehabilitado pelo perdão, solicitou de novo o passeio bucolico ás florestas de Cintra. D'esta feita prescindiram de resguardos. Entráram na mesma caleche a S. Sebastião da Pedreira, e viram-se rosto a rosto, hombro com hombro.

Carlos sentiu o vágado do deslumbramento. A immobilidade dos olhos, e o soffrear da respiração e os beiços entre-abertos por um sorriso de beatifico enlevo, todo este composto, se não fosse a forma obrigada do extasis, seria a expressão da mais boçal tolice.

A mulher de Prosper, fitando risonho e agitada aquelle arroubamento lisongeiro, não se lembrava de caso semelhante em duas dezenas de primeiros *rendez-vous!*

Fui a Lisboa em 1860.

Na mesma hora em que desembarquei no Terreiro do Paço, acercou-se de mim um engenheiro que

me reconheceu, e se fez conhecido lembrando-me que era uma das tres testemunhas que assistiram ao casamento da Estella.

— Aquella pobre senhora — acrescentou elle — morreu a tempo! se não matal-a-ia este devasso viver de Carlos Pereira...

— Então que ha?! — atalhei eu, ingenuamente ignorante.

— Pois não sabe que elle passeia ahi por Lisboa a sua corrupção com a Cassilda Arcourt?

— Não sabia... — disse eu com amargura, vendo passar ante mim a imagem de Philomena com os dois filhos nos braços.

— E onde foi este homem buscar o fausto com que doura a sua desmoralisação? perguntou o engenheiro.

— Trouxe do Brazil ha seis mezes dez contos de réis. Carlos vive com ella?

— N'um palacête ás Larangeiras; mas atravessam Lisboa no mesmo carro. É que será feito de outra mulher com quem elle casou?

— Ha tres mezes que me escreveu da Beira, onde vive com dois filhos.

— Que infeliz familia!... Não saberá ella isto?

— Deus permittá que não. Seria inutil o flagellal-a com a noticia. Basta que o saiba, quando não poder d'outro modo explicar a pobreza do marido, e a fome e a nudez dos filhos.

No dia seguinte examinava eu para alugar, na travessa dos Carros, os commodos d'uma cosinha meia campestre. Ouvi o rodar d'uma sege. Saí á sacada, e vi Cassilda com um homem á sua esquerda. Carlos viu-me. Eu não o vi. Apenas dei tento

de se agitar um braço, e ouvi proferir o meu nome. O odio faz amóroses instantaneas. A luz dos meus olhos não espelhava imagens; scintillava-me umas áscuas de lume no cerebro.

Ao outro dia parou um cavallo á minha porta. O meu criado estava prevenido. O cavalleiro deixou um bilhete brazonado que dizia *Carlos Pereira*. Voltou no dia seguinte, e o meu criado, entregando-lhe o bilhete, disse:

— Meu amo não conhece o senhor.

Ora, n'este mesmo dia, me era devolvida do Porto uma carta da minha amiga de infancia.

Dizia assim:

«Ha quinze dias que lhe quiz escrever: mas da cadeira onde me assentára passei para a cama, d'onde lhe escrevo, tendo os meus dois filhos um de cada lado. Se é verdade o que me dizem, estive moribunda. Deus compadeceu se d'estes innocentes. Vivo, e está-se retemperando a parte do coração que se perdeu. Hoje mais que nunca preciso de ser forte, por que... estou sósinha.

«Meu marido perdeu-se. Andei adivinhando esta desgraça. Os meus parentes sabiam tudo, e não sei que remedio esperavam antes que eu o soubesse. Uma prima de meu primeiro marido escreveu-me de Lisboa perguntando-me se eu era, como lhe tinham dito, mulher d'um Carlos Pereira. Respondi que sim. Não tornou a escrever-me. Alvoroçou-me a pergunta e o silencio. Havia oito dias que Carlos me não escrevia. Suspeitei que elle tinha morrido. Confirmava-m'o a tristeza de toda a gente que olhava para mim. Preparo tudo para sair para Lisboa na mesma hora em que me resolvi. Minha irmã então conta-me que toda a gente em

Vizeu sabia que meu marido vivia em Lisboa ligado publicamente com uma mulher muito conhecida, e em breve me reduziria e aos filhos a esmolar o pão dos parentes. Nem perguntei o nome da mulher... Ha quantos annos eu sabia aquelle nome!...

«Chamei os meus filhos, levei-os comigo ao oratorio onde minha mãe me levava em pequenina, e disse-lhes que pedissem a Deus por seu pae. Eduardo começou a rezar em alta voz: *Padre nosso, que estaes no céo, santificado seja o vosso nome*... inclinei-me para elle, abracei-o, chorei muito, orei soluçando... e parecia-me que os olhos da Virgem tambem reviam lagrimas. Levantei-me animosa, fui sentar-me a escrever-lhe; mas senti-me desfallecer. Deitei-me, e não sei o que passou nos primeiros dias.

«Naturalmente, da perdição de Carlos não lhe conto novidade. Dizem-me que elle publicou a sua desgraça com orgulho. Não lhe escrevi, nem escreverei, com o parecer d'estas pessoas que me atormentam aconselhando-me desatinos. Querem que eu requeira divorcio. Para que? O divorcio não pode ser mais completo do que é. Querem que lhe peça a segurança de alimentos para mim e meus filhos. Para mim nunca lh'os pediria; para os filhos antes irei pedil-os aos meus parentes. Até hoje nada me tem faltado. Deixou-me um saquinho de dinheiro, que não sei quanto é. Se Carlos o quizer, enviar-lh'o-hei, que é seu. Eu o dote que trouxe foi o bom coração que elle despresou.

«No que eu penso com muita dôr é no que hade ser d'este infeliz, consumindo o dinheiro que tem! Se os tios o não soccorrem, a herança d'estes meninos será o nome infamado de seu pae. Até onde o abaterá aquella mulher?

«Parte-se-me o coração, se Eduardo me pergunta quando chega o pae. Digo-lhe sempre «ámanhã»; mas o pequeno chora de saudades, e despedaça-me.

«Não deixe de me responder por sentir inutil a consolação. Creia que lhe escrevi com os olhos enxutos. Aqui ha Providencia. O golpe era mortal; mas resvalou no peito de meus filhos. A sua amiga Philomena.»

*

* *

Frequentes vezes vi Carlos Pereira. Sobejava-lhe, ajuizo eu, pundonor para desviar-se de mim. Além de que, o seu carro e cavallos eram altos, e bem é de crêr que me não visse confundido entre a peonagem.

Examinei-o d'espaço, uma noite, no theatro normal. Cassilda occupava um camarote de primeira ordem, e elle, na superior, uma cadeira central. Do fundo de um camarote, com o binoculo, fixei Carlos por largo tempo. Causava espanto o emmagrecimento, o cavado das olheiras e a côr amarellida. Dava parecenças com o Carlos que eu tinha visto, onze annos antes, enfermo e prostrado, depois d'aquelle primeiro golpe de Laura. Suspeitou-se então que os pulmões do moço tivessem lezão; e eu, vendo-o depois desconfiei que uma tisica muito adeantada o ia levando á precoce morte dos irmãos.

Concluido o espectaculo, vi-o entrar em sege com Cassilda Arcourt. A coberto d'uma columna, confirmei as minhas suspeitas da gravissima doença. Quanto a ella, não a tinha visto mais allucinadora seis annos antes. Era um bello anjo caido no esterquilinio e mesmo ahi conservava signaes indele-

veis da mão divina. Era assim uma creatura entre celestial e satanica, monstruosidade symbolica da lucta primitiva entre Deus e os reprobos da gloria. Deviam ser assim as mulheres de Madeão, que postas á frente do exercito, sem mais armas que a infernal metralha dos olhos, renderam os hebreus. Se Jehovah consentia que as madianitas quebrassem a golpes de lascivia os pulsos de seu povo, que podêmos esperar nós, gente sem Deus nem fé, se mulheres d'aquelle condão nos levam em récova pelo inferno dentro! S. Chrysostomo deplorava os hebreus vencidos; eu choro sobre a christandade actual que não vive do mel do deserto nem se guia por columnas luminosas. Trevas e amargura, Cassildas e Carlos!... Ao remanescente do genero humano peço perdão.

Na lista dos viajantes embarcados para o Havre, uma semana depois, vi nomeados Carlos Pereira, e madame Cassilda Arcourt. E, na volta de poucos dias, annunciava-se o leilão da rica mobilia d'um palacete a Bemfica, trens, cavallos, etc., tudo pertencente a uma senhora que se retirava para o estrangeiro. Disseram-me que a baixella leiloada pertencia ao marido de Philomena.

Fui assistir. Chamava-me este futil episodio. Aguçou-se-me a curiosidade de ver a luxuosa baixella d'um homem, cujos filhos d'ahi a pouco esmolariam a manta do seu catre de bancos. Fiscalisavam o leilão dois sujeitos, um dos quaes eu conheci de o ter visto em Coimbra particularisar bastante com o marido de Estella. Exercitava então em Lisboa o mister de jogador em que procurava a desforra do patrimonio perdido. O outro fiscal era o sargento de veteranos, compadre de Cassilda.

Avisinhei-me do superintendente mais graduado, esperando que elle me reconhecesse. Apertou-me cordealmente a mão, e disse-me:

— Que lhe parece estas coisas?

— Que coisas, senhor Antunes?

— O Carlos!

— Ah! sim... disseram-me que esta mobilia era d'elle...

— Está arruinado de algibeira e de saude! — proseguiu o commensal quotidiano de Carlos.— Animal assim ainda não vi outro! Fartei-me de lhe prégar que tivesse juizo; mas perdi o tempo. Elle ahi vae agora para Baden-Baden...

— Jogar?

— Não; elle não joga. Vae tomar as aguas; mas é um disparate; que o mal d'elle é do peito. O peior é que se lhe acaba o dinheiro antes da vida...

— Vejo que elle dissipou muito depressa alguns contos de réis...

— Seis contos de réis em oito mezes, e levou trez.

— Está feito! Não acho muito, em vista do luxo d'esta casa, de dois trens, de trez cavallos, etc., etc.

— Não, que a mobilia de Cassilda tambem aqui está, e um dos carros e cavallo é d'ella.

— Então Cassilda tambem se deixa arruinar?

— Se se deixa arruinar? Então você não sabe que ella o ama perdidamente?

— Sim?! Ora vejam!...

— Não imagina! Desde que elle começou a padecer do peito, desfaz-se em lagrimas. Disse-me que o havia de acompanhar até á sepultura, e matar-se depois.

— E' possivel... Estão na moda taes regenerações

começadas pelo amor e concluidas pela morte...— condescendi, sorrindo.

—Não o diga a rir! Você, se a conhecesse ha um anno, e a visse hoje, espantava-se. Olhe que se apaixonou seriamente esta mulher que parecia de marmore! Eu que lh'o digo é por que o sei.

—Não duvido.

—Assisti a scenas pateticas! proseguiu o jogador pondo os olhos sentimentalmente no tecto.— Elle não sabe que está ético; via chorar Cassilda; não entendia a razão do chôro; queria saber o que a fazia triste... Era uma tragedia!

—Pelo que vejo, o senhor Antunes tem vivido muito na intimidade d'esta gente...

—Sim, tenho, Carlos Pereira cortou as suas relações todas, desde que os amigos começaram a ridiculisal-o por elle se apresentar publicamente com Cassilda.

—E o senhor Antunes conservou-se leal ao seu amigo desgraçado...? — atalhei com gravidade, conhecendo o sandeu com quem lidava.

—Conservei...

—Apesar de conhecer que elle se arruinava...

—Pois então! Cada homem tem sua estrella... A de Carlos era esta mulher. Mas pode-se gabar que foi o primeiro que ella amou.

—Ao menos, resta-lhe essa grande consolação: está justificado. Ora diga-me: como viveu muito particularmente com o nosso amigo, talvez lhe ouvisse alguma vez fallar dos filhos...

—Se ouvi!... Partia-se-lhe o coração quando fallava n'um que se chama Eduardo! A Cassilda chegou a dizer-me que dava cem libras a quem furtasse o menino á mãe, e lh'o trouxesse. Cuidava

ella que o Carlos melhorava, se visse o filho. Eu ainda calculei a maneira de tentar o rapto do pequeno; mas não lhe vi furo. Fossem lá a Vizeu tiral-o de casa da mãe! Pois olhe que a doença maior do nosso amigo era saudades do tal Eduardo... Eu ainda lhe disse duas ou trez vezes: «deixa esta «mulher por algum tempo, e vae estar com a tua «familia até te sentires melhor.»

— E elle que respondia?

— Que respondia! Desatava a chorar, e dizia: «Não posso, não posso deixal-a uma hora. Se tiver de morrer, quero acabar aqui onde a vejo até ao meu ultimo suspiro.» Entenda lá isto, se póde!

Principiou o leilão. O fiscal pediu-me desculpa, e voltou a sua attenção para os licitantes.

Detive-me alguns minutos a examinar uma *étagére* de páu preto com livros magnificamente encadernados. Os ramos litterarios unicamente representados na bibliotheca de Cassilda eram romance e poesia. Abri um livro que tinha na capa de marroquim uma corôa de conde: era *O meu visinho Raymundo*, de Paulo de Koch; abri outro que tinha umas iniciaes sobre uma corôa ducal: era *Mademoiselle de Maupin*, de Theophile Gautier. A *Dama das Camelias* estava encadernada em velludo azul; e a *Fanny* de Ernest Feydeau em velludo escarlate. A' margem dos livros viam-se mãosinhas de irreprehensivel esbôço apontando as passagens prediletas, que, de relance vistas, me pareceram as mais offensivas do pudor, ou mais zombeteiras da moral. O unico livro substancial que topei encravado nas futilidades foi *Le bon sens du curé Jean Meslier*. Este, na pagina de guarda tinha o autographo de Carlos Pereira.

De «philosophia» era o unico thesouro que vi. Donde se infere que as boas letras de Cassilda corriam parelhas com as do seu socio de livraria. Demoreime no intuito de arrematar o livro de Carlos. Posta, porém, a verba em praça, eram tantos os pretendentes que eu desisti de disputar a um barão a posse d'aquella infamia litteraria em que o comprador tencionava continuar a sua instrucção. Voltei a minha escôlha para uma bengalinha de unicornio, e comprei-a no proposito de presentear Eduardo, algum dia, com um objecto de seu defunto pae, se elle proferisse com respeito e saudade o nome do desgraçado.

*

* *

Escrevi a D. Philomena fielmente o que vira e ouvira. O resguardo me quiz parecer vão e indigno da sua confiança; antes tive para mim que o precatal-a e dispôl-a para a viuvez, orphandade e pobresa seria util aviso. Tenho presente a sua resposta:

«Minha familia sabe tudo que ahi se passa. Ha pessoa que segue os movimentos todos de meu infeliz marido, e os conta para Vizeu. Já hontem se me disse que saira para França, e muito doente Carlos. Eu ainda lhe não contei que o meu Eduardo recebeu uma carta de Lisboa, que lhe foi entregue pelo carteiro, e elle me trouxe com muita alegria, dizendo que era letra do pae. Era com effeito. A carta contém só duas linhas que dizem: *Meu filho, teu pae coberto de lagrimas te pede que perdôes*

á sua memoria. O meu Eduardo tem oito annos. Leu, mas não entendeu. Viu-me chorar, quiz explicações, que eu não sabia nem podia dar. Guardei a carta para lh'a mostrar quando elle, opprimido pela desventura, sentir a necessidade de odiar a vida, e quem lh'a deu.

Calculei a profunda angustia de meu marido; mas custou-me a comprehendêl-a. Eu imaginava-o contente, esquecido, sem remorsos. Estas coisas só se entendem apontadas pelo dedo da Providencia. A mim não me pede elle perdão. Pois não hade ser necessario, se Deus lhe pedir contas das minhas lagrimas. Está perdoado.

Por em quanto, mal posso dizer-lhe qual venha a ser o meu futuro. Penso n'elle ha muitos dias. A minha viuvez já principiou. Meus filhos ha muito que são orphãos. Os meus parentes são bons; mas pouco afortunados. As trez filhas do homem que serviu até á decrepitude honrada a sua patria, e lhes gastou na emigração o dote, estão pobres. Meu primeiro marido deixou-me apenas... a liberdade de ser mais infeliz com o segundo.

Como educarei estas creanças? não sei. Refugio-me na Providencia, pedindo-lhe conselho. O meu Eduardo é rapaz; poderei mandal-o servir um amo no Brasil; mas o porvir da menina afflige-me incomparavelmente.

Lembra-me que poderei aproveitar em beneficio d'ella alguma educação que tive n'um collegio do Porto. Sei alguma coisa piano e francez. Se encontrar casa onde possa entrar como mestra, irei preparando minha filha para ensinar as filhas das minhas discipulas. Até agora não vejo outro horisonte, e este vejo-o, meu amigo, atravez de lagrimas

de sangue. Dar-me-ha Deus coração que possa arrancar-se de meu Eduardo? Se eu fôr ser mestra, onde deixarei este menino?... A resposta d'esta afflictissima interrogação é que eu espero da bondade divina. Adeus. Escreva sempre á sua amiga Philomena.

XI

Ultimo golpe

PROCUREI miudas vezes Antunes, unica pessoa bem informada em Lisboa das paragens dos viajantes.

No decurso de um anno me mostrou algumas cartas de Cassilda, escriptas a occultas de Carlos, umas principalmente que desesperavam da cura do enfermo, e da sciencia dos medicos de Allemanha. Carpia-se a correspondente de Antunes, magoada pela misantropia de Carlos; mas, ao mesmo tempo, confessava consoladoramente que era amada em extremo, e tão necessaria como o ar e a luz á vida do seu anjo. Referia que elle, no anniversario natalicio do filho, passára o dia e noite abysmado em saudades atormentadoras; por maneira que ella chegára a pedir-lhe de mãos postas que a deixasse, e voltasse para a sua familia. Ao que elle respondera que não iria levar á sua familia um cadaver.

Em outra carta, dizia Cassilda que estavam de viagem para Pariz, onde a levavam esperanças de remedio nos milagres operados por um especialista de molestias de peito.

O ultimo itinerario era voltarem a Lisboa, e transportarem-se á Madeira por alvitre do especialista parisiense. Esta derradeira carta incluia um retrato de Carlos Pereira, já mui differente do homem que eu vira no theatro. As sombras das saliencias osseas deformavam lhe o rosto. As orbitas eram uns grandes anneis negros, como de cadaver ao qual regaçassem as palpebras. Fez-me compaixão e terror. N'aquelle instante, avultaram-me as feições d'elle em diversas épocas de sua vida. A creança de 1849 ainda imberbe, o gentil rapaz de 1853, o homem grave de 1857. E alli, aos trinta e dois annos, morto, morto primeiro nos espiritos de honra e humanidade, agonisar assim, longe de esposa e filhos que lhe recebessem no coração o ultimo alento!

Volvidos dias, Antunes participou me a chegada dos seus amigos, e acrescentou que o pobre Carlos, sabendo que eu me interessára pela sua saude, mostrára desejo de vêr-me.

N'essa mesma hora o procurei no Hotel Central. Cassilda passou a outro quarto, quando entrei á saleta onde Carlos estava deitado sobre uma ottomana. Sentou-se, quando me viu, abraçou-me com alegre semblante. O sorrir d'elle parecia-me a irritabilidade nervosa operada pelo galvanismo sobre o musculo morto.

— Não estás melhor?...— balbuciei eu, suffocado pela dôr e assombro de tamanha desfiguração.

— Muito doente... Soffro ha vinte mezes — respondeu com demoradas pausas. — Poucas esperanças me restam. Vou á Madeira. Se lá não tiver allivio... acabou-se tudo... E tu... vives bem?... Estás em Lisboa desde que te procurei na travessa dos Carros?... Que mal te tinha eu feito para me repellires?... O mal que fiz... creio que não chegou até aos meus amigos...

— Os amigos que affligiste com o teu mal de certo participaram d'elle — repliquei, impondo-me a delicadesa de o não contrariar.

— Isso são palavras. Amisade que degenera em zelo de phariseus, e que nos impõe obrigações de virtude austera, tem parentesco tal qual com a benevolencia dos inquisidores que queimavam os corpos para salvar as almas... tudo por amor ás almas dos queimados... Ora, meu amigo — proseguiu elle sorrindo ao meu silencio indulgente — o apostolado das virtudes sociaes deixa-o aos verdadeiros justos ou aos hypocritas bem mascarados. Tens sido um franco peccador... Não te digo que faças confissão publica dos teus erros, no limiar da egreja; mas... parecia me que a tolerancia com os teus velhos amigos... ensinaria os teus inimigos a perdoar-te.

Sobreestive no meu silencio. E elle continuou:

— Não te offendas... Tinha precisão de dizer isto ao meu unico amigo... No meio das minhas desgraças... fataes, e invenciveis... não me era pequena dôr lembrar-me que não tinha pessoa no mundo a quem perguntasse por...

Reteve-se. Os soluços cortáram-lhe a palavra. Fitou-me com os olhos assaltados de pranto, e eu entendi a voz que o abafava.

— Querias perguntar-me por teu filho?

— Sim!... — murmurou elle apertando-me nas suas mãos trementes e febris a minha.

— Vive. Ha dias que a senhora D. Philomena me escreveu, dizendo-me que Eduardo já lia correntemente. A menina tambem vive.

— E ella?

— Tua senhora?

— Sim...

— Não sei o que me perguntas...

— Está resignada?

— Sim: resignada.

Estas ultimas perguntas eram feitas a medo de ser escutado. Comprehendi de prompto a conveniencia de ser parco nas respostas quasi proferidas como em segredo.

— Eu queria... — disse elle a meia voz — queria sair comtigo até ao campo... Se tu ámanhã quizesses...

— Com a melhor vontade.

— Pois vem ao meio dia. Vamos n'um coupé bem agasalhado... Este ar do Tejo constipou-me... Na viagem passei melhor, e quasi sem tosse... Aqui, estou peiorando. O vapor para o Funchal sae d'aqui a trez dias... Estou ancioso por deixar Lisboa... Vamos ámanhã, sim?

— Vamos, Carlos.

*

* *

A' hora aprasada do proximo dia, saltei do coupé no Hotel Central. Cassilda saiu á saleta no mo-

mento em que iamos a descer. Elle beijou-a na fronte, e disse-lhe, indicando-me á creatura:

— E' o meu amigo de doze aunos.

— Ha muito que o conheço de nome — disse ella inclinando a cabeça ligeiramente.

Reparei. Aquella mulher, sem duvida, tinha chorado. Estava notavelmente desmedrada, pallida, e quasi embaciado aquelle verniz de juventude, e extincta a brilhante claridade que são toda a alma da formosura.

— Que lhe parece Carlos? — perguntou Cassilda — Acha-o muito abatido?

— De certo; mas o bom clima da Madeira...

— Tenho muitas esperanças de que elle se restabeleça... — volveu ella.

Inclinei a cabeça, e dei o braço a Carlos que oscillava de fraco na descida. Entrámos no coupé, e mandámos guiar para o Campo Grande.

— Tens comtigo as cartas de Philomena? — perguntou elle com vehemente desafogo, quando o coupé abalou.

— Não tenho.

— Queria ver o que ella diz de meu filho...

— O que póde dizer a virtuosa mulher que é mãe amantissima. Não deves querer ver as cartas de tua senhora. Se te restaurares, de volta da Madeira, t'as mostrarei.

— Minha mulher terá soffrido precisões? — volveu elle com os seus grandes olhos vidrados de lagrimas.

— Não sei. Vive com a irmã. Se a fome estivesse no numero das suas penas, maiores dôres que as da fome a teriam crucificado, creio eu. Poderá ter-se lembrado do futuro dos filhos; mas, por em

quanto, as primeiras necessidades não as soffreu, tenho d'isso a certeza.

— O futuro dos meus filhos... — repetiu Carlos.

— Sim...

— Os meus filhos... é verdade!... O futuro dos meus filhos... — repetiu elle muito recolhido.

— Mas não te concentres agora n'essas previsões, Carlos... Queres tu ver a tua familia? Queres tu que eu chame a Lisboa tua senhora e os meninos?

— E' tarde, é tarde...— exclamou elle muito reconcentrado — O que eu queria... era viver... Oh!... se eu me salvasse... Ella sabe que eu estou doente?

— Sabe.

— Amaldiçoa-me?

— Não: lastima-te. Ensina os filhos a orar por ti.

— Vês o que é a fatalidade!... — tornou elle, apoz longa pausa de muito intima dôr — Vês?... Lembras-te?...

— De quê?...

— Não te lembras de eu te dizer no Porto que ainda não tinha experimentado o amor fatal, o amor que mata...?

— Recordo.

— E então? viste? viste, meu amigo, como eu me perdi?

— Vi. E por quem te perdeste!...

— Cala-te, que me matas! Perdi-me... não sei por quem!... O céo ou o inferno que t'o diga! O raio fulminou-me quando eu já cuidava que o berço de meu filhinho me fecharia a bocca dos abysmos. Eu tinha caido... Espantava-me da minha queda... A honra e o amor paternal levantavam-me pelos cabellos; mas o coração pesava-me para o

fundo da voragem, e atirava-se ás garras d'uma infernal voluptuosidade que o espedaçava. Eu não posso dizer-te o que esta mulher fez da minha alma! Todos os meus instantes eram paixões que se abrasavam umas n'outras. Eu tremia de respeito e amor debaixo dos olhos d'ella. Erguia-me d'esta abjecção por um instante, em quanto a minha rasão m'a mostrava... dez vezes perdida... dez vezes infamada... Oh!... que despedaçadores ciumes me deixava este instante de luz!... Ciumes do seu passado atroz, ciumes da formosa mocidade que ella trocou por carruagens, por brilhantes, pelos esplendores do escandalo... Tu comprehendes que horror isto seja? Sabes o que é estar um homem a ver as manchas d'uma face adorada, e a querer lavar-lh'as com suas lagrimas, e com o seu sangue? Sabes o que é o homem acceitar para si o despreso, a deshonra, o remorso, tudo, a ver se póde remir deante de seus olhos e de seu coração uma mulher, que nunca poderá, depois de contricta, apresentar-se ao mundo, e pedir-lhe perdão para o homem que lhe deu sentimentos bons e o instincto do bem? Comprehendes isto?

— Carlos — atalhei eu, vendo-o abafar na explosão das desconcertadas idéas — descança; peço-te que não me expliques o inexplicavel. Sei tudo que póde saber-se d'um homem na tua deploravel situação. Amaste, quanto se póde, esta mulher. Diz-m'o assim singelamente; que a tua historia não é original, nem sequer rara. E' uma catastrophe vulgar, mas ainda remediavel. Vae para a Madeira; deves ir; mas leva tua esposa e teus filhos. Os cuidados de tua senhora não serão menos affectuosos que os de outra pessoa; a presença das crean-

ças dar-te-ha o doce contentamento por onde a tua cura deve começar. Tens a alma enferma de doenças remediaveis. Saudades, remorsos e talvez a consciencia do opprobrio são chagas que fecham quando nos sorriem os entes queridos que fizemos chorar, e a consciencia sente rehabilitada, ao passo que as offensas nos são perdoadas. Eu te assevero que tua infeliz senhora virá para ti com se nunca houvesse queixa da tua lealdade. Se a esperança de vêl-a não te alvoroça nem a desejas, ao menos pensa, prefigura no teu espirito a exultação que has de sentir vendo o teu Eduardo, aquelle lindo menino ao lado de quem ha dois annos ajoelhavas e punhas as mãos supplicantes. Deixa que elle venha tambem ajoelhar e orar ao pé do teu leito.

Escutou-me Carlos Pereira largo tempo, sem gesticular signaes de importunado. Senhoreou-me a desculpavel presumpção de ir amollentando e reduzindo o animo do meu amigo, movendo-lhe os affectos paternaes, já que a sensibilidade de esposo apenas estremecia ferida pela compaixão.

N'este discorrer, nunca interrompido, chegámos á porta do jardim do Campo Grande. Apeámos; e, andados poucos passos, Carlos dobrava os joelhos de fatigado, bem que se esforçasse em alongar o passeio. Sentou-se, e disse-me com voz debil e ainda extenuada do afôgo com que tinha querido explicar a fatalidade:

—Ninguem póde retroceder, depois que a sorte o impelliu... Para qualquer lado que se volte, encontra a morte. Se recuar, morro; se não recuar, morro tambem. Os meus filhos não me salvariam, se estou ético como meus irmãos. O que elles me fariam n'este estado, era exasperar-me as agonias.

E' tarde, torno a dizer-te que é tarde. Se a tua intenção é tornar a minha morte mais christã, devo dizer-te que a ignominia da morte não me dá mais cuidado do que a da vida. Os juizes, que me sentenciaram vivo, que me sentenceiem morto.

—Mas...—atalhei eu.

—Deixa-me fallar — contraveio Carlos, espacejando detidamente as palavras. — Se eu tivesse que legar á minha familia, e suspeitasse que o morrer longe d'ella a prejudicava, chamal-a-ia para se apossar dos meus bens arriscados a furto. Deves saber que estou pobre. Se eu morrer, diz francamente a minha mulher que nem Cassilda nem ninguem me roubou. Fui eu que consumi o pouco que tinha; bem pouco, ainda que te pareça absurda esta justificação de um prodigo. A' busca da saude gastei alguns contos de réis; e sabes tu? escuta, crê, e não olhes para mim, procurando me no rosto o rubor do pejo... Vou para a Madeira, favorecido por Cassilda. E' ella quem me dá o valor das suas ultimas joias vendidas em Pariz; e vendeu-as na certeza de que estou phtysico, de que vou morrer, e ella ficará pobre. Aqui tens uma acção boa da mulher a quem só falta a pobresa para que todos a insultem! Que lucrou ella? em recompensa de sua caridade apenas receberá a do hospital. Não é preciso muita abnegação? Diz-m'o tu que estudas as almas pervertidas... Não será heroismo o da mulher que se sacrifica, sabendo que eu vou morrer, e que apoz mim lhe hade ficar a responsabilidade de me ter empobrecido, e matado? Quando ella passar indigentemente trajada, os que ainda a reconheceram, dirão: «Ahi vae a devassa que devorou a 'fortuna' de Carlos Pereira!» Pois aqui

tens a mulher que eu encontrei ha trez annos com mocidade, bellesa, sem coração, mas feliz; sem amigos verdadeiros, mas adorada de todos os homens; odiada das mulheres, mas esplendida na petulancia com que as affrontava. Olha para ella, e verás que estás envelhecendo; repara-lhe nos pulsos, não lhe verás uma pulseira; vae ao seu guarda-roupa e encontrarás vestidos que ella d'antes não consentiria nas suas criadas. Esta mulher não é minha esposa, nem lhe será licito vestir luto por minha morte...

—Bem sei...—interrompi menos commovido que o usual dos theatros onde se faz o auto lagrimavel da apotheose do vicio redemido pelo amor. — O luto hade vestil-o uma viuva chamada Philomena; o luto hãode vestil-o dois orphãos. Philomena está a esta hora apressando o ensino de primeiras letras de seu filho para o offerecer ao balcão de algum merceeiro, que lh'o acceitará, com a condição de que elle hade erguer-se ás cinco horas para varrer a loja. Os que passaram por Cassilda, e disseram: «Ahi vae a devassa que devorou a 'fortuna, de Carlos Pereira» dirão tambem vendo um menino de compleição mimosa carregando fardos: «Alli está um filho de Carlos Pereira ganhando o pão negro que seu pae dissipou com as devassas!» A piedade, meu amigo, hade beijar a face do innocente, e voltar as costas á criminosa. E' justo, é providencial que assim seja. Tua senhora vae ser mestra de meninas para se amparar a si e a sua filha. Os que viram Cassilda, e voltaram o rosto anojados, hãode olhar respeitosamente para a filha do conselheiro***, para a viuva do desembargador***, e dirão : «Aquella mulher que recebe umas sopas e

um tostão diarios é a viuva de Carlos Pereira».

— Que conclues? — atalhou o amigo rebatendo corajosamente os impetos das lagrimas, e não sei se os da ira.

— Concluo que Cassilda expiará como culpada; e que tua mulher e teus filhos padecerão innocentes.

— Vamos embora, que tenho frio e febre — disse Carlos.

Dei-lhe o braço, entrámos no coupé, e voltámos para Lisboa.

Eu ia profundamente triste e desesperado de o restituir vivo ou moribundo á sua familia. E, por sobre a dôr de tão irremediavel calamidade, pungia-me não sei que invencivel compaixão de Cassilda. E' que eu tinha sido empestado pelos miasmas litterarios d'este penultimo quartel do seculo. As Adrianas, as Damas das Camelias e das Perolas, laureadas á mingua de virgens authenticas em glorificações de livros e palcos, com applausos até das mulheres honestas, das candidas noivas, das matronas impollutas, e das velhas lagrimosas... emfim, a podridão social distillada em oleos aromaticos nas retortas dos engenhos mais em voga, contaminaram-me tanto ou quanto. Válido testemunho dera eu de tabidez intellectual quando enflorava a vala de um d'esses corpos cem vezes vendidos, n'um romance que ficou lembrado, e hoje escarnece outros de muito sã moral que... esqueceram.

*

* *

Voltei no dia seguinte ao Hotel Central. Disse-

ram-me que Mr. e Mad. Pereira haviam saído em trem. Desconfiei que o meu amigo era mais delicado do que eu tinha sido na travessa dos Carros.

Na verdade eu havia apostolado tão incompetente quanto inconvenientemente a contricção dos peccados. Demasiei-me, talvez, em desluzir-lhe as cristalisações do amor, formadas n'aquella alma, ramo desflorido e sêco, submerso no lago congelado, conforme a theoria de Sthendal. A meu ver cristalisações de lagrimas só o calor da mortalha as degela.

Por outra parte, doía-me a severidade grosseira com que respondera ao ardente elogio de Cassilda. Presentia remordentes pesares, se um dia a encontrasse em Lisboa, abrindo á caridade esquiva a magra mão, por onde filtraram ondas de ouro. Isto, ainda assim, não impedia que todo o meu doloroso interesse me chamasse o coração aonde chorava uma viuva com dois meninos sentados no limiar da miseria.

Tornei ainda ao hotel. Encontrei-os descendo as escadas, seguidos da sua bagagem.

— Vamos embarcar—disse elle sêcamente.

Cassilda Arcourt castigou-me com um lance de olhos coruscante. O meu fraco amigo denunciára provavelmente á sua bemfeitora o desaffecto com que eu desfizera nas suas virtudes. Se o futuro me não despenar d'este remorso, não ousarei mais olhar de fito a generosa creatura que desvaliei. Esperemos.

— Se vaes embarcar,—disse eu encarando-o, como quem se despede para sempre...—Adeus!

— Adeus, voltou Carlos nem levemente commovido.

— Vamos depressa, que faz vento aqui — interveio desabridamente Cassilda, tirando-lhe pelo braço.

— Até á volta — murmurou elle.

— Adeus, Carlos.

Permaneci no Caes do Sodré a vêl-o ir n'um bote que atracou ao vapor da carreira açoriana, e retirei-me quando a multidão dos barcos m'o encobriram. Chorei com pena e saudade.

Chegando a casa encontrei uma carta de Philomena, sem carimbo de terra. Abri-a com alvoroço, vi a data: era de Lisboa, escripta n'aquelle mesmo dia. Continha isto:

«Estou em Lisboa desde a madrugada com meus filhos. Constou-me que meu marido tinha chegado moribundo. Venho despedir-me d'elle, se o puder conseguir. Desejo muito ver o meu Carlos, muito, meu amigo. Será crueldade? Serei repellida? Deixar-me-hão levar-lhe as creancinhas? Diga-me se isto é um desatino. E, se não é, esclareça-me onde elle está. Hospedei-me no hotel da Estrella, rua da Prata. Sua obrigadissima, Philomena.»

Fui sem demora á hospedaria. Encontrei uma senhora que representava ter muito além dos quarenta annos, e esses bem golpeados de infortunios. Philomena devia ter, quando muito, trinta e trez. Metade dos cabellos encanecêra. A estatura, que tinha sido a sua maxima elegancia, pareceu-me diminuida e curvada. Trajava de preto, e menos de modestamente.

Não pude dissimular o meu espanto. Ella conheceu-o, sorriu-se e disse:

— Vê-me? escuso de lhe contar quanto hei soffrido. Aqui tem uma velha que era ha vinte e seis

annos uma creança com quem o senhor jogava os pinhões. Estou assim. Mas, em compensação, aqui tem duas flores que teem as raizes no coração d'esta pobre mãe. Veja como estão lindos os meus filhos... Estou-os creando assim formosos para a desgraça os envelhecer, passadas mais algumas primaveras...

Beijei os filhos de Carlos.

—Minha amiga, disse eu vencida a commoção—recebi n'este momento o seu bilhete. Chegava, quando o recebi, de ver embarcar seu marido...

—Para onde?!

—Para a Madeira. Hontem escrevi a vossa excellencia participando-lh'o. Se a minha amiga me consultasse, dir-lhe-ia que não viesse a Lisboa. Carlos não volta aqui, penso eu...

—Foi só?—acudiu ella anciadissima.

—E, se fosse só?...—condicionei eu por lhe adivinhar o intento.

—Se fosse só, seguil-o-iamos...

—Não foi só, minha senhora.

—Não?... Pois então...—balbuciou ella—Deus vá com elle... Voltaremos, filhos... Não vereis mais o vosso pae...

Os dois meninos aconchegaram se do seio da mãe com os olhos humidos.

—Elle não levou saudades d'estes anjos?—perguntou Philomena, com as faces inundadas de pranto.

—Fallou-me d'elles antes de hontem com muita saudade. Morre com elles no coração. Tambem me perguntou muito commovido se vossa excellencia teria soffrido privações...

—Tenho...—exclamou ella—mas eu trazia-lhe

aqui estas oitenta libras... Deixou-me cento e vinte... Ha dois annos que vivemos do que falta, e do meu trabalho, e da beneficencia de minha irmã... Se vê que elle as precisa, ahi as tem, mande-lh'as.

—E, depois, estes meninos vão pedir por portas...

—Irei eu com elles...

—Minha senhora, quando este dinheiro chegar ao Funchal, seu marido estará morto. Pensemos no seu destino, senhora D. Philomena. Este dinheiro é uma base pequena para edificar futuros; mas vejamos o que hade fazer-se. Vossa excellencia volta para a companhia de sua mana?

—Se não tiver outro remedio. Minhã irmã está pobre: o marido acabou de arruinar-se no jogo, e vem a Lisboa pedir um baixo emprego nas estradas. Outra minha irmã enviuvou ha trez mezes em Bragança. O marido era um general que nem monte-pio deixou. Ouvi dizer que alguns deputados vão pedir uma pensão para ella. Estamos assim todas.

—Dá-me então vossa excellencia a permissão de pensar no seu futuro até ámanhã?

—Pense n'estas duas creancinhas... pense de modo que ellas não sintam fome, se eu morrer.

*
* *

Um mez depois, Philomena era recebida n'um collegio de educação como professora de piano, e coadjutora da mestra de francez. Sua filha foi com ella, e Eduardo entrou como pensionista n'um col-

legio dirigido por um venerando sacerdote que dava ás creancinhas pouco abastadas ensino quasi gratuito.

Não assisti ao lance da separação. Devia de ser consternador! Mas, todos os domingos, Eduardo ia ver sua mãe e passear com ella e sua irmã.

As proprietarias do collegio affeiçoaram-se por maneira a D. Philomena que a consideravam mais sua socia que assoldada para o ensinamento. N'este viver pacifico e distraido pelo trabalho, a esposa de Carlos recobrou-se algum tanto, pelo que diz respeito ao vigor do espirito; quanto ao corporal, a velhice parecia medir-lhe as horas pelos annos das pessoas felizes.

Obtive, entretanto, que um amigo indagasse no Funchal noticias de Carlos Pereira. Li uma carta em que se respondia ás informações pedidas. Os medicos da terra julgavam-n'o doente irremediavel, e queixavam-se da barbaridade com que os de Lisboa sujeitavam um moribundo ás duplas agonias do enjôo do mar.

N'outra carta annunciava-se a subita partida de Carlos para Lisboa, no mesmo barco em que vinha a carta.

Occultei esta noticia de Philomena.

Procurei Antunes inutilmente durante trez dias, nas casas de tavolagem onde este amigo de Carlos pernoitava. Disseram-me que elle, acamaradado, com dois representantes de viso-reis da India, tinham roubado em fraudulento jogo a um marquez hespanhol, argentario celebrado em Portugal, vinte mil libras; e, depois da façanha, dividido o saque, se haviam emancipado das espeluncas ordinarias, passando a jogar em casas titulares.

Pude topar Antunes em uma casa titular, onde entrei juntamente com um alquilador, mais relacionado na casa do que eu: d'onde inferi que o senhor Antunes condescendia com o eclectismo do fidalgo que dava tavolagem na mesma sala onde tremiam de indignação, pendurados nas paredes, onze retratos de condes.

Chamei de parte o licito salteador do marquez hespanhol, e perguntei-lhe se sabia onde morava Carlos Pereira em Lisboa.

— Olhe, meu caro senhor, eu tenho aqui uma carta d'elle, que hontem recebi, mas ainda não tive occasião de o procurar. O homem, segundo entendo d'esta carta, vem muito mal de fortuna. Leia lá.

Recordo me do essencial da carta. Dizia que peiorára, e se sentia nas ultimas; que precisava ir para ares de campo; mas apenas tinha meia duzia de libras. Não pedia emprestimo nem esmola; mas rogava ao seu amigo Antunes que lhe arranjasse vinte libras sobre o seu relogio de patente e uma abotoadura de diamantes. Terminava dizendo que se hospedára no «Hotel das duas Irmãs», rua do Arsenal.

— Vê-se que está bastante necessitado... — disse eu tomando nota do hotel.

— Pois que quer? — observou o senhor Antunes, inquieto, relançando a vista ávida ao grupo dos jogadores. — Carlos é um doudo varrido... Não tem cinco réis de juizo...

— Nem de pão, d'aqui a pouco — accrescentei eu, medindo aquelle infame que comera por espaço d'um anno os lautos jantares de Carlos. E o senhor Antunes não está disposto a favorecel-o?

— Ah! sim, eu não duvido dar-lhe alguma coisa... Se o senhor vae para lá, leve-lhe esta nota de quatro libras...

— Entregue-a ao gallego que lhe trouxe a carta — disse eu repellindo a nota.

— O senhor offende-se?! — acudiu elle.

Não repliquei.

*

* *

Entendi que esconder este acontecimento de Philomena era prival-a da consolação de soccorrer seu marido. Quando, ao deante, ella soubesse que eu, sem poder justificar-me, occultára da sua santa alma a miseria do pae de seus filhos, sobeja rasão teria de arguir-me.

Fui, pois, n'aquella mesma noite ao collegio e tudo lhe referi.

A consternada senhora, sem me responder, abriu uma gaveta, e deu-me uma saqúinha, dizendo:

— Pouco tirei d'ahi. Paguei trez mezes no collegio a Eduardo, fiz algum fatinho aos dois pequenos; o resto ahi está. Se me quizer fazer a esmola de lh'o mandar...

— Levarei parte d'este dinheiro...

— Todo, todo.

— E o collegio de seu filho, minha senhora!

— O que Deus quizer. Pedirei a estas senhoras que me adeantem alguma coisa do meu ordenado, quando for tempo. Vá, vá, por quem é, levar-lhe o dinheiro.

Quando recebi o saquinho, senti o religioso fervor de beijar-lhe a mão.

Annunciei-me na hospedaria.

O criado voltou dizendo que o senhor Carlos estava descançando.

— Quem lh'o dísse? perguntei.

— A senhora d'elle.

— Diga a essa senhora que eu preciso fallar-lhe.

— Voltou o criado:

— A senhora manda dizer que não conhece o senhor.

Maravilharam-me os brios de Cassilda, e quedei-me alguns instantes perplexo.

— O dono da casa?

— As donas da casa estão com a senhora do hospede.

— Chame-as, que preciso dar-lhes um recado.

Voltou o criado e conduziu-me a uma sala.

Entraram duas lepidas damas, que deviam dar-se intimamente com Cassilda, segundo inferi de seus ademanes e tregeitos.

— Sinto incommodal-as, minhas senhoras. Sou portador de setenta libras para o sr. Carlos Pereira. Preciso entregar-lh'as hoje. Fazem-me obsequio de recebel-as, e entregar-lh'as?

— Pois não!...

— E dizer ao senhor Carlos que lh'as envia a mãe de Eduardo Pereira?...

— De Eduardo Pereira?

— Sim, minhas senhoras...

— Hade querer recibo?

— Se elle está descançando...

— Não... — gaguejou uma.

— Elle está acordado... — gaguejou outra.

— Esteja ou não, dispenso o recibo. Minhas senhoras, boa noite!

Esperava eu receber pela posta interna carta de Carlos a chamar-me com as ancias de uma alma muito agradecida á caridade da esposa; esperava que elle desejasse, pelo menos, saber se seu filho estava em Lisboa; e que posses tinha Philomena para generosidade tamanha e tanto a ponto.

Ao quarto dia suspeitei que elle tivesse expirado.

Mandei indagar no hotel, e soube que tinham saido para fóra da terra. Fui informar-me com as duas irmãs, e encontrei-as enfurecidas contra Cassilda, em rasão de saberem, á ultima hora, quem ella era e tinha sido.

— Uma libertina de tal raça encampar-se como esposa do tal seu amigo! — exclamava uma das irmãs. — Cassilda Arcourt! quem não conhece em Lisboa a Cassilda, que arruinou mais de uma duzia de rapazes do tom!

— Só rapazes? — aggravou a outra. E velhos!? Não te lembras do conde de *** e d'aquelle velho que se afogou, quando eramos pequenas?

— E atreveu-se a procurar um hotel honesto! — voltou a outra encolerisada.

Tive de enfrear os impulsos do riso, desafiados pela proverbial honestidade d'aquella estalagem, cujas donas tinham corações adequados ao officio, estalajadeiros a mais não ser. Cassilda, condemnada n'aquelle tribunal, não tinha já onde levar recurso de revista.

— Queiram dizer-me... — perguntei eu edificado da verecundia e pudicicia de taes damas — que disse Carlos Pereira quando recebeu o dinheiro?

— Perguntou quem o mandava muito espantado, e ficou a olher para Cassilda, e ella para elle. De-

pois saímos. A mana esteve a escutar a ver se percebia o espanto do homem, e...

— Pareceu-me que o Carlos chorava, e ella não dizia palavra—concluiu a outra.

— No dia seguinte—proseguiu a mais palavrosa — a Cassilda saiu para alugar casa no campo, e voltou á tardinha, dizendo que já tinha casa em Campolide. Começou logo a enfardelar a bagagem, e hontem á tarde partiram. O Carlos custou-lhe muito a descer as escadas. Um hospede, que nós cá temos, ia a passar e offereceu-lhe o braço; e foi esse hospede quem depois nos contou a bella joia que nós cá tinhamos tido. Elle conhecia Cassilda desde o tempo em que ella ainda se portava bem na casa do pae que teve hotel na rua Augusta, e contou-me que estava lá hospedado quando ella fugiu com um francez, e veio depois casada com outro. Se o senhor quizer saber a vida toda da tal pezêta o nosso hospede conta-lh'a.

— Obrigado, minhas senhoras. Sei de mais.

Despedi-me d'estas recreativas mulheres, louvando a Deus conservar-se ainda, e onde a gente menos o espera, alguma reliquia do antigo pudor portuguez.

*

* *

D. Philomena pedia-me instantemente que descobrisse em Campolide a pousada do marido. Não havia dissuadil-a de vêl-o e levar lhe os filhos! Profundamente religiosa, esta senhora desejava que o enfermo não saisse d'este mundo sem os soccorros da egreja e o seu perdão. Seria crueza, se não perversidade, impugnar-lhe tão santos sentimentos;

eu, porém, de mim para mim, cuidei sempre que a presença d'ella e filhos apressaria o trespasse de Carlos, para quem o viaticò e o perdão eram actos nem sequer lembrados como beneficios para a vida futura.

Andei pessoalmente averiguando a residencia de Carlos. Imaginava-o eu n'alguma das graciosas e floridas vivendas que por alli alvejam por entre verduras. Ahi é que eu o procurava, tirando inculcas de visinhos. Ia retirar-me desesperançado de encontral-o, quando na revôlta de um atalho, me saiu de rosto Carlos na janella unica de um casebre de pobre apparencia. Parei a olhar para elle, ainda mal seguro de que o fosse, quando Carlos me disse:

— Sou eu, sou; entra por essa cancellinha da horta... Desejava não morrer sem te dizer adeus...

Subi, e entrei n'uma salinha, contigua de uma alcôva... As paredes do quasi escuro recinto estavam ornadas de registos e veras effigies de santos, uns encaixilhados, outros grudados na cal. Vi um velho canapé de palhinha e duas cadeiras. Sobre o canapé se reclinou Carlos, amparando-se nos travesseiros.

— Que triste casa escolheste!—disse eu.

— Não é boa para se viver n'ella; mas é optima para quem morre. Como ante-camara de sepultura, tem bastante luz e adornos de mais. Este palacete é de uma lavadeira que mora aqui por baixo... — disse elle sorrindo.

— Mas...—interrompi pressurosamente—não tinhas recursos para melhor casa?

— Não.

— Não recebeste, ha quatro dias...?

— Setenta libras? Recebi; mas... se eu viver seis mezes, onde irei buscar recursos?...

— Estranho esse espirito de economia que te visita pela primeira vez!... Vives sósinho?

— Não. Cassilda foi a Lisboa procurar o doutor Barral... Tenho que te pedir perdão de me negar duas ou trez vezes quando me procuraste. Cassilda suspeitou que eras inimigo d'ella... Depois do nosso passeio ao Campo Grande... odiava-te.

— Que me faz isso? Eu não a odeio. As tuas infelicidades procedem de causas mais elevadas. Cassilda na tua existencia representa apenas... uma mulher. Saibamos, visto que estamos sósinhos: queres ver tua senhora?

— Onde está ella?— perguntou serenamente.

— E' professora de piano e francez n'um collegio.

— Essa infeliz...— volveu Carlos mais abalado — deu-me a esmola das suas economias...

— Não: era parte do dinheiro que lhe tinhas deixado.

— Dize-lhe que, se ha Deus, ella será recompensada.

— Já é. Tua senhora principia a sua glorificação n'este mundo. Deus tambem se manifesta áquem da morte.

— E os meus filhos? o meu Eduardo?

— Está n'um collegio. Desejas vel-o?

— Ardentemente. Se fosse possivel...

— E'.

— Eu te direi um dia em que esteja só.

— Isso é miseravel! Que tem que Cassilda veja o teu filho?

— E' verdade... tens rasão... O meu filho póde vir...

— E tua senhora? e a tua menina?

— Ora não vês que será isso matar-me? Que direi á desgraçada? que me dirá ella a mim? Não observas o meu estado? Isto está por dias... Quando me viste á janella, tinha eu chegado momentos antes, porque receei morrer asphyxiado n'este canapé. Tenho ataques de abafação que me levam ao extremo de cuidar que é chegada a hora.

— E sentes alento para receber o teu filho?

— Receio morrer... mas, se morrer...

E rompeu a chorar em pranto desfeito.

Eu fiquei como tranzido de dôr, olhando para elle, sem inspiração de palavra consolativa.

— Não, não quero ver o meu filho! — exclamou Carlos de golpe. — Espera que eu me levante d'esta prostração; qaando eu estiver melhor, então me farás o favor de m'o trazer. Iremos dar um passeio a Bellas; leval-o comtigo, e eu vou lá ter. Eu não queria magoar esta pobre mulher que me não hade sobreviver muitos dias...

— Quem? — perguntei, vencido pelo espirito de ironica incredulidade.

— Cassilda.

Sorri involuntariamente. Carlos franziu o sobr'olho, e murmurou com rancor:

— Sê barbaro para ella; mas sê tambem delicado para os moribundos.

— Não te afflijas, Carlos... — volvi eu algum tanto corrido da penetrante admoestação. — O teu filho virá quando tu ordenares.

— Pois sim — disse elle esquivamente.

*

* *

Relatei o dialogo a Philomena, instando-a a que não tentasse vêl-o. Pareceu-me que a convenci; pelo menos, obriguei a a não argumentar com as suas clausulas de sacramentos e perdões, idéas que, ás vezes, me tornavam suspeita a lucidez intellectual d'esta senhora... Apresso-me a repellir a calumnia de algum mal-intencionado. Os sacramentos e os perdões considero-os sacratissimos, quando se pedem. Ungir um moribundo inconscio, ou perdoar a um culpado incontricto são documentos falsos para a salvação de uma alma. Philomena theologizava d'outro feitio, e talvez estribada em boas auctoridades.

Um dia recebi um bilhete de Carlos Pereira n'estes termos: «Quero ver o meu Eduardo; mas en-«carrega algum criado do collegio de o conduzir. «Desculpa me. O meu fim é não aguar o jubilo de «o ver. Entende-me, meu amigo...»

Entendi. Cassilda teimava em odiar-me, e eu apenas podia despresal-a, reservando o meu arrependimento para quando ella justificasse os dramas e os romances da escola, onde ella aprendera a parecer sublime.

Communiquei o bilhete a D. Philomena, que se encarregou de mandar o menino com um criado do collegio.

A virtuosa senhora... mentiu. O termo é duro; mas perdoe-m'o a sua piedosa indulgencia. Os santos tambem se desviaram do prumo da verdade, quando a inexactidão aggravava o seu martyrio.

Saiu Philomena com os seus dois filhos, cami-

nho de Campolide. Deu informações ao boleeiro, e colheu outras d'uma lavadeira, que succedeu ser a senhoria de Carlos.

A sege ficou na estrada. Era estreito o quinchôso por onde a lavadeira ia guiando a senhora, e contando-lhe os disvelos com que D. Cassilda tratava o marido.

— O marido... d'ella? — perguntou Philomena.

— Sim, eu acho que elles são casados — disse a mulher — mas, se não são, por alma lhe preste... Ou não são? perguntou a lavadeira, cruzando os braços, e parando em frente da senhora.

— Vamos... — disse Philomena. Andae, filhos.

— Acho que não são casados... tornou a mulher. — Por isso hontem os dois medicos que cá vieram, quando elle esteve a dar a alma ao seu Creador, iam a dizer por aqui fóra: «Em que mãos caiu este desgraçado!» Então pelos modos as mãos eram as da tal D. Cassilda!... Querem vocês ver?...

Dados alguns passos, a lavadeira mostrou a sua porta a D. Philomena, dizendo:

— A entrada é pela cancella da horta; mas a senhora póde ir pela loja onde eu móro, e subir pela escada de dentro, que eu tenho a porta fechada por cá.

Philomena entrou convulsa, sentou se n'uma arca, por não poder suster-se, chamou para junto de si os meninos; e, pondo o dedo indicador sobre os beiços, parecia escutar.

Em quanto ella recobra animo, vejamos o que passa em cima.

Ao anoitecer do dia anterior, Carlos, agitado em

extrema anciedade, disse á consternada enfermeira que sentia a morte ou a necessidade de se matar. Os tuberculos estendendo-se até ao mesentério causavam-lhe grandes dôres, ao mesmo tempo que a dispnea lhe angustiava a respiração. Cassilda, como, durante o dia, ouvisse Carlos repetidas vezes fallar no filho, suppoz que as peioras da doença prendiam com a saudade. Assim que foi dia, partiu ella para Lisboa a chamar o medico, e levou o bilhete de Carlos que me foi entregue por um gallego. O medico tinha saido meia hora antes de Philomena chegar, deixando o doente mais socegado, e meio adormecido com muito sensivel allivio. Não obstante, Cassilda, pedindo ao doutor, e obtendo a mais sincera opinião sobre o estado de Carlos, preparou-se para o vêr morrer na proxima noite ou por todo o dia seguinte. Na occasião em que Philomena se sentou, escutando, estava Carlos vestido e deitado no colchão posto sobre o pavimento. Cassilda, sentada á cabeceira, amparava-lhe a cabeça n'um dos braços, e com a mão do outro desempastava-lhe os cabellos humidos de sobre as fontes.

— Olha que me sinto muito bem...—dizia elle. —Tenho somno... creio que vou adormecer... deita me no travesseiro a cabeça...

— Adormece no meu braço—dizia ella.

— Não, que te incommodo, minha pobre filha.

Este dialogo ouvia-se na loja da lavadeira, atravez de um tabique fendido que formava o mainel da escada interior.

Philomena ergueu-se energicamente, proferida a ultima palavra do marido, e disse:

— Abra-me a porta...

Quiz ella seguir a mulher; mas os joelhos dobraram-se-lhe sobre o ultimo degrau da ingreme escada.

A lavadeira abriu a porta, que nunca tinha aberto, e disse para baixo:

— Quem heide dizer que procura o senhor Carlos?

— Que é ?! — bradou elle espantado de ver abrir-se aquella porta pela primeira vez.

E, como Philomena não respondesse á pergunta, a senhoria, satisfazendo á anciedade do doente, disse:

— E' uma senhora com um menino e uma menina.

— Ah! exclamou Cassilda levantando-se de salto, em attitude de fugir.

— Onde vaes, filha? — rouquejou Carlos, erguendo-se a meio corpo.

— E' tua mulher e teus filhos! — segredou ella inclinando-se-lhe ao ouvido.

— E' impossivel!... é impossivel! — bradou o moribundo esticando-se sobre os braços que vergavam debaixo do tronco.

— Suba, minha senhora — dizia a lavadeira.

N'este lance, Cassilda Arcourt correu turvadamente para o quintal.

— Vem cá! não me fujas, não me fujas, que eu morro, Cassilda!... — bradava Carlos, em pé, cambaleando, com as mãos recurvas na cabeça.

Philomena subiu mais alguns degráos, levando os meninos adeante de si, e disse soluçando a Eduardo.

— Entra, meu filho, entra... vae ver teu pae...

O menino entrou medroso e quasi impellido pela lavadeira; mas, á vista d'aquelle pavoroso homem de compridas barbas, em pé, com os olhos spas-

modicos, sem algum vestigio de seu pae que não lhe esquecera, fez pé atraz para fugir de aterrado.

Carlos, ao vêl-o, exclamou:

— E's tu, meu filho?... és tu? Vem cá, Eduardo!...

E deu dois passos vacillantes no taboado com os braços estendidos para a creança.

N'este instante, Philomena assomou ao topo da escada com a menina, e correu para elle levando cada filho por sua mão, e bradando:

— O' Carlos! ó filho da minha alma!...

O moribundo recuou, teve-se em pé um instante em convulsões, caiu em joelhos, estendeu um braço proferindo «Eduardo» mas já o não via, por que a sua mão pousára no rosto da menina. Philomena achegou lhe do peito o filho; elle inclinou a face como se quizesse beijal-o; mas nos labios de Carlos o que estremecia então era o ultimo alento. A face desceu, desceu, até encontrar o amparo do braço de Philomena.

Estava morto.

*

* *

Vae, martyr e algoz! Vae, alma funesta que compendiaste no derradeiro instante as agonias de treze annos! Esse teu acabar, se não fosse instantaneo, seria o maior supplicio que viram homens! Eu não sei se em tuas pupilas mortas ficou espelhada a imagem da mulher que deixáras bella, e ahi viste envelhecida e rugosa, como phantasma vingativo! Ai! não era! Lagrimas de amor misericordioso eram essas que ella verteu na tua face fria!

Vae, suicida, que primeiro arrancaste de tua al-

ma todos os liames que podiam honrar e santificar tuas dores. Ao teu ultimo lampejo de luz, viste a victima entre dois anjos; olhaste em ti, e viste o opprobrio, a repulsão, o morrer entre o remorso e a blasphemia talvez!

Vae, creança, que choraste, orphã aos oito annos!

Vae, coração aberto em flôr, que, á primeira paixão, te encheram de torpe fel.

Vae, esposo d'um anjo resgatado, antes que a peçonha de teu coração lhe inoculasse a morte.

Vae, ó pae extremosissimo que choravas e oravas ao pé do leito de teu filho, e ahi mesmo presentias o crepitar distante da aza negra da paixão fatal que te havia de entranhar no peito farto lodo amassado em sangue.

Desfaz-te ahi n'essa vala obscura, aos trinta e trez annos, homem que apenas tiveste uma lagrima de estranhos, e o reparo glacial do coveiro, que, no recalcar da enxada, parecia querer esmagar os embriões d'alguma ervinha que podesse reverdecer da tua leiva.

Dae-lhe, ó Senhor, o repousar infinito, se para estes desgraçados não ha em tantos milhares das vossas estrellas um reviver nos résplendores da luz perpetua!

Conclusão

PHILOMENA saiu apoz o cadaver do marido.

A gente do campo viu passar um esquife em uma seje; e depois, em outra, duas creanças que amparavam a cabeça de sua mãe...

Aquelle espectaculo silencioso tinha a singela solemnidade que faz chorar.

E o povo chora, quando entende as angustias assim despidas de visualidades.

A viuva, ao separar-se da sege que se apartava para o cemiterio dos Prazeres, disse aos filhos:

—Dizei-lhe adeus!

E o mais velho, descobrindo-se, murmurou:

—Adeus, meu pae!...

*
* *

Eram passados seis mezes, quando os jornaes de Lisboa e Porto imprimiram o seguinte annuncio:

Em Lisboa, na rua dos Capellistas, 110, precisa fallar-se ao illustrissimo senhor Carlos Pereira, sobre objecto do seu interesse.

Fui auctorisado pela senhora D. Philomena a procurar o annunciante.

— E' o senhor Carlos Pereira? — perguntou-me um respeitavel capitalista.

— Carlos Pereira morreu, ha seis mezes.

— Sim? E quem deixou?

— Viuva e dois filhos.

— Estão em Lisboa?

— Sim, senhor.

— Pois que se habilitem para succederem na herança de um tio de Carlos Pereira, que deixa toda a sua «fortuna» ao sobrinho, ou filhos de seu sobrinho se elle não viver; e além d'isso, deixa um legado especial de trinta contos a seu afilhado Eduardo, que penso ser um dos pequenos.

— E'. Qual «fortuna» calcula vossa senhoria que seja a dos dois filhos de Carlos?

— Não sei; mas o que posso dizer-lhe é que o primeiro dos tios que morreu deixou ao segundo que morreu agora trezentos contos fracos. Poder-se-ha dobrar a herança, sem lhe errar uma duzia de contos.

*
* *

Levei esta noticia a D. Philomena.

Cuidava eu, homem de instinctos pecuniosos, que a viuva, no auge do seu jubilo, soffreria alguma syncope.

Contei o caso com as mais engenhosas precauções, afim de evitar o embate subito da fausta nova.

Ouviu-me com serenidade, e disse afinal a viuva:

— Ainda bem que Deus se apiedou dos meus filhos. Veja o meu amigo que descançada vida reservava a Providencia para o meu pobre Carlos!

—Vossa excellencia provavelmente sahe do collegio...—disse eu, maravilhado do frio desprendimento d'esta senhora.

— Não, meu amigo. Porque heide eu sair?... Se não tivesse encargos e obrigações, teria estalado de paixão. O trabalho é preceito e remedio divino. Estas senhoras teem sido para mim duas santas amigas. Aqui ficarei com minha filha, onde a sua educação hade continuar como se houvesse de ser pobre. Quando eu era collegial no Porto, meu amigo, suppunha-me das meninas mais ricas e esperançosas de afortunada vida. Afinal, vim aqui converter em pão o que lá aprendi como prendas necessarias a uma senhora de boa sociedade. Desejo, portanto, que minha filha nunca se persuada que um grande dote em dinheiro é mais seguro que o direito do trabalho ao estipendio. Quanto a meu filho... pedirei a Deus que o brilho do ouro lhe não deslumbre o espectaculo da morte de seu pae. Estou preparando para elle um livro...

— Um livro?! Escripto por vossa excellencia?

— Sim. E' a vida do meu marido. Quando Eduardo tiver dezesseis annos, dir lhe-hei: «Este manuscripto ajunta o á tua herança. E' o dote que recebes de tua mãe.»

Eduardo Pereira tem hoje quinze annos.

E' natural que este livro alumie a obscuridade e explique os discretos silencios do manuscripto de sua mãe.

EPILOGO

Cassilda Arcourt

A morte é uma pavorosa chimera.

Não ha morte. A alma é faisca da luz eterna. O corpo é molecula da materia universal. Esta palavra da philosophia é novissima com dois mil annos de idade.

Não ha morte nem vida: ha fórmas. Isto tambem é novo. Disse-o Heraclito, depois Aristoteles, depois eu. D'aqui a trez seculos este axioma torna a ser novissimo.

Mas a morte, no entender de theologos, de fabulistas, de poetas e auctores de necrologias, existe.

Figuram-n'a muito mana e acamaradada com os conquistadores que juncam de cadaveres a terra. Dão lhe como armas a fome e a peste, os diluvios e as séccas, as paixões homicidas e os livros estafadores.

Semelhante allegoria tem que ver com Cassilda Arcourt. Esta mulher foi instrumento da morte:

embora a pathologia assevere que as suas victimas falleceram de aneurisma, de asphyxia, de tuberculos, de anazarcas.

Cassilda, a exterminadora, tinha direito á bemquerença da Fatalidade que lhe ervára o punhal com que ella coava aos corações as nevralgias dilacerantes.

Chegou a hora do premio.

Sentia-se Cassilda a envelhecer aos trinta e cinco annos, e os seus ultimos vestidos a esphacelarem-se.

Vivia n'um quinto andar, onde a fome ia trepando.

E completamente esquecida.

Nem odio nem caridade se lembravam d'ella.

Mas, ás vezes, sentia rebates do seu passado e murmurava: «Se eu quizesse...»

*

* *

Retrocedamos.

A lavadeira tinha perguntado á viuva de Carlos se era d'ella, se de Cassilda o espolio do morto.

— Nada tenho aqui — respondeu Philomena.

Levado o cadaver, entrou Cassilda com uma mulher que a tinha agasalhado quando fugia.

Abriu a gaveta de uma commoda, e encontrou o restante dinheiro que Philomena enviára ao marido. Embolçou-o.

Fechou as suas malas, e saiu para Lisboa.

A senhoria do casebre me contou depois que Cassilda expedia uns gritos afflictissimos, e fazia declamações espantosas, em quanto enfardelava a sua bagagem.

— E Philomena que fez? perguntei eu.

— Só se lhe viam as bagadas no rosto como punhos; mas palavras nem uma nem duas.

Cassilda tinha uma irmã que não vira no decurso de dezoito annos. Era a proprietaria do hotel de seu pae, e casára honradamente.

Procurou-a e pediu-lhe o seu amparo.

A irmã queria recebel-a condicionando-lhe que nem diria o seu nome nem se deixaria vêr dos seus hospedes.

Cassilda acceitava; mas o cunhado expulsou-a, dizendo que tinha filhas, e que as não queria empéstadas, nem a sua casa infamada.

A expulsa não se entendeu a si, nem entendeu o mundo, como era de esperar da sua congenial esperteza e leitura. Estavam ainda actuando n'ella as novellas das rehabilitações, a alchimia dos que promettem converter lodo em diamantes e tirar de esgotos fragrancias. Não obstante, quando saiu affrontada da casa de seu cunhado, disse entre si «Que desgraçada me fez Carlos! Onde elle me deixou!»

Alugou quarto n'um quinto andar, confiada no aniquilamento, antes que se lhe esvaisse a bolça que trouxera de Campolide. Uma noite, acariciou-a a idéa do suicidio. Ergueu-se febril. Mirou-se n'um espelho de viagem, e achou-se bella. Olhou á volta de si, e viu os seus vestidos de setim antiquados e desmerecidos, e as suas caixas das joias, vasias. «Que importa ser bella? disse Cassilda á sua imagem — o homem que olhar para os teus vestidos avaliará por elles a tua formosura. Mata-te, miseravel, antes que a fome te envelheça!»

A morte, para dissuadir a sua cumplice, fez-lhe uma temerosa carranca, e sacudiu-lhe os nervos

horrorisados. «Não tenho coragem!» murmurou Cassilda olhando para duzentas cabeças de fosforos diluidos n'um calix d'agua.

Remirou-se no espelho e disse:

«Se eu quizesse...»

*

* *

Tres mezes depois d'este colloquio com o espelho em um quinto andar d'uma travessa esquálida do Bairro Alto, entrou no Passeio do Rocio, ás dez da noite, uma senhora arrastando a cauda de uma capa escarlate com borlas pretas. Os grupos de homens atravessavam-se no passeio central para a verem repassar com o entono, com a magestade, com o ar de realeza antiga que dá uma capa roçagante a uma mulher que mesura os passos como as rainhas tragicas.

Eu estava a um lado, conversando com um companheiro de collegio de Carlos Pereira sobre as encadeadas desventuras do nosso amigo.

Como sou muito myope, disse ao meu interlocutor provinciano:

— Que mulher é esta para quem olham todas e todos?

— Não sei; mas já reparei que é petulantemente gentil.

Avisinhou se um dos elegantes mais entendido em formosura, e disse-nos:

— Ella ahi está mais linda do que era!

— E la quem?— perguntei.

— Cassilda Arcourt.

— Cassilda! — objectei eu.— Olhe que não se en-

gane! Ha trez mezes me disseram que essa mulher estava desgraçada e velha!...

— Conheceu-a? — replicou o cavalheiro.

— Vi-a muitas vezes.

— Pois vá reconhecel-a, que ella ahi vem.

— Basta-me a sua affirmativa—desisti eu.—Sabe dizer-me quem substituiu o defunto Carlos Pereira?

— Então o senhor onde tem estado? nos antipodas?

— No Minho.

— Pois eu o illustro em duas palavras. Esta mulher foi casada com um francez...

— Mr. Prosper Arcourt, sei...

— Sabe tambem que o marido a roubou?

— Sei, e que fugiu.

— De Paris passou á India franceza, onde esteve doze annos, e voltou rico. Chegou a França, comprou uma casa acastellada nas margens do Rhône, onde vivia principescamente, quando morreu. A sua herdeira era Cassilda. Foi procurada em Lisboa e encontrada n'um quinto andar; saiu d'ahi para França; e, quando voltou á patria, foi residir n'um palacete a Buenos-Ayres. Aqui tem a actual amante de***.

As tres estrellas significam um dos personagens de primeira plana em Portugal. E os novos livros de *cadeau*, que recebe Cassilda, teem estampada em relevo uma corôa de duque.

*

* *

Bravo, Cassilda!

Este livro acabaria mais ao gosto moderno, se tu

morresses de saudade ou de fome. Como obra de arte seria o meu romance um primoroso desmentido á natureza; mas a tua catastrophe daria que pensar! E as tuas consocias entrariam em catechese de rehabilitação, assim nociva para ellas quanto ridicula para os assopradores do *ephta* restaurativo da pureza virginal. Tolheste-me a novella até certo ponto; mas aliviaste-me do remorso de ter prophetisado que serias sempre abjecta!

Bravo, Cassilda!

Tens um duque a teus pés...

Onde irás tu? Onde te verei eu?

A tua cabeça está alta; mas acima de ti a escada dos prodigios conta ainda muitos degráos.

Olha sempre para a tua estrella, Cassilda! Que as estrellas, depois da ultima revolução do globo, perderam o pudor!

Sobe, sobe, Cassilda!

E, na altura onde estás, se te mover, como desfastio, o desejo de lêr este livro.... compra-o.

FIM

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas.— Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos : — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.